

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
CENTRO DE POLÍTICAS PÚBLICAS E AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM GESTÃO
E AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO PÚBLICA**

Neirivone Marques Rezende do Amaral

**Baixo desempenho em Matemática dos alunos de uma escola estadual do Vale
do Jequitinhonha no Proeb: caminhos para superação**

Juiz de Fora
2025

Neirivone Marques Rezende do Amaral

**Baixo desempenho em Matemática dos alunos de uma escola estadual do Vale
do Jequitinhonha no Proeb: caminhos para superação**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão e Avaliação da Educação Pública.

Orientador: Professor Dr. Marcel de Toledo Vieira

Juiz de Fora

2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Amaral, Neirivone Marques Rezende do.

Baixo desempenho em Matemática dos alunos de uma escola estadual do Vale do Jequitinhonha no Proeb: caminhos para superação / Neirivone Marques Rezende do Amaral. -- 2025. 155 f.

Orientador: Marcel de Toledo Vieira
Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação/CAEd. Programa de Pós-Graduação em Gestão e Avaliação da Educação Pública, 2025.

1. Fatores associados ao baixo desempenho. 2. Simave/Proeb. 3. Matemática. I. Vieira, Marcel de Toledo, orient. II. Título.

Neirivone Marques Rezende do Amaral

Baixo desempenho em Matemática dos alunos de uma escola estadual do Vale do Jequitinhonha no PROEB: caminhos para superação

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão e Avaliação da Educação Pública. Área de concentração: Educação

Aprovada em 11 de março de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof.(a) Dr.(a) Marcel de Toledo Vieira Orientador

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.(a) Dr.(a) Miriam Raquel Piazzzi Machado

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.(a) Dr.(a) Janaina Moreira de Oliveira Goulart

Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro

Juiz de Fora, 19/02/2025.



Documento assinado eletronicamente por Marcel de Toledo Vieira, Professor(a), em 17/03/2025, às 11:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Miriam Raquel Piazzini Machado, Usuário Externo, em 25/03/2025, às 19:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Janaina Moreira de Oliveira Goulart, Usuário Externo, em 14/04/2025, às 15:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador 2256410 e o código CRC AA6E6769.

Dedico este trabalho ao meu marido com quem tenho dividido a vida nos últimos 25 anos e quero dividir mais essa conquista e aos meus filhos por me inspirarem todos os dias a ser uma pessoa melhor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e a Nossa Senhora por terem sido o meu suporte durante esse período me permitindo superar todas as dificuldades encontradas.

Aos meus pais, Jovino (*in memorian*) e Terezinha, por me dar a vida e sempre terem acreditado no poder transformador da educação.

À minha mãe que foi minha primeira professora e me introduziu no universo das letras e números. Trabalhou como professora leiga em uma época em que as condições de trabalho eram ainda mais difíceis que as atuais e mesmo assim exerceu com maestria a missão de oferecer instrução para crianças e jovens da zona rural de Comercinho. Minha eterna gratidão!

Ao meu marido, Gilmar, por todo apoio e dedicação e por ter assumido os cuidados com o meu pequeno Breno para que eu pudesse me dedicar aos estudos.

Aos meus filhos por serem a minha inspiração diária para seguir em frente.

Aos meus irmãos e familiares, por serem sempre um apoio e compreenderem as minhas ausências para me dedicar aos estudos.

Ao Professor Orientador Dr. Marcel de Toledo Vieira pelas orientações tão necessárias.

À Professora assistente de suporte acadêmico Priscila Campos Cunha pelo acompanhamento sistemático, auxílio na melhoria da qualidade da dissertação, transmitindo sempre muita tranquilidade e confiança.

Aos colegas de trabalho da escola pesquisada que se dispuseram a participar da pesquisa.

À Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais por oportunizar minha participação neste mestrado devido ao convênio com a UFJF.

“O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, e inda mais alegre ainda no meio da tristeza!” (João Guimarães Rosa, 1986, p. 293).

RESUMO

A presente dissertação foi desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública (PPGP) do Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (CAEd/UFJF). A pesquisa se justifica a partir da análise de resultados do Proeb que indicam que a Escola Estadual Joaquim Santos Costa apresenta aproximadamente 80% dos alunos do 9º ano entre os níveis baixo e intermediário. A análise dos resultados do Proeb compreendeu o período de 2018 a 2023 e os dados foram obtidos a partir do Sistema de Monitoramento da Aprendizagem (CAEd/UFJF) e do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Tem como objetivo geral analisar os fatores relacionados ao baixo desempenho dos alunos no 9º ano do ensino fundamental da E. E. Joaquim Santos Costa em Matemática nas avaliações do Simave/Proeb, identificando suas possíveis causas e como objetivos específicos: (i) descrever a escola estudada apresentando suas características de infraestrutura, de quadro de pessoal e de práticas pedagógicas e também o contexto onde ela está inserida; (ii) analisar os desafios encontrados pela E. E. Joaquim Santos Costa no trabalho de gestão pedagógica com relação ao baixo desempenho dos alunos nas avaliações do Proeb e (iii) propor estratégias para minimizar os efeitos dos fatores associados ao baixo desempenho dos alunos, visando um trabalho mais efetivo no atendimento a esses alunos e, conseqüentemente, na melhoria do desempenho da escola. Como instrumentos de coleta de dados, foram utilizados a pesquisa bibliográfica e documental, visando à obtenção de índices numéricos correspondentes às variáveis abordadas e entrevista semiestruturada com os professores, especialistas e o diretor, verificando assim a percepção desses atores sobre os problemas vivenciados pela escola. O resultado da pesquisa apontou fragilidades na apropriação dos resultados e no atendimento aos alunos com baixo desempenho, além de dificuldade em estabelecer uma parceria forte com as famílias. Para tentar resolver ou minimizar os problemas detectados, propõe-se um Plano de Ação Educacional pautado na formação continuada dos professores a partir de práticas efetivas de análise dos resultados dos alunos nas avaliações internas e externas para embasar a elaboração e execução de planos de intervenção pedagógica, visando atender aos alunos que se encontram com baixo desempenho e dificuldade de

aprendizagem. Ações para fortalecer a parceria entre famílias e escola também foram pensadas.

Palavras-Chave: Fatores associados ao baixo desempenho, Simave/Proeb, Matemática.

ABSTRACT

This dissertation was developed within the scope of the Professional Master's Degree in Management and Evaluation of Public Education (PPGP) of the Center for Public Policies and Education Evaluation of the Federal University of Juiz de Fora (CAEd/UFJF). The research is justified by the analysis of Proeb results that indicate that the Joaquim Santos Costa State School has approximately 80% of 9th grade students between low and intermediate levels. The analysis of the Proeb results covered the period from 2018 to 2023 and the data were obtained from the Learning Monitoring System (CAEd/UFJF) and the National Institute of Studies and Educational Research Anísio Teixeira (INEP). The general objective is to analyze the factors related to the low performance of students in the 9th grade of elementary school at E. E. Joaquim Santos Costa in Mathematics in the Simave/Proeb assessments, identifying their possible causes and as specific objectives: (i) describe the school studied, presenting its characteristics of infrastructure, staff and pedagogical practices and also the context in which it is inserted; (ii) analyze the challenges encountered by E. E. Joaquim Santos Costa in the pedagogical management work in relation to the low performance of students in the Proeb assessments and (iii) propose strategies to minimize the effects of the factors associated with the low performance of students, aiming at a more effective work in serving these students and, consequently, in improving the school's performance. Bibliographic and documentary research were used as data collection instruments, aiming to obtain numerical indexes corresponding to the variables addressed, and semi-structured interviews with teachers, specialists and the principal, thus verifying the perception of these actors about the problems experienced by the school. The results of the research pointed out weaknesses in the appropriation of results and in the service to low-performing students, in addition to difficulties in establishing a strong partnership with families. In order to try to solve or minimize the problems detected, an Educational Action Plan is proposed based on the continued training of teachers based on effective practices of analysis of student results in internal and external assessments to support the elaboration and execution of pedagogical intervention plans, aiming to serve students who are low-performing and have learning difficulties. Actions to strengthen the partnership between families and schools were also considered.

Keywords: Factors associated with low performance, Simave/Proeb, Mathematics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1	-	Padrões de desempenho dos alunos no Proeb e Proalfa.....	25
Quadro 2	-	Reforço escolar de 2022 a 2024 da E. E. Joaquim Santos Costa	31
Quadro 3	-	Reuniões Pedagógicas e administrativas da E. E. Joaquim Santos Costa	34
Gráfico 1	-	Proficiência da E. E. Joaquim Santos Costa de 2018 a 2023 em Língua Portuguesa e Matemática -----	43
Gráfico 2	-	Proficiência em Língua Portuguesa da E. E. Joaquim Santos Costa. – Comparativo entre escola, SRE e o estado de Minas Gerais -----	445
Gráfico 3	-	Proficiência em Matemática – comparativo entre escola, SRE e o estado de Minas Gerais. -----	456
Quadro 4	-	Habilidades do Proeb 2023 que os alunos do 9º ano da E. E. Joaquim Santos Costa que tiveram o menor percentual de acertos.	50
Quadro 5	-	Reuniões pedagógicas da E. E. Joaquim Santos Costa com a pauta das avaliações externas de 2020 a 2023	55
Quadro 6	-	Habilidades da avaliação diagnóstica 2024 que os alunos do 6º ano da E. E. Joaquim Santos Costa tiveram o menor percentual de acertos	62
Quadro 7	-	Relação de servidores entrevistados/formação/tempo de atuação no estado/vínculo empregatício/número de turno e modalidade de ensino que trabalha.....	81
Quadro 8	-	Potencialidades e dificuldades no contexto investigado	112
Quadro 9	-	Achados da pesquisa, análise e planejamento de ações.....	116
Quadro 10	-	Detalhamento das Ações propostas para o Plano de Ação Educacional.	121
Quadro 11	-	Modelo de enquête a ser utilizada com as famílias	129
Quadro 12	-	Instrumento de monitoramento e avaliação do PAE	135

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de turmas e alunos da E. E. Joaquim Santos Costa em 2024, por turno.....	27
Tabela 2 - Número de servidores da E. E. Joaquim Santos Costa em 2024	29
Tabela 3 - Percentual de abandono dos alunos da E. E. Joaquim Santos Costa nos últimos cinco anos (2019-2023)	38
Tabela 4 - Percentual de reprovação dos alunos de 2019 a 2023	39
Tabela 5 - Percentual de distorção idade/série dos alunos da E. E. Joaquim Santos Costa entre os anos de 2019 a 2023	40
Tabela 6 - Ideb da Escola Estadual Joaquim Santos Costa nas últimas cinco edições (2015-2023)	41
Tabela 7 - Percentual de alunos do 9º ano da E. E. Joaquim Santos Costa nos padrões de desempenho na Prova Brasil em Língua Portuguesa – Saeb (2015-2021).....	42
Tabela 8 - Percentual de alunos do 9º ano da E. E. Joaquim Santos Costa nos padrões de desempenho na Prova Brasil em Matemática – Saeb (2015-2021).....	42
Tabela 9 - Percentual de alunos do 9º ano da E. E. Joaquim Santos Costa nos padrões de desempenho no Proeb em Língua Portuguesa (2018-2023)	467
Tabela 10 - Percentual de alunos do 9º ano da E. E. Joaquim Santos Costa nos padrões de desempenho no Proeb em Matemática (2018-2023)	488
Tabela 11 - Resultado final das avaliações internas de Matemática dos alunos do 9º ano da E. E. Joaquim Santos Costa no período de 2018 a 2023.....	489
Tabela 12 - Percentual de alunos do 6º ano da E. E. Joaquim Santos Costa nos padrões de desempenho da avaliação diagnóstica, em Matemática (2023-2024).....	612

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACLTA	Professor de Apoio a Comunicação, Linguagem e Tecnologias Assistivas
ASB	Auxiliar de Serviços de Educação Básica
ATB	Assistente Técnico da Educação Básica
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAEd	Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação
CRMG	Currículo Referência de Minas Gerais
DED	Diário Escolar Digital
EEB	Especialistas em Educação Básica
EJA	Educação de Jovens e Adultos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Ideb	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano do Município
INSE	Indicador de Nível Socioeconômico das Escolas de Educação Básica
Inep	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MEC	Ministério da Educação
PAAE	Programa de Avaliação da Aprendizagem Escolar
PAE	Plano de Ação Educacional
PDI	Planos de Desenvolvimento Individual
PEB	Professor de Educação Básica
PEUB	Professor para Uso da Biblioteca
PIB	Produto Interno Bruto
PIP	Plano de Intervenção Pedagógica
PPGP	Programa de Pós-graduação em Gestão e Avaliação da Educação Pública
Proalfa	Programa de Avaliação da Alfabetização
Proeb	Programa de Avaliação da Rede Pública de Educação Básica
Reanp	Regime Especial de Atividades Não Presenciais
SEE/MG	Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais
Saeb	Sistema de Avaliação da Educação Básica
Sigae	Sistema de Gestão para o Avanço Contínuo da Educação
Simave	Sistema Mineiro de Avaliação e Equidade da Educação Pública
SRE	Superintendência Regional de Ensino
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
Unimontes	Universidade Estadual de Montes Claros

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	A AVALIAÇÃO EM LARGA ESCALA NA ESCOLA ESTADUAL JOAQUIM SANTOS COSTA	19
2.1	AVALIAÇÃO EXTERNA EM NÍVEL NACIONAL - SAEB (SISTEMA DE AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA).....	20
2.2	O SISTEMA MINEIRO DE AVALIAÇÃO E EQUIDADE DA EDUCAÇÃO BÁSICA (SIMAVE)	22
2.3	ASPECTOS CARACTERÍSTICOS E ORGANIZACIONAIS DA ESCOLA ESTADUAL JOAQUIM SANTOS COSTA	26
2.4	OS RESULTADOS EDUCACIONAIS DA ESCOLA ESTADUAL JOAQUIM SANTOS COSTA NO SAEB E NO PROEB	38
2.5	POSSÍVEIS FATORES ASSOCIADOS AO BAIXO DESEMPENHO EM MATEMÁTICA DOS ALUNOS DA ESCOLA ESTADUAL JOAQUIM SANTOS COSTA	53
2.5.1	Apropriação dos resultados pela escola.....	53
2.5.2	Nível socioeconômico e participação da família na vida dos estudantes	59
2.5.3	Alunos com defasagem de aprendizagem no 6º ano do ensino fundamental	61
2.5.4	Alto índice de reprovação e distorção idade/série no ensino fundamental	63
3	OS FATORES QUE INTERFEREM NOS RESULTADOS DO SIMAVE/PROEB, EM MATEMÁTICA: UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS GESTORES E PROFESSORES DA ESCOLA ESTADUAL JOAQUIM SANTOS COSTA	65
3.1	FATORES ASSOCIADOS AO DESEMPENHO ESCOLAR	65
3.2	APROPRIAÇÃO DOS RESULTADOS DAS AVALIAÇÕES EM LARGA ESCALA	74
3.3	METODOLOGIA DE PESQUISA.....	79
3.4	ANÁLISES DOS DADOS	85

3.4.1	Conhecimento e importância das avaliações externas	86
3.4.2	Fatores extraescolares associados ao desempenho dos alunos	88
3.4.3	Fatores intraescolares associados ao desempenho dos alunos	96
3.4.4	Apropriação dos resultados das avaliações externas	105
3.4.5	Síntese dos achados da pesquisa	110
4	PLANO DE AÇÃO EDUCACIONAL (PAE)	114
4.1	FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFISSIONAIS DA ESCOLA E MELHORIA DO ATENDIMENTO AOS ALUNOS ATRAVÉS DA CRIAÇÃO DE PLANO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	124
4.2	RODAS DE CONVERSA COM OS ESTUDANTES	126
4.3	FORTALECIMENTO DA PARCERIA ESCOLA/FAMÍLIA	128
4.4	PROJETO “PARA CASA: AMPLIANDO O TEMPO DE APRENDER” ...	131
4.5	MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO DAS AÇÕES REALIZADAS.....	133
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
	REFERÊNCIAS	141
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA OS PROFESSORES DE MATEMÁTICA DA ESCOLA ESTADUAL JOAQUIM SANTOS COSTA	147
	APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA OS PROFESSORES DE OUTROS COMPONENTES CURRICULARES DA ESCOLA ESTADUAL JOAQUIM SANTOS COSTA.....	149
	APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA ESPECIALISTA EM EDUCAÇÃO BÁSICA / DIRETOR ESCOLAR DA ESCOLA ESTADUAL JOAQUIM SANTOS COSTA.....	151
	APÊNDICE D TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	153

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação trata do desempenho de estudantes analisado a partir dos resultados da Escola Estadual Joaquim Santos Costa¹ nas avaliações em larga escala em Matemática no 9º ano do ensino fundamental, considerando dados do Sistema Mineiro de Avaliação e Equidade da Educação Pública – Simave. A escola se localiza em Comercinho, cidade com uma população estimada de 6.660 habitantes, no Vale do Jequitinhonha, Nordeste de Minas Gerais, e pertence à Superintendência Regional de Ensino – SRE de Araçuaí (IBGE, 2024).

O interesse para a realização do presente estudo decorre da minha atuação como especialista em educação básica/supervisor escolar, onde trabalho no turno matutino com os anos finais do ensino fundamental e ensino médio. A minha formação se inicia com o magistério na mesma escola e logo depois comecei a trabalhar como professora de anos iniciais na rede municipal de Comercinho e permaneço até os dias atuais. Já como professora, cursei o normal superior e pedagogia, ambas na Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Também fiz pós-graduação em supervisão escolar e biblioteconomia. Iniciei o meu trabalho como especialista em educação básica em 2006 em uma escola da rede estadual da zona rural e, em 2007, comecei a trabalhar nesta escola, onde atuo até hoje, sendo efetiva desde 2017.

Ao longo desses 17 anos tenho percebido a grande dificuldade que a escola apresenta para trabalhar com os alunos com baixo desempenho. Faz-se necessário realizar uma investigação mais aprofundada para compreender o problema e propor estratégias e ações eficazes para a prática pedagógica. A direção, os especialistas e os professores precisam desse auxílio na busca eficiente da qualidade do ensino, no âmbito educacional, ofertado aos estudantes e assim, propiciar a melhoria dos resultados educacionais e da qualidade da educação.

Ao analisar os resultados, constatei que o baixo desempenho apresentado por um número considerável de alunos persiste ao longo dos anos. Por isso é necessário pensar em estratégias de ensino que contribuam para reverter esse quadro, investigando quais elementos podem estar associados à manutenção dessa situação.

¹ Foi usado um nome fictício para assegurar em sigilo o nome da escola e preservar o anonimato dos participantes da pesquisa.

Dessa forma, a pesquisa pode ajudar a aperfeiçoar a minha prática, possibilitando a adoção de novas abordagens, trazendo melhorias para a escola, onde a pesquisa foi desenvolvida.

Esta pesquisa visou responder à seguinte questão norteadora: Quais os fatores podem estar associados ao baixo desempenho dos alunos do 9º ano do ensino fundamental, na disciplina de Matemática, no Simave/Proeb da E. E Joaquim Santos Costa? Dessa maneira, foi definido como objetivo geral: analisar os fatores relacionados ao baixo desempenho dos alunos no 9º ano do ensino fundamental da E. E. Joaquim Santos Costa em Matemática nas avaliações do Simave/Proeb, identificando suas possíveis causas. Como desdobramentos do objetivo geral, foram definidos também os objetivos específicos da seguinte maneira: (i) descrever a escola estudada apresentando suas características de infraestrutura, de quadro de pessoal e de práticas pedagógicas e também o contexto onde ela está inserida; (ii) analisar os desafios encontrados pela E. E. Joaquim Santos Costa no trabalho de gestão pedagógica com relação ao baixo desempenho dos alunos nas avaliações do Proeb e (iii) propor estratégias para minimizar os efeitos dos fatores associados ao baixo desempenho dos alunos, visando um trabalho mais efetivo no atendimento a esses alunos e, conseqüentemente, na melhoria do desempenho da escola.

Este estudo se justifica pelo reconhecimento da importância das avaliações externas como instrumento para autoavaliação da instituição escolar e da sua equipe e para a melhoria no processo ensino-aprendizagem.

Ao fazer as análises dos resultados da escola e de estudar vários autores como Soares (2004/2007), Palermo; Silva; Novelino (2014), Alves; Soares (2008), Andrade; Laros; Marciano (2017), Matos et al. (2017), Soligo (2010), Machado (2017) e Alavarse; Bravo; Machado (2013), levantei as seguintes hipóteses para o baixo desempenho apresentado pela escola: dificuldade da escola na apropriação dos resultados; alunos que chegam ao 6º ano sem estarem alfabetizados ou com grande defasagem de aprendizagem no componente curricular de Matemática; famílias em situação de vulnerabilidade, com grandes dificuldades socioeconômicas e que participam pouco na vida escolar dos filhos; alto índice de reprovação no ensino fundamental. Todas essas hipóteses foram averiguadas ao longo do desenvolvimento da pesquisa e se confirmaram.

Esta dissertação está organizada em cinco capítulos. O capítulo um – Introdução - é uma breve apresentação do trabalho, a contextualização da escola e a

minha apresentação como pesquisadora, bem como a relação com a escola pesquisada.

O capítulo dois traz o caso de gestão desta pesquisa. A primeira seção contextualiza o papel que a avaliação externa assumiu no Brasil como instrumento de gestão educacional com a criação do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) e da Prova Brasil, e como estão estruturadas. A segunda seção descreve a estrutura organizacional do Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Básica (Simave) de Minas Gerais. Faz uma breve descrição desse sistema e as avaliações que fazem parte: Programa de Avaliação da Alfabetização (Proalfa), Programa de Avaliação da Rede Pública de Educação Básica (Proeb) e avaliação formativa.

A terceira seção apresenta e analisa os aspectos característicos e organizacionais da Escola Estadual Joaquim Santos Costa situando o contexto do caso de gestão. A quarta seção traz os resultados da escola nos últimos cinco anos nas avaliações externas do Saeb e Proeb por meio da apresentação dos indicadores de desempenho, bem como a análise dos dados apresentados e dos dados relativos à reprovação e distorção idade/série dos alunos ao longo desses anos. Encerrando o capítulo dois, na última seção estão possíveis hipóteses para o baixo desempenho dos alunos nas avaliações externas, a partir da análise de algumas evidências encontradas.

O capítulo três é analítico, onde apresento o referencial teórico sob o qual me baseei para a realização do trabalho e a metodologia utilizada na pesquisa. Esta seção foi dedicada a uma discussão teórica em torno das avaliações externas: fatores associados ao baixo desempenho nas avaliações e como o desempenho escolar influencia nos seus resultados. A exposição foi realizada à luz de estudos sobre o tema, com seus desafios e possibilidades, apoiados nos estudos dos autores já citados.

A metodologia utilizada para a coleta de dados foi à realização de entrevistas semiestruturadas com os professores de Matemática, professores de outros componentes curriculares, especialistas e o diretor. Foram apresentadas e analisadas as percepções dos participantes da pesquisa sobre os fatores associados ao baixo desempenho dos alunos, baseadas em suas práticas docentes e em seu fazer diário.

Sob a perspectiva de vários autores, que discutem sobre os fatores associados ao baixo desempenho, discorri sobre os dados da pesquisa. Mediante o levantamento

de dados, foi possível conhecer os que interferem nos resultados e os possíveis motivos do baixo desempenho dos alunos nas avaliações externas do Proeb. Entre os fatores relacionados com a defasagem dos alunos que chegam à escola estão: a falta de um trabalho organizado e monitorado com os alunos que se encontram no baixo desempenho; a dificuldade das famílias em acompanhar e orientar os filhos além do desinteresse dos alunos na realização das atividades em sala de aula e na realização das avaliações externas.

No quarto capítulo, a partir dos fatores apontados, propus o Plano de Ação Educacional (PAE) a ser apresentado à equipe escolar, como um possível caminho a ser percorrido na busca de resultados melhores para o processo de ensino-aprendizado e, conseqüentemente, para o desempenho dos alunos nas avaliações externas. O PAE tem como finalidade resolver ou amenizar os efeitos dos problemas existentes na escola pesquisada. Proponho a criação e a implementação de ações com vistas à melhoria dos resultados do desempenho escolar, tanto relacionados às famílias, buscando aproximá-las da escola, quanto oferecendo oportunidade para os alunos se posicionarem sobre o fazer pedagógico da escola. Além disso proponho ações internas como a formação continuada para os professores, elaboração do planejamento a partir da análise dos dados das avaliações externas e internas e a elaboração de planos de intervenção pedagógica para atender aos alunos que se encontram no baixo desempenho.

No quinto e último capítulo, apresento as considerações finais sobre como a pesquisa foi desenvolvida, com suas limitações e possibilidades. Aponto alguns temas que poderão ser estudados ou aprofundados em pesquisas futuras, bem como as possibilidades de execução do PAE que será proposto à escola em estudo.

2 A AVALIAÇÃO EM LARGA ESCALA NA ESCOLA ESTADUAL JOAQUIM SANTOS COSTA

Este capítulo tem o objetivo de apresentar o caso de gestão que investiga os fatores relacionados ao baixo desempenho em Matemática dos alunos do 9º ano da E. E. Joaquim Santos Costa, situada no Vale do Jequitinhonha, interior de Minas Gerais, segundo dados do Simave/Proeb, entre 2018 e 2023². Apesar de considerar importante a realização da pesquisa em um período de tempo maior, optei pelo recorte dos últimos cinco anos em virtude de a pesquisa no mestrado ser de dois anos sendo necessário fazer escolhas mais objetivas.

O capítulo está dividido em cinco seções. A primeira trata do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), Prova Brasil e o que é o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), mostrando a importância das avaliações externas para a busca da qualidade na educação pública. Traz a periodicidade, formato e o público-alvo da avaliação nacional.

A segunda seção trata do Sistema Mineiro de Avaliação e Equidade da Educação Pública (Simave) no contexto estadual de Minas Gerais, e os programas que fazem parte desse sistema: Proalfa, Proeb e avaliações formativas, com suas características e público-alvo. São apresentados os padrões de desempenho e as matrizes de referência do Proeb. Faço uma reflexão a respeito da importância dessas avaliações para a busca de qualidade na educação mineira.

Na terceira seção apresento alguns dados do município onde a escola está localizada como localização geográfica, Índice de Desenvolvimento Humano do Município (IDHM), Produto Interno Bruto (PIB) *per capita*, percentual da população ocupada, renda média, Ideb do ensino fundamental e ensino médio, entre outras informações sobre o contexto em que a escola pesquisada está inserida. Descrevo a escola quanto à estrutura física, número de turmas e alunos, níveis e modalidades de ensino oferecido, número de servidores, projetos desenvolvidos, reuniões pedagógicas e administrativas e como se dá a apropriação dos resultados das avaliações externas pela escola e mostro como a escola se relaciona com os pais dos

² Em virtude da pandemia, não houve avaliações do Proeb no ano 2020.

alunos e a comunidade local. Na medida em que é apresentado o contexto a ser investigado, é possível compreender as razões que justificam esta pesquisa.

Na quarta seção apresento os resultados da escola nas avaliações externas no período de 2018 a 2023 e as evidências do caso de gestão. Estes são analisados e contextualizados, no intuito de identificar possíveis causas que contribuíram para o baixo desempenho dos estudantes do ensino fundamental em Matemática. São discutidos os desafios a serem superados pela gestão no intuito de encontrar possíveis caminhos que favoreçam a melhoria da aprendizagem na escola.

Na quinta e última seção do capítulo dois, apresento as hipóteses para o baixo desempenho da escola e a importância da investigação para verificar as causas do problema.

2.1 AVALIAÇÃO EXTERNA EM NÍVEL NACIONAL - SAEB (SISTEMA DE AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA)

Já há alguns anos, a avaliação educacional em larga escala vem se consolidando como uma ferramenta indispensável para a produção de diagnósticos mais precisos e assertivos sobre a qualidade da educação ofertada. Segundo Alves; Martins; Miranda (2019), as avaliações externas, mais do que indicadores de dados para formulação de políticas públicas, transformaram-se em um indicador de qualidade, levando à preocupação com a melhoria do desempenho. Bonamino; Souza (2012, p. 381) complementam afirmando que “a avaliação deve servir tanto para uso dos gestores dos sistemas, quanto na orientação do planejamento e do trabalho pedagógico nas escolas”. Não é possível aumentar a proficiência³ dos alunos sem que isso repercuta na melhoria da qualidade do ensino.

A avaliação é de fundamental importância para que aconteçam mudanças visando atender ao dever do estado de oferecer uma educação gratuita e de qualidade, e ao direito da população de recebê-la (Minas Gerais, 2024). O uso de testes padronizados de desempenho contribui para a garantia do direito à educação e da aprendizagem adequada na idade certa. Nesse sentido, Alves; Martins; Miranda

³ A proficiência escolar, medida pelos testes, pode ser entendida como o domínio das habilidades que o aluno atingiu nas disciplinas que a prova afere (Klein, 2009).

(2019) afirmam haver indícios de que a avaliação externa tem produzido efeitos positivos no trabalho docente, se destacando dentre as diferentes políticas educacionais em desenvolvimento.

Bonamino; Souza (2012) colocam que o objetivo das avaliações externas é melhorar a qualidade do ensino, através de parâmetros de gestão dos sistemas educacionais para todos os estudantes. Sendo assim, as escolas trabalham procurando seguir um padrão mínimo de qualidade expresso nos documentos oficiais que regem a educação. Seguindo essa mesma linha de pensamento Aguiar (2018, p. 13-14) diz que:

As avaliações externas, através das informações colhidas, possibilitam a identificação de prioridades, pontos fortes e fragilidades para traçar estratégias visando alcançar a eficácia das ações e a otimização dos investimentos no setor e identificam quais são os fatores intra ou extraescolares que favorecem ou limitam a aquisição das competências esperadas.

Sendo assim, as avaliações externas permitem à escola fazer uma autoavaliação e corrigir rumos para que melhore a qualidade da educação para todos os alunos.

Com o objetivo de avaliar de forma diagnóstica a qualidade da educação oferecida pelas escolas brasileiras, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC), desenvolve a Prova Brasil e o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb). A Prova Brasil é realizada a cada dois anos e avalia o desempenho em Língua Portuguesa e Matemática dos estudantes da 4ª série (5º ano) e da 8ª série (9º ano) do ensino fundamental das escolas públicas, urbanas e rurais, com mais de 20 alunos na série. São 22 questões de cada disciplina, divididas em blocos de 11 perguntas. Para o nono ano do ensino fundamental são 26 questões por disciplina, em blocos de 13 arguições. O tempo para responder a cada bloco é de 25 minutos para ambas as séries (Brasil, 2024). Através da Prova Brasil é possível determinar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) da escola (Brasil, 2024).

O Ideb foi criado em 2007 e reúne, em um só indicador, os resultados de dois conceitos igualmente importantes para a qualidade da educação: o fluxo escolar e as médias de desempenho nas avaliações. Esse índice varia de 0 a 10 e é calculado a partir dos dados sobre aprovação escolar, obtidos no censo escolar, e das médias de

desempenho no Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb). A combinação entre fluxo e aprendizagem procura equilibrar as duas dimensões: qualidade da educação e rendimento escolar (aprovação) (Brasil, 2024). A frase que se encontra na Nota Técnica resume a filosofia do programa:

Um sistema de ensino ideal seria aquele em que todas as crianças e adolescentes tivessem acesso à escola, não desperdiçassem tempo com repetências, não abandonassem a escola precocemente e, ao final de tudo, aprendessem (Nota técnica) (Brasil, 2024).

A E. E. Joaquim Santos Costa participa do Saeb no 9º ano do ensino fundamental e na 3ª série do ensino médio. Nessa pesquisa analisei os dados do 9º ano em Língua Portuguesa e Matemática. A análise desses resultados se encontra na seção quatro deste capítulo descritivo.

Seguindo a tendência do Inep, e a necessidade de avaliação e acompanhamento da aprendizagem dos alunos, vários estados adotaram seus próprios sistemas de avaliação. O estado de Minas Gerais criou, em 2000, o Sistema de Avaliação da Educação Pública (Simave) (Bonamino; Sousa, 2012) que apresento na próxima seção.

2.2 O SISTEMA MINEIRO DE AVALIAÇÃO E EQUIDADE DA EDUCAÇÃO BÁSICA (SIMAVE)

Seguindo o direcionamento do país, o estado de Minas Gerais criou, no ano de 2000, o Sistema Mineiro de Avaliação e Equidade da Educação Pública (Simave), através de uma parceria técnico-pedagógica entre a Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais (SEE/MG), com o Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (CAEd/UFJF) e conta com três programas de avaliação: Programa de Avaliação da Alfabetização (Proalfa), para o 2º ano do ensino fundamental; Programa de Avaliação da Rede Pública de Educação Básica (Proeb), para os alunos do 5º e 9º anos do ensino fundamental e da 3ª série do ensino médio e as avaliações formativas, para os alunos do 2º ano do ensino fundamental a 3ª série do ensino médio (Minas Gerais, 2024). A partir da edição de 2024, as avaliações do Proalfa e Proeb, passaram a ser chamadas de avaliações externas somativas (Minas Gerais, 2024).

O Programa de Avaliação da Alfabetização (Proalfa) passou a integrar o Simave em 2006 avaliando o 2º e 3º anos do ensino fundamental. Atualmente contempla apenas o 2º ano. Ele avalia as competências e habilidades dos componentes curriculares de Língua Portuguesa (Leitura e Escrita) e Matemática, necessárias ao processo de alfabetização, dos alunos do 2º ano do ensino fundamental das escolas estaduais do estado de Minas Gerais, abrangendo inclusive as redes municipais de ensino. Nessas avaliações também são aplicados questionários contextuais para os gestores municipais, diretores escolares e professores, com objetivo de obter dados sobre o nível socioeconômico e a trajetória escolar dos estudantes, o perfil dos professores, a infraestrutura da escola e as características da gestão escolar (Minas Gerais, 2024).

As avaliações do Proeb são aplicadas anualmente e contam com a participação das escolas da rede estadual e das redes municipais mineiras, avaliando o nível de apropriação de conhecimentos e habilidades alcançadas pelos estudantes em Língua Portuguesa e Matemática. São avaliados o 5º e 9º anos do ensino fundamental e a 3ª série do ensino médio, de forma censitária (Minas Gerais, 2024).

O Programa de Avaliação da Aprendizagem Escolar (PAAE) fez parte do programa de avaliação do Simave, mas em 2021 foi substituído pelas avaliações formativas, para os estudantes da educação básica da rede estadual, matriculados do 2º ano do ensino fundamental a 3ª série do ensino médio, incluindo as modalidades regular, integral e Educação de Jovens e Adultos (EJA), em todos os componentes curriculares, com exceção de Ensino Religioso. Para os alunos público da educação especial as provas são aplicadas conforme a rotina da escola. As provas podem ser impressas pela escola e aplicadas aos alunos ou estes podem fazer a prova digital, no aplicativo Conexão Escola ou via web, através do e-mail institucional criado pela SEE para os alunos (Minas Gerais, 2024).

Quando a prova é impressa se faz necessário que a escola lance as respostas dos alunos no sistema e este gera os resultados, permitindo aos professores elaborarem planos de intervenção pedagógica para trabalhar com as habilidades não consolidadas pelos discentes. Após os lançamentos, o portal Simave disponibiliza as informações por escola e por aluno para que a instituição possa fazer a apropriação dos resultados e os planos de intervenção pedagógica. Os conteúdos avaliados estão de acordo com o plano de curso e o Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG) para o bimestre e ano escolar em que se encontram (Minas Gerais, 2024).

No período da aplicação das avaliações do Proeb, além dos testes cognitivos, alunos, professores dos componentes curriculares avaliados e diretores respondem a questionários contextuais. Os alunos respondem a um questionário com perguntas relacionadas ao padrão de vida, características culturais, hábitos de estudos, características familiares, apoio familiar e ao ambiente escolar. No questionário dos professores, são apresentadas questões relativas às características sociodemográficas, formação profissional e prática pedagógica (Minas Gerais, 2024). O questionário do diretor é aplicado para apurar dados relativos às características sociodemográficas, bem como titulação e características do exercício profissional, além de avaliação geral das condições da escola e do trabalho dos professores (Franco; Calderón, 2017).

O portal Simave disponibiliza várias revistas pedagógicas que compõem as coleções de divulgação dos resultados das avaliações. São elas: Revista de Resultados Avaliações Trimestrais, Revista da Escola Língua Portuguesa e Matemática - Alfabetização, Revista do Professor - Língua Portuguesa e Matemática, Revista da Rede – Redes Estaduais e Redes Municipais, Revista Contextual (Minas Gerais, 2024). Os conteúdos dessas publicações oferecem direcionamentos para a leitura, interpretação e a análise dos resultados. Possibilita que os profissionais da rede e da escola possam discutir e refletir a respeito do planejamento pedagógico. Viabiliza assim, a construção de estratégias e iniciativas focadas nas dificuldades de aprendizagem dos estudantes avaliados (Minas Gerais, 2024).

Ao longo dos anos, os resultados obtidos no Simave têm auxiliado na implementação, reformulação e monitoramento de políticas educacionais, contribuindo ativamente para a melhoria da qualidade da educação no estado e na promoção da equidade. Essa contribuição acontece à medida que a equipe escolar compreende e utiliza os resultados para a reflexão sobre a prática e o replanejamento das ações pedagógicas da escola.

As avaliações externas contam com matrizes de referência, onde são descritas as habilidades básicas, consideradas essenciais para o desenvolvimento cognitivo dos estudantes ao longo das etapas de escolaridade. Essas habilidades são selecionadas a partir do currículo de cada disciplina e organizadas para dar origem

aos itens que compõem os testes. A matriz de referência⁴ é elaborada a partir do currículo, mas não deve ser confundida com ele, sendo o currículo mais amplo e nem todas as habilidades podem ser avaliadas através de uma prova. É necessário que esses documentos sejam do conhecimento de todos os envolvidos nas avaliações.

Os padrões de desempenho correspondem ao conjunto de determinadas tarefas que os alunos são capazes de realizar, de acordo com as habilidades que desenvolveram, e cada padrão agrupa estudantes com desempenho similar. O quadro 1 apresenta os padrões de desempenho estudantil estabelecidos para o Programa de Avaliação da Rede Pública de Educação Básica (Proeb) e o Programa de Avaliação da Alfabetização (Proalfa) e as suas características. Dentro de cada padrão de desempenho ainda é possível separar por níveis conforme a proficiência dos alunos e de acordo com as capacidades apresentadas.

Quadro 1 - Padrões de desempenho dos alunos no Proeb e Proalfa

Padrão de Desempenho	Pontuação	Características
Baixo	Até 200 pontos	Este padrão reúne estudantes com carência de aprendizagem para o desenvolvimento das habilidades e competências mínimas requeridas para a conclusão da etapa de escolaridade em que se encontram. São estudantes que necessitam de ações pedagógicas de recuperação.
Intermediário	De 200 a 275 pontos	Este padrão agrupa estudantes que ainda não demonstram ter desenvolvido adequadamente as habilidades e competências essenciais para a sua etapa de escolaridade. Demandam atividades de reforço na aprendizagem.

⁴ O termo Matriz de Referência ou Quadro Conceitual (em inglês *Framework*) é utilizado especificamente no contexto das avaliações em larga escala para definir o construto e os fundamentos teóricos de cada teste ou questionário que compõe a avaliação, indicar as habilidades ou traços latentes a serem medidos e orientar a elaboração de itens (Brasil, 2024).

Recomendado	De 275 a 325 pontos	Este padrão reúne estudantes que consolidaram o desenvolvimento das habilidades e competências previstas para a etapa de escolaridade. Entretanto, ainda requerem ações para aprofundar a aprendizagem.
Avançado	Acima de 325 pontos	Este padrão agrupa estudantes com desenvolvimento além do esperado para a sua etapa de escolaridade, os quais precisam de estímulos para continuar avançando no processo de aprendizagem.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do Simave (2024).

O portal Simave permite que a escola faça o monitoramento das avaliações formativas. Depois que os cadernos digitais e impressos são disponibilizados, é possível verificar se eles estão sendo feitos pelos estudantes previstos. Para isso é necessário acompanhar os indicadores quantitativos de cadernos finalizados pelos estudantes e dos lançamentos das avaliações (Minas Gerais, 2024). Com esse monitoramento é possível analisar se as avaliações atingiram os alunos previstos, o que ela pode dizer sobre as novas práticas e atividades propostas e buscar formas para que sejam cada vez mais abrangentes (Minas Gerais, 2024). O portal não oferece possibilidade de monitoramento para as avaliações somativas (Proeb e Proalfa).

2.3 ASPECTOS CARACTERÍSTICOS E ORGANIZACIONAIS DA ESCOLA ESTADUAL JOAQUIM SANTOS COSTA

A E. E. Joaquim Santos Costa está localizada no município de Comercinho que tem uma população estimada de 6.660 pessoas. É um dos municípios mais pobres do estado de Minas Gerais e do Brasil. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) em 2010 era de 0,593. Em 2021 tinha um PIB *per capita* de R\$10.285,11. Na comparação com outros municípios do estado, ficava nas posições 806 de 853 entre os municípios do estado e na posição 4807 de 5570 entre todos os municípios do país. O salário médio mensal era de 1,8 salários-mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 7,11%. Considerando domicílios com

rendimentos mensais de até meio salário-mínimo por pessoa, tinha 52% da população nessas condições, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2024. Esgotamento sanitário adequado está presente em apenas 31,5% das residências (IBGE, 2024).

Esses dados impactam na qualidade da educação. Em 2010, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade era de 99,1%. Em relação ao Ideb, no ano de 2021, era 5,2 para os anos iniciais do ensino fundamental na rede pública e 4,6 para os anos finais, segundo dados do IBGE (2024).

O município onde a escola está localizada fica no Vale do Jequitinhonha, nordeste de Minas Gerais. A escola pertence à Superintendência Regional de Ensino (SRE) de Araçuaí. É a única escola da sede do município que oferece os anos finais do ensino fundamental e o ensino médio nas modalidades, regular e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Atende alunos da zona rural e urbana em três turnos, conforme mostra a Tabela 1.

Tabela 1 - Número de turmas e alunos da E. E. Joaquim Santos Costa em 2024, por turno

	Turno matutino 7h às 11h20min		Turno vespertino 12h30min às 17h40min		Turno noturno 18h às 21h30min	
	Turmas	Alunos	Turmas	Alunos	Turmas	Alunos
EF regular	4	100	0	0	0	0
EF tempo integral	4	118	4	118	0	0
EM regular	3	101	3	92	0	0
EM EJA	0	0	0	0	1	12
Curso técnico informática	0	0	0	0	1	19
Total de turmas e alunos	11	319	7	210	2	31

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do Simade (2024)

O turno matutino atende preferencialmente os alunos da zona rural e usuários do transporte escolar. São quatro turmas do ensino fundamental parcial, quatro turmas do ensino fundamental em tempo integral e três turmas do ensino médio regular. No turno vespertino, além das quatro turmas do ensino fundamental em tempo integral tem também três turmas de ensino médio regular. No turno noturno tem uma turma do 1º período da EJA – ensino médio e uma turma do curso técnico em informática. 33,54% dos alunos residem na zona rural e são usuários do transporte escolar (Simade, 2024).

O ensino fundamental em tempo integral iniciou, na escola, no ano de 2021 com duas turmas, sendo uma do 8º e outra do 6º ano. No ano de 2022 o quantitativo de turmas aumentou para três (6º, 7º e 9º anos); em 2023 permaneceram três turmas (6º, 7º e 8º anos) e em 2024 funcionou com quatro turmas de todos os anos finais do ensino fundamental. Os alunos permanecem na escola por dois turnos (manhã e tarde) onde almoçam e tem um professor responsável pelo acompanhamento dos alunos nesse período. Em 2024 houve também a convocação de uma especialista em educação básica (coordenadora pedagógica) para acompanhar essas turmas, que atende nos dois turnos, em dias alternados. Os discentes têm aulas dos conteúdos básicos e das atividades integradoras, conforme matriz curricular⁵ de cada ano de escolaridade que são ministradas, em grande parte, pelos professores efetivos da escola e na falta destes, por professores contratados (Minas Gerais, 2022). Os alunos da zona rural não frequentam o tempo integral, pois o transporte escolar só atende o turno matutino, exceto na terça-feira quando os alunos do novo ensino médio⁶ e do reforço escolar têm aulas no contraturno e nesse dia tem transporte escolar também à tarde.

O novo ensino médio iniciou na escola em 2022, inicialmente com as turmas da 1ª série, em 2023 com as turmas da 1ª e 2ª série e em 2024 na 1ª, 2ª e 3ª séries. Conta com dois professores coordenadores, sendo um para cada turno. Eles trabalham por 8 horas aulas semanais com a formação dos professores em parceria com o EEB. Por questão de logística e dificuldade no transporte diário dos alunos, a

⁵ Documento norteador que organiza os componentes curriculares que serão ensinados na escola.

⁶ Criado por meio da Medida Provisória nº 746 e sancionada pela Lei nº 13.415. Esta reforma propõe a ampliação da carga horária e a flexibilização da grade curricular.

escola, em comum acordo com a Secretaria Municipal de Educação, optou em oferecer aos alunos do turno matutino, quatro dias com cinco módulos aulas de 50 minutos e um dia com dez módulos aulas de 50 minutos, sempre às terças-feiras. No turno vespertino, os alunos possuem seis módulos-aulas de 50 minutos todos os dias da semana.

A escola conta ao todo com 11 salas de aula em tamanho adequado para atender os alunos, sendo que duas são equipadas com quadro branco, computador e data show, as demais possuem apenas o quadro branco. Possui uma biblioteca que teve o acervo bibliográfico renovado em 2024, facilitando o acesso dos alunos a livros diversificados; uma quadra coberta para as aulas práticas de educação física e para a realização dos eventos escolares; uma sala de vídeo equipada com notebook e data show; e um laboratório de informática. Ainda falta um laboratório de ciências em condições adequadas para uso e um auditório para os eventos escolares. O quadro de servidores da escola é mostrado na Tabela 2.

Tabela 2 - Número de servidores da E. E. Joaquim Santos Costa em 2024

Cargo	Quantidade de servidores
Diretor	01
Vice-diretor	01
Secretária	01
Especialista em educação básica - EEB	03
Professor para uso da biblioteca (PEUB)	02
Professor de apoio à comunicação, linguagem e ⁷ tecnologias assistivas (ACLTA)	02
Professor de educação básica - regente de aulas - PEB	31
Professor em adjunção ⁸	01
Assistente técnico da educação básica – ATB	04
Auxiliar de serviços de educação básica - ASB	10

⁷ Termo usado na SEE/MG para se referir ao professor que trabalha com aluno público da educação especial.

⁸ Professor exercendo outras atividades na escola e não a regência, conforme laudo médico.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do Educacenso (2024)

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola é elaborado com a participação de todos os segmentos da comunidade escolar. Durante a elaboração, são feitas várias reuniões, algumas só com os servidores da escola e outras com a participação de pais e alunos. Primeiro é feito o diagnóstico da escola (Onde estamos?) para analisar o contexto em que a escola está inserida e as características da comunidade atendida. Depois, são pensados os objetivos a serem alcançados (Onde queremos chegar?). E por último, elabora o plano de ação (Como chegaremos lá? O que fazer?). O Plano de Ação é feito para um período de três anos. O último PPP da escola foi elaborado em 2021 para o triênio de 2022/2023/2024.

Para atender os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem, a escola participa do programa de reforço escolar em Língua Portuguesa e Matemática, oferecido pela SEE/MG, que visa atender as turmas com o maior número de alunos não alfabetizados e a maior quantidade de notas abaixo da média, de acordo com os lançamentos dos professores no Diário Escolar Digital (DED).

Em 2022, a escola contratou um professor de Língua Portuguesa e um de Matemática para trabalhar com essas turmas, sendo duas aulas de cada componente curricular por semana, no contraturno, sempre às terças-feiras à tarde, conforme quadro de horários da escola. No ano de 2023 apenas o 8º ano foi contemplado com o reforço escolar, mas com um único professor alfabetizador que trabalhava com os dois componentes curriculares. O registro das atividades trabalhadas e da frequência dos alunos é feito diariamente no DED. Os professores trabalham em parceria com os regentes da turma para focar naquelas capacidades não consolidadas pelos alunos. O documento orientador do reforço escolar traz a proposta do programa:

O reforço escolar consiste em um conjunto de ações que vislumbra o atendimento dos estudantes da educação básica por meio de aulas extras, ou seja, além da sua jornada de ensino regular. O programa pretende potencializar o aprendizado dos estudantes bem como a melhoria do fluxo escolar, garantindo ações diferenciadas e eficazes de retomada das habilidades não desenvolvidas pelos estudantes em Língua Portuguesa e Matemática, conforme a necessidade de cada um (Minas Gerais, 2022, p.5).

O quadro 2 apresenta como foi o reforço escolar na escola entre os anos de 2022 e 2024, com as turmas atendidas, o número de alunos e de docentes de cada turma.

Quadro 2 - Reforço escolar de 2022 a 2024 da E. E. Joaquim Santos Costa

Ano	Turma atendida	Número de alunos	Número de docentes
2022	6º ano Reg 01 – EF	18	Um professor de Língua Portuguesa e um professor de Matemática.
	7º ano Reg 01 – EF	15	Um professor de Língua Portuguesa e um professor de Matemática.
	8º ano Reg 01 – EF	19	Um professor de Língua Portuguesa e um professor de Matemática.
	3ª série Reg 01 – EM	19	Um professor de Língua Portuguesa e um professor de Matemática.
2023	8º ano Reg 01 – EF	14	Um professor alfabetizador que trabalha com Língua Portuguesa e Matemática.
2024	6º ano Reg 01 – EF	20	Um professor alfabetizador que trabalha com Língua Portuguesa e Matemática.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do Simade (2024)

Como mostra o quadro 2, o reforço escolar teve início no ano de 2022, atendendo quatro turmas, sendo três do ensino fundamental e uma turma do ensino médio. Em 2023 houve continuidade atendendo uma turma do 8º ano do ensino fundamental. Em 2024 funcionou com uma turma do 6º ano do ensino fundamental para atender aos alunos não alfabetizados.

O Programa Jovem de Futuro é uma parceria público-privada entre a Secretaria de Estado da Educação e o Instituto Unibanco. O foco principal do programa é a gestão escolar voltada aos resultados de aprendizagem, objetivando garantir o acesso, permanência e a conclusão do ensino médio no tempo certo buscando a alavancagem dos índices educacionais mediante qualificação e fortalecimento de

gestão escolar e educacional. A metodologia utilizada no programa é o circuito de gestão onde a cada ciclo, avanços são conquistados e novos desafios identificados e enfrentados (Instituto Unibanco, 2024).

O programa teve início em Minas Gerais no ano de 2019, através da assinatura do acordo técnico de cooperação entre Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais - SEE/MG e o parceiro Instituto Unibanco. Em 2020 foi necessário o adiamento da implementação com o fornecimento apenas de apoio à gestão e ao gerenciamento da crise com os estados parceiros devido à pandemia de Covid-19. Em 2021 houve a retomada do programa, primeiramente remoto e depois, após o avanço da vacinação, de forma presencial (Instituto Unibanco, 2024).

A escola elabora e executa um plano de ação para atender todos os alunos e tem como objetivo atuar sobre três aspectos: tornar a escola mais atrativa e inclusiva, com a comunidade escolar atuante; preparar os estudantes para o mercado de trabalho, alinhando ao seu projeto de vida e ter profissionais motivados e atualizados quanto às demandas educacionais (Instituto Unibanco, 2024). Todos os registros e acompanhamentos são feitos através do Sistema de Gestão para o Avanço Contínuo da Educação (Sigae). Para a execução desse programa na escola foi necessário criar um grupo gestor com representantes dos professores, alunos e pais. A dupla gestora é formada pelo diretor e uma EEB. O serviço de inspeção escolar acompanha o andamento do programa e faz reuniões regulares (visitas técnicas) com esse grupo para orientar e monitorar o andamento das ações (Instituto Unibanco, 2024).

Ao longo do ano são promovidas reuniões com pautas diversas. As reuniões de conselho de classe acontecem ao final de cada bimestre, com a data já prevista no calendário escolar. Têm como objetivo analisar o desempenho dos alunos ao longo do bimestre nas avaliações internas da escola, quais estão com baixo rendimento e as ações que serão realizadas para amenizar as dificuldades encontradas, mas não tratam das avaliações externas. Nesse momento são analisados os fatores que durante o bimestre impactaram no desempenho dos alunos, tanto positivos, quanto negativos e pensadas em ações para melhorá-lo.

As reuniões de módulo II⁹ acontecem quinzenalmente e tratam de assuntos relacionados à prática pedagógica como: planejamento, formação continuada, análise dos resultados da escola nas avaliações externas, projetos interdisciplinares, trabalho coletivo e avisos da escola. Acontecem também momentos para a formação dos professores e planejamento das ações coletivas da escola.

As reuniões de pais servem para levar ao conhecimento destes como está o desempenho dos filhos e buscar parcerias para melhorar o rendimento dos alunos nas aulas e nas avaliações da escola. Elas acontecem após o encerramento do bimestre. O quadro 3 traz o detalhamento das reuniões que acontecem na escola ao longo do ano, a periodicidade, os participantes e as pautas mais comuns.

⁹ Regulamentação de 1/3 de Hora-Atividade. Tempo destinado ao professor para planejamento, avaliação, reuniões pedagógicas e outras atribuições inerentes ao cargo. Resolução SEE Nº 4.968/2024. (Minas Gerais, 2024)

Quadro 3 - Reuniões Pedagógicas e administrativas da E. E. Joaquim Santos Costa

Tipo de reunião	Periodicidade	Participantes	Formas de convite	Pautas
Conselho de classe	Bimestral com as datas já previstas no calendário escolar.	Professores, EEB, diretor e/ou vice-diretor, ATB.	Convocação por escrito e enviado no e-mail institucional do servidor.	Análise dos resultados dos alunos nas avaliações internas da escola e questões que interferem na aprendizagem como frequência e indisciplina escolar. São pensadas em ações para resolver os problemas detectados.
Módulo II/Reuniões Pedagógicas	Quinzenal	Professores, especialistas em educação básica, diretor e/ou vice-diretor	Convocação por escrito e enviado no e-mail institucional do servidor.	Planejamento, formação continuada, análise dos resultados da escola nas avaliações externas, projetos interdisciplinares, trabalho coletivo, avisos e outros assuntos relacionados à prática pedagógica.
Reunião de pais	Bimestral com as datas agendadas após o fechamento do bimestre.	Pais, professores, especialistas em educação básica, diretor e/ou vice-diretor.	Bilhete entregue aos alunos.	Desempenho dos alunos durante o bimestre e questões que interferem na aprendizagem como frequência e indisciplina escolar. Avaliações internas e externas da escola.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos registros da escola (2023)

Nas reuniões de conselho de classe, conforme mencionado, são analisados os resultados das avaliações internas da escola (provas, trabalhos, acompanhamento diário dos professores). Essas avaliações precisam ser registradas através de notas. Cada bimestre é avaliado em 25 pontos e o aluno precisa alcançar uma nota mínima de 15 pontos (60%). Os alunos que não atingem essa média fazem a recuperação bimestral, visando aprender o que foi trabalhado e conseguir melhorar a nota. Ao final do ano letivo, o aluno que não atingir 60 pontos tem direito a realizar os estudos independentes de recuperação e poderá ir para o ano escolar seguinte em progressão parcial em até três componentes curriculares, conforme os artigos 105, 107, 118 e 119 da Resolução SEE Nº 4.948, 25 de janeiro de 2024.

As reuniões de conselho de classe acontecem ao final de cada bimestre e ao final do ano letivo e escolar. Ele é realizado por turno onde além de analisar os resultados dos alunos no bimestre, movimentações de alunos, problemas relacionados à frequência e disciplina, são discutidas as ações que os professores e a gestão escolar irão realizar para sanar os problemas apresentados. Participam do conselho de classe os professores de todos os componentes curriculares, a especialista em educação básica do turno, um assistente técnico da educação básica e a direção escolar.

No ano de 2019, os conselhos de classe aconteceram bimestralmente, onde foram tratados os assuntos citados no parágrafo anterior e registrada a ata em livro próprio pelo ATB da escola. Durante o ano letivo de 2020, o conselho de classe não aconteceu bimestralmente devido à suspensão das aulas presenciais e à implantação do Regime Especial de Atividades Não Presenciais (Reanp). O conselho de classe aconteceu apenas no final do ano letivo, de forma virtual através do *Google Meet*, nos dias 25 e 26/01/2021, mês em que encerrou o referido ano letivo. A partir do ano de 2022, os conselhos de classe voltaram a ser feitos presencialmente. Para a sua realização, a escola segue o documento orientador da SEE/MG.

Em 2022, como consta no livro de atas do conselho de classe, a equipe gestora e pedagógica se reuniu sempre ao final de cada bimestre e nessas reuniões foram tratados dos seguintes assuntos: perfil da turma, desempenho dos alunos, frequência, indisciplina e alunos com dificuldade de aprendizagem/baixo desempenho. Pelo relato dos professores registrados nas atas, foi possível perceber que a turma do matutino

é “mais tranquila” nas questões disciplinares. Essa turma tem em torno de 30%¹⁰ dos alunos com dificuldade de aprendizagem e rendimento abaixo de 60% nas avaliações internas da escola (Conselho de Classe, 2022). Isso se repetiu ao longo dos bimestres analisados.

Na turma do 9º ano em tempo integral, como consta nos registros das atas de conselho de classe, os alunos são mais “agitados”, com mais problemas disciplinares. Têm a aprendizagem um pouco melhor em relação à turma do matutino, onde 20% dos alunos apresentaram rendimento inferior a 60% nas avaliações aplicadas pelos professores durante o ano de 2022.

Como ações para melhorar o desempenho, a escola propôs reunião de pais, trabalho conforme o nível de aprendizagem dos alunos, conversas individuais com os discentes, incentivando-os a se dedicarem mais aos estudos e rodas de conversas entre alunos, especialistas e professores sobre temas relacionados à escola. Essas ações se mostraram insuficientes, pois 12,3% dos alunos da turma foram reprovados ao final do ano escolar, visto que já vinham apresentando notas inferiores a 15 pontos ao longo dos bimestres (Conselho de Classe, 2022).

Em 2023, o desempenho das turmas foi semelhante ao do ano anterior. Segundo relatos dos professores registrados nas atas do conselho de classe, a turma do matutino foi considerada mediana, com 30% dos alunos com rendimento inferior a 60% nas avaliações internas da escola. Na turma do vespertino, os professores consideraram a turma desinteressada e 15% dos alunos estavam com média inferior a 60% nas avaliações internas da escola.

As ações propostas, segundo registros das atas analisadas, foram a realização de reunião com pais, conversas particulares com os alunos que apresentavam problemas disciplinares e de aprendizagem, busca ativa aos faltosos, mapeamento das turmas através da definição dos lugares para cada aluno sentar-se, projetos de leitura envolvendo a professora de uso da biblioteca e diversificação das metodologias de trabalho com atividades em grupo, buscando tornar as aulas mais atrativas.

Pela análise das atas, é possível perceber que as turmas do 9º ano da escola pesquisada apresentam um percentual alto de alunos com desempenho inferior a 60%

¹⁰ Esse percentual foi calculado considerando o número de alunos citados na ata pelos professores, em relação ao número total de alunos da turma.

nas avaliações internas e a escola não está conseguindo reverter essa situação, pois estes problemas persistem ao longo dos bimestres e dos anos. As ações propostas foram insuficientes para resolver o problema apresentado, considerando o percentual de 19,7% e 13,8% de alunos reprovados em 2022 e 2023 respectivamente (Painéis SEE, 2024).

Conforme mencionado, as reuniões pedagógicas acontecem quinzenalmente, com duração de quatro horas e contam com a presença dos professores de todos os componentes curriculares, especialistas e a direção da escola. Vários assuntos são discutidos nessas reuniões, como o planejamento anual, semestral e diário, capacitação dos servidores, elaboração de projetos, planos de intervenção pedagógica, estudo de documentos, orientações quanto às práticas pedagógicas, uso do Diário Escolar Digital (DED), acesso e uso da Plataforma do Simave e outros assuntos de interesse da escola e dos profissionais da instituição.

Devido à grande demanda de assuntos a serem tratados nessas reuniões, sobra pouco tempo para dedicar à apropriação dos resultados das avaliações externas e o trabalho/planejamento a partir destes. As reuniões são planejadas e coordenadas pelos especialistas em educação básica. A análise dos resultados da escola no Saeb, Proeb e avaliações formativas que iniciaram no ano de 2021 também são pautas dessas reuniões.

A escola tem focado em ações como intervenções pedagógicas para os alunos com baixo desempenho, desenvolvidas pelos professores regentes em sala de aula, atividades diferenciadas e preparadas pelos professores para atender os alunos em suas necessidades, reforço escolar no contraturno, reuniões bimestrais e conversas com as famílias sempre que necessário, trabalho de acordo com o Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Para os alunos público da educação especial, são registrados os Planos de Desenvolvimento Individual (PDI), documento onde consta como é feito o trabalho diferenciado com esses alunos. Os PDIs são elaborados de forma coletiva por todos os professores, através do *Google Drive* e uma cópia fica arquivada na pasta individual do aluno.

Após a caracterização da escola, apresento a seguir os resultados do desempenho dos estudantes do 9º ano do ensino fundamental nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, referente às avaliações do Saeb e Simave/Proeb de 2018 a 2023.

2.4 OS RESULTADOS EDUCACIONAIS DA ESCOLA ESTADUAL JOAQUIM SANTOS COSTA NO SAEB E NO PROEB

Nesta subseção, apresento os resultados da escola nos últimos cinco anos quanto ao abandono, reprovação, distorção idade/série, resultados nas avaliações externas do Saeb e Proeb em Língua Portuguesa e Matemática e a nota do Ideb. Esses resultados são apresentados, analisados e comparados com os resultados da Superintendência Regional de Ensino de Araçuaí e do estado de Minas Gerais. Essas são evidências do baixo desempenho dos alunos na escola estudada.

A tabela 3 apresenta o percentual de abandono dos alunos nos últimos cinco anos. Apesar de estar presente em quase todos os anos de escolaridade, não é um número muito significativo. Isso se dá graças às conversas com as famílias sobre a importância da frequência; à busca ativa realizada pela escola através do contato com as famílias e o conselho tutelar e dos programas de distribuição de renda do governo federal (Bolsa Família). A partir do ano de 2023, a SEE criou o programa “Busca Ativa”, onde, bimestralmente, a escola recebe um relatório com a relação dos alunos com números elevados de falta para que a escola possa tomar as medidas cabíveis e tudo é registrado em um portal criado para esse fim. Quando necessário, a escola entra em contato com o Conselho Tutelar, que contribui com a busca ativa dos alunos e o retorno às atividades discentes.

Tabela 3 - Percentual de abandono dos alunos da E. E. Joaquim Santos Costa nos últimos cinco anos (2019-2023)

	2019	2020	2021	2022	2023
6º ano	0,0%	3,7%	0,0%	2,0%	0,0%
7º ano	1,2%	4,0%	1,3%	0,0%	0,0%
8º ano	4,5%	2,2%	0,0%	4,8%	3,2%
9º ano	5,8%	4,1%	2,4%	3,3%	4,6%

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do QEdu (2022) e Simade (2023)

Ao analisar os dados da tabela 3, é possível perceber que, em 2019, os anos que apresentaram os maiores percentuais de abandono foram o 8º e 9º anos, com 4,5 e 5,8 respectivamente. Em 2020, houve uma redução do percentual do 8º e 9º anos, mas um aumento no 6º e 7º anos, com 3,7 e 4,0 respectivamente. Em 2021, não houve abandono no 6º e 8º anos e, no 7º e 9º anos, o índice foi de 1,3 e 2,4. Em 2022, os maiores índices foram no 8º e 9º anos, sendo 4,8 e 3,3. Em 2023, não houve abandono no 6º e 7º anos e, no 8º ano, o percentual foi de 3,2 e no 9º ano, 4,6. Isso mostra que o problema do abandono é presente na escola, desde o 6º até o 9º ano do ensino fundamental.

Ao longo dos últimos cinco anos a escola apresentou um percentual alto de reprovação, conforme mostra a tabela 4.

Tabela 4 - Percentual de reprovação dos alunos de 2019 a 2023

	2019	2020	2021	2022	2023
6º ano	27,8%	0,0%	0,0%	20,4%	28,1%
7º ano	18,1%	0,0%	0,0%	11,4%	13,8%
8º ano	24,4%	0,0%	0,0%	23,8%	28,8%
9º ano	11,5%	0,0%	0,0%	19,7%	13,8%

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do QEdu e Painéis SEE (2022/2023)

Ao analisar a tabela 4, é possível observar que entre os anos de 2019 e 2023 houve um alto índice de reprovação nos anos finais do ensino fundamental. Em todos os anos observados, as turmas com os maiores percentuais foram o 6º e 8º anos. Nos anos de 2020 e 2021, em decorrência da pandemia da Covid-19, as aulas presenciais foram suspensas e a Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais - SEE/MG, por meio da Resolução SEE no 4310/2020, instituiu o Regime Especial de Atividades Não Presenciais (Reanp) (Minas Gerais, 2020). Nesses dois anos, o índice de reprovação foi zero, garantido pela resolução SEE Nº 4.468/2020, que estabelece regime de progressão continuada excepcionalmente para o ciclo 2020-2021, para todos os níveis e modalidades de ensino, nas escolas da rede pública estadual de ensino de Minas Gerais, em seu artigo 2º, com a seguinte redação:

Art. 2º - Os estudantes que não atingiram os critérios para promoção ao final do ano letivo 2020, serão promovidos para o ano/período de escolaridade subsequente, por meio de progressão continuada, para fins de registro e regularidade de vida escolar (Minas Gerais, 2020).

Com o fim do Reanp e o retorno às aulas presenciais, voltaram a acontecer as reprovações, com índice alto em todos os anos de escolaridade, principalmente no 6º e 8º anos.

A tabela 5 mostra o percentual de distorção idade/série dos alunos da E. E. Joaquim Santos Costa no ensino fundamental, índice que está diretamente relacionado com o índice de reprovação.

Tabela 5 - Percentual de distorção idade/série dos alunos da E. E. Joaquim Santos Costa entre os anos de 2019 a 2023

	2019	2020	2021	2022	2023
6º ano	30,9%	24,1%	4,3%	0%	9,1%
7º ano	27,3%	34,7%	21,3%	4,3%	2,6%
8º ano	40%	32,6%	23,5%	7,7%	23,7%
9º ano	25%	44%	30,2%	14,5%	16,4%

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do Inep (2024)

Ao analisar os dados da tabela 5, é possível perceber que, durante a série histórica analisada, a escola apresentou um índice alto de distorção idade/série. No ano de 2019, todos os anos analisados estavam com o índice alto, acima de 25%, com destaque para o 8º ano (40%) e o 6º ano (30,9%), anos em que houve também o maior índice de reprovação. Em 2020, houve uma redução no índice do 6º ano de 30,9% para 24,1% e no 8º ano de 40% para 32,6%, mas um aumento no 7º, de 27,3% para 34,7% e no 9º ano de 25% para 44%. É importante considerar que todos os índices permaneceram altos. Em 2021, houve uma redução em todos os anos analisados, principalmente no 6º ano, que passou de 24,1% para 4,3%. Em 2022, houve redução do índice em todos os anos analisados.

Importante ressaltar que essa redução se deve ao fato de que, nos anos de 2020 e 2021, não houve reprovação na escola devido ao regime de progressão

continuada, estabelecido pela resolução SEE Nº 4.468/2020, para todos os níveis e modalidades de ensino, nas escolas da rede pública estadual de ensino de Minas Gerais. Em 2023, o índice voltou a subir em todos os anos analisados, com destaque para o 6º e 8º anos, que são os anos escolares com maior taxa de reprovação. Somente no 7º ano houve redução de 4,3 para 2,6%.

Os dados apresentados nas tabelas três, quatro e cinco repercutem no Ideb da escola, visto que ele é calculado com base na aprovação e proficiência dos alunos (Brasil, 2024). A tabela 6 mostra o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) da escola nas últimas cinco edições, mostrando a nota alcançada e a nota que havia sido projetada para a escola.

Tabela 6 - Ideb da Escola Estadual Joaquim Santos Costa nas últimas cinco edições (2015-2023)

	2015	2017	2019	2021	2023
Alcançado	4,61	3.4	4.0	4.4	3,6
Projetado	3,9	4.2	4.4	4.7	¹¹

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do Boletim de divulgação do Ideb (2022)

Ao analisar os dados da escola, é possível perceber que, de 2015 para 2017, houve redução no Ideb da escola. Nas edições de 2019 e 2021, houve melhora no Ideb da escola, mas o indicador ficou abaixo da meta projetada. Isso aconteceu em virtude da baixa proficiência dos alunos em Língua Portuguesa e Matemática e ao alto índice de abandono e reprovação, como já apresentado nas tabelas três e quatro. No ano de 2017, o Ideb da escola ficou muito abaixo da meta projetada (3,4). É possível perceber na tabela três que o índice de reprovação do 7º e 9º ano nesse ano foi de 38,8% e 32,3% respectivamente. A possibilidade é que o alto índice de reprovação fez com que o Ideb da escola caísse, já que esse é calculado com base na proficiência dos alunos e na taxa de aprovação. No ano de 2021, o Ideb aumentou, mas

¹¹ As metas do Ideb foram projetadas somente até o ano de 2021, não tendo metas estabelecidas para o ano de 2023.

novamente não atingiu a meta que era de 4.7. Em 2023, o Ideb caiu 0,8 pontos em relação a 2021. Para esse ano, não havia meta estabelecida.

A tabela 7 mostra os percentuais de alunos do 9º ano nos padrões de desempenho na Prova Brasil em Língua Portuguesa – Saeb dos anos de 2015 a 2021.

Tabela 7 - Percentual de alunos do 9º ano da E. E. Joaquim Santos Costa nos padrões de desempenho na Prova Brasil em Língua Portuguesa – Saeb (2015-2021)

Edição	Taxa de participação	Insuficiente	Básico	Proficiente	Avançado
2015	79.35%	21,9%	58,72%	16,94%	2,42%
2017	83.82%	33,25%	54,42%	12,33%	0,0%
2019		12,0%	59,0%	20,0%	9,0%
2021	90.70%	23,74%	49,85%	22,84%	3,57%

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do Inep e Qedu (2022)

A tabela 8 mostra os percentuais de alunos do 9º ano nos padrões de desempenho na Prova Brasil em Matemática – Saeb dos anos de 2015 a 2021.

Tabela 8 - Percentual de alunos do 9º ano da E. E. Joaquim Santos Costa nos padrões de desempenho na Prova Brasil em Matemática – Saeb (2015-2021)

Edição	Taxa de participação	Insuficiente	Básico	Proficiente	Avançado
2015	79.35%	40,48%	47,06%	12,47%	0,0%
2017	83.82%	26,0%	56,0%	16,0%	2,0%
2019		21,0%	62,0%	10,0%	7,0%
2021	90.70%	40,72%	47,48%	10,91%	0,89%

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do Inep e Qedu (2022)

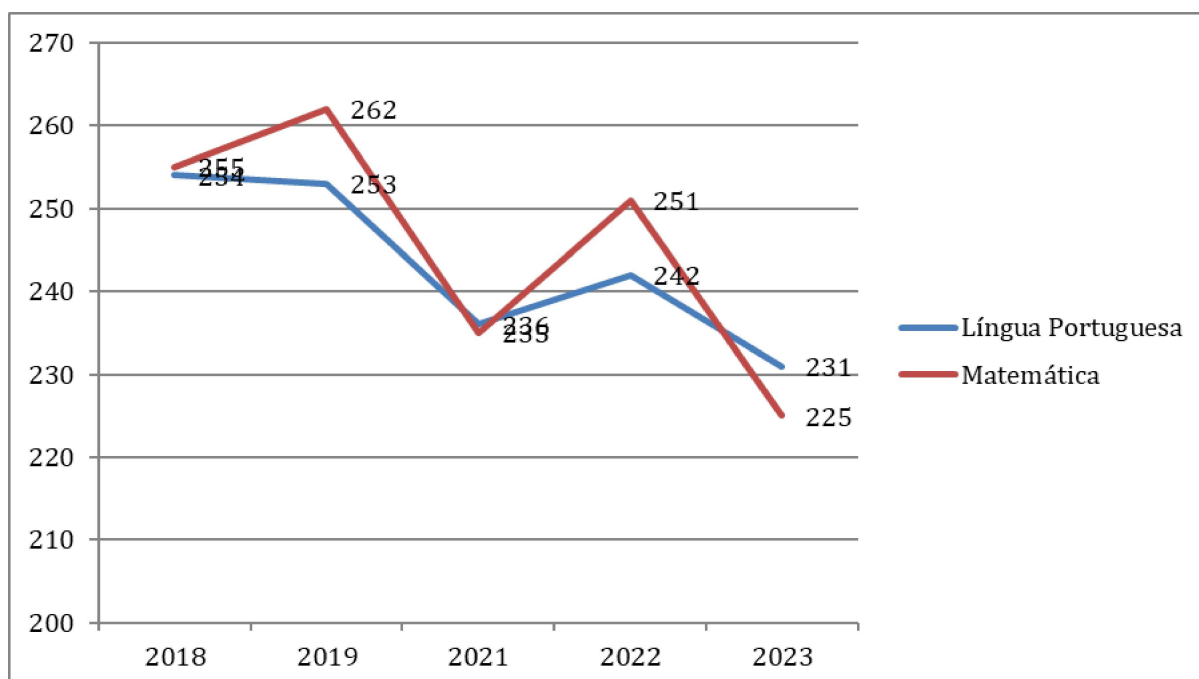
Ao analisar as tabelas 7 e 8, percebi que houve um crescimento na taxa de participação dos alunos em todos os anos pesquisados. Entre os anos de 2015 a 2021, a maioria dos alunos se encontrava no nível básico, tanto em Língua Portuguesa

quanto em Matemática. Nesses anos analisados, um percentual significativo de alunos se encontrava no nível insuficiente, o que significa que ainda apresentavam dificuldades em conteúdos bastante elementares, necessitando de reforço escolar para vencer as dificuldades existentes. Poucos alunos se encontravam nos níveis proficiente e avançado, mostrando que a situação é mais grave em Matemática do que em Língua Portuguesa. O dado referente à taxa de participação no ano de 2019 não foi encontrado no site do Inep e nem nos demais sites pesquisados. Os demais dados que constam na tabela, como não foi possível encontrá-los em uma única fonte, foi necessário buscá-los tanto no site do Inep quanto no site do QEdU.

A escola em análise participa do Programa de Avaliação da Rede Pública de Educação Básica (Proeb). Os gráficos e tabelas seguintes mostram o desempenho dos alunos do 9º ano do ensino fundamental nas últimas cinco edições, bem como a comparação entre o desempenho em Língua Portuguesa e Matemática, a comparação entre o desempenho da Superintendência Regional de Ensino (SRE) e o Estado de Minas Gerais e a distribuição dos alunos nos padrões de desempenho.

O gráfico 1 apresenta a linha histórica da proficiência média da escola de 2018 a 2023. É possível analisar a evolução das médias da escola e fazer um comparativo entre os componentes curriculares de Língua Portuguesa e Matemática ao longo desses anos. Apresenta as proficiências médias da escola mostrando que houve uma oscilação nos resultados nos dois componentes curriculares, com uma tendência de queda no desempenho da escola de 2022 para 2023. Matemática está com o desempenho mais crítico, apresentando uma queda na proficiência de 251 para 225.

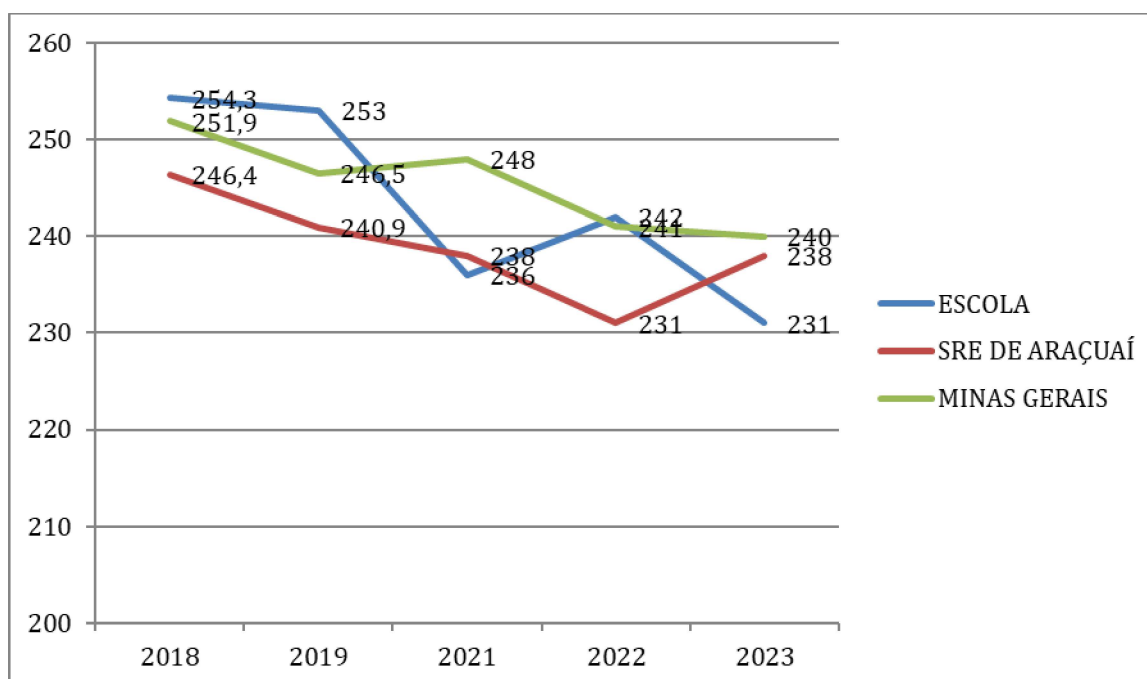
Gráfico 1 - Proficiência da E. E. Joaquim Santos Costa de 2018 a 2023 em Língua Portuguesa e Matemática



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do Portal das avaliações (2024)

O gráfico 2 mostra o comparativo da proficiência média da escola de 2018 a 2023 em relação à proficiência da SRE de Araçuaí e o estado de Minas Gerais. É possível perceber que houve uma oscilação nos resultados da escola entre os anos de 2018 e 2023, com uma queda brusca em 2021, melhora em 2022, mas novamente queda em 2023. Essa oscilação se mostra também na SRE e no estado. Em 2018 e 2019, a proficiência da escola ficou acima da SRE e da Rede, mas em 2021 ficou abaixo das duas instâncias avaliadas. Em 2022, ficou acima, voltando a ficar abaixo em 2023.

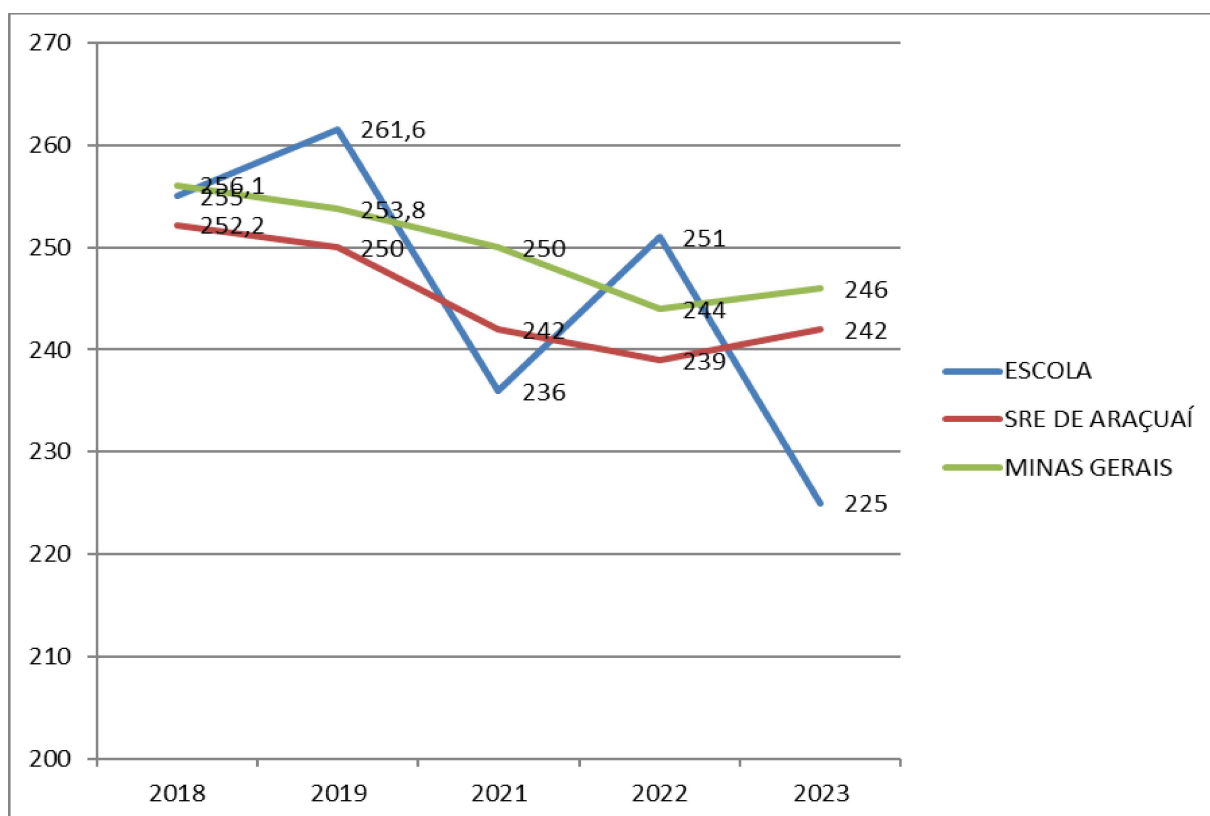
Gráfico 2 - Proficiência em Língua Portuguesa da E. E. Joaquim Santos Costa. –
Comparativo entre escola, SRE e o estado de Minas Gerais



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do Simave (2024)

O gráfico 3 apresenta o comparativo da proficiência média da escola de 2018 a 2023 em relação à proficiência da SRE de Araçuaí e do estado de Minas Gerais. Nota-se que houve uma oscilação das proficiências médias da escola entre as edições de 2018 a 2023, enquanto as proficiências médias da SRE e do estado apresentaram tendência de queda de 2018 a 2022, com uma leve recuperação em 2023. A escola esteve no mesmo nível da SRE e do estado em 2018. Apresentou uma pequena melhora em 2019, mas teve uma queda brusca de 25,6% em 2021. Em 2022, melhorou a proficiência em 15 pontos, mas voltou a cair 26 pontos em 2023, alcançando a menor proficiência dos anos analisados.

Gráfico 3 - Proficiência em Matemática – comparativo entre escola, SRE e o estado de Minas Gerais



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do Simave (2024)

Pelas informações dos gráficos, podemos perceber que a situação da escola é grave e necessita de intervenção pedagógica para a melhoria dos resultados, especialmente na disciplina de Matemática. Nos anos de 2021 e 2023, houve uma queda brusca nas proficiências tanto em Língua Portuguesa quanto em Matemática, mostrando que um estudo das suas causas se faz necessário.

A tabela 9 mostra o percentual de alunos do 9º ano nos padrões de desempenho no Proeb em Língua Portuguesa dos anos de 2018 a 2023 e a taxa de participação desses alunos nas avaliações.

Tabela 9 - Percentual de alunos do 9º ano da E. E. Joaquim Santos Costa nos padrões de desempenho no Proeb em Língua Portuguesa (2018-2023)

Edição	Participação dos alunos	Baixo	Intermediário	Recomendado	Avançado
2018	81,8%	16,7%	42,6%	35,2%	5,6%
2019	90,4%	17,0%	46,8%	34,0%	2,1%
2021	93,0%	29,0%	48,0%	18,0%	6,0%
2022	93,0%	23,0%	47,0%	28,0%	2,0%
2023	85,0%	23,0%	65,0%	10,0%	2,0%

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do Simave (2023)

Ao analisar os dados apresentados na tabela 9, é possível perceber que, de 2018 para 2019, melhorou a participação dos alunos (81,8 para 90,4). No ano de 2020, em virtude da suspensão das aulas presenciais, não houve o Proeb no estado de Minas Gerais. Quanto à proficiência, de 2018 para 2019 o resultado foi estável, apresentando apenas pequenas alterações. De 2019 para 2021, houve redução de alunos no nível recomendado (34 para 18,0) e aumento no nível baixo (17,0 para 29,0). Do ano 2021 para 2022, reduziu o percentual de alunos com baixo desempenho (de 29,0 para 23,0) e aumentou o número de alunos no desempenho recomendado (de 18,0 para 28,0). De 2022 para 2023, caiu a participação dos alunos (de 93,0 para 85,0), aumentou o número de alunos no nível intermediário (de 47,0 para 65,0) e reduziu o percentual de alunos no desempenho recomendado (de 28,0 para 10,0).

A escola tem um número significativo de alunos ainda nos níveis intermediário e baixo. Outra consideração a ser feita na análise é que, durante a suspensão das aulas presenciais durante os anos de 2020 e parte de 2021, uma pequena parcela de alunos que tiveram acesso às aulas virtuais conseguiu aprender o que era esperado para o ano escolar em que se encontravam, apresentando um desempenho satisfatório, mas a grande maioria teve dificuldade para acompanhar as aulas e realizar as atividades em casa sem o auxílio dos professores, apresentando defasagem na aprendizagem.

A tabela 10 mostra o percentual de alunos por nível de desempenho entre os anos de 2018 e 2023, em Matemática. A participação dos alunos é a mesma da tabela oito, pois a avaliação é feita em um único dia e um só caderno de provas.

Tabela 10 - Percentual de alunos do 9º ano da E. E. Joaquim Santos Costa nos padrões de desempenho no Proeb em Matemática (2018-2023)

Edição	Participação dos alunos	Baixo	Intermediário	Recomendado	Avançado
2018	81,8%	27,8%	53,7%	16,7%	1,9%
2019	90,4%	21,3%	63,8%	12,8%	2,1%
2021	93,0%	46,0%	43,0%	9,0%	3,0%
2022	93,0%	30,0%	58,0%	13,0%	0,0%
2023	85,0%	54,0%	38,0%	8,0%	0,0%

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do Simave (2023)

Ao analisar a tabela 10, percebe-se que de 2018 para 2019 houve redução no nível recomendado (de 16,7 para 12,8); aumento no nível intermediário (de 53,7 para 63,8) e redução no nível baixo (de 27,8 para 21,3). Do ano 2019 para 2021, houve redução no nível intermediário (de 63,8 para 43,0) e aumento do baixo desempenho (de 21,3 para 46,0). De 2021 para 2022, reduziu-se o percentual de alunos no baixo desempenho de 46,0 para 30,0 e aumentou no nível intermediário de 43,0 para 58,0. Do ano 2022 para 2023, houve aumento no percentual de alunos no baixo desempenho (de 30 para 54,0) e consequentemente redução no desempenho intermediário (de 58,0 para 38,0) e no nível recomendado (de 13,0 para 8,0). É possível perceber uma tendência de queda no desempenho dos alunos nos anos de 2022 e 2023.

A tabela 11 mostra os dados relativos ao resultado final das avaliações internas de Matemática dos alunos do 9º ano da E. E. Joaquim Santos Costa no período de 2018 a 2023. Apresenta o número de alunos que estavam matriculados ao final do ano letivo, o número destes que foram reprovados e o percentual de reprovação. A tabela não apresenta dados de 2020, pois nesse ano, em virtude do Reanp, não houve reprovação na escola.

Tabela 11 – Resultado final das avaliações internas de Matemática dos alunos do 9º ano da E. E. Joaquim Santos Costa no período de 2018 a 2023

Ano	Número de alunos matriculados	Número de alunos reprovados	Percentual de reprovação
2018	65	09	13,84%
2019	49	05	10,2%
2021	71	09	12,67%
2022	85	0	0%
2023	60	17	28,33%

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do Livro de Atas de Resultado Final (2024)

Ao analisar a tabela 11, é possível perceber que a escola apresenta um percentual alto de reprovação no componente curricular de Matemática ao longo do período estudado. Esses números correspondem com os dados das avaliações externas. Nos anos de 2018, 2021 e 2023, os resultados da escola caíram e foram também os anos com os maiores percentuais de reprovação. Isso mostra o quanto a reprovação é prejudicial para a escola.

A pesquisa foi realizada em Matemática, considerando ser a situação mais grave neste componente curricular. Para melhor evidenciar o caso de gestão, apresento no quadro 4 as habilidades da avaliação do Proeb 2023, 9º ano, em que os alunos tiveram o menor percentual de acertos¹². São muitos os descritores de Matemática que precisam ser trabalhados/retomados com o 9º ano para que eles tenham um desempenho satisfatório nas avaliações externas.

¹² As habilidades estão apresentadas em ordem crescente de acertos (percentual).

Quadro 4 - Habilidades do Proeb 2023 que os alunos do 9º ano da E. E. Joaquim Santos Costa tiveram o menor percentual de acertos.

Descritor Saeb	Habilidade Proeb	Descrição	Percentual de acerto
D35	H 43	Identificar a relação entre as representações algébrica e geométrica de um sistema de equações do 1º grau;	7%
D20	H 38	Resolver problema com números inteiros envolvendo as operações (adição, subtração, multiplicação, divisão, potenciação);	10%
D08	H 07	Identificar propriedades de figuras semelhantes, construídas com transformações.	10%
D32	H 17	Utilizar o cálculo da medida de volume/capacidade na resolução de problema.	12%
D09	H 08	Utilizar elementos de um polígono convexo na resolução de problemas.	16%
D58	H 29	Executar algoritmo de resolução de um sistema linear de duas equações polinomiais de 1º grau, com duas incógnitas.	16%
D62	H 32	Executar o cálculo do valor numérico de uma expressão algébrica.	18%
D49	H 24	Executar expressões numéricas com números reais.	18%
D25	H 19	Efetuar cálculos que envolvam operações com números racionais (adição, subtração, multiplicação, divisão, potenciação).	19%
D04	H 03	Classificar triângulos por meio de suas propriedades.	19%
D61	H 31	Utilizar equação ou inequação polinomial de 1º grau na resolução de problemas.	22%

D63	H 33	Determinar o conjunto solução de uma equação do 2º grau.	22%
D11	H 10	Utilizar relações métricas de um triângulo retângulo na resolução de problemas.	23%
D64	H 34	Utilizar equação polinomial de 2º grau na resolução de problemas.	23%
D27	H 41	Efetuar cálculos simples com valores aproximados de radicais.	23%
D51	H 26	Utilizar relações de proporcionalidade entre duas ou mais grandezas na resolução de problema.	25%
D05	H 04	Classificar quadriláteros por meio de suas propriedades.	26%
D14	H 12	Corresponder triângulos semelhantes entre si.	28%
D55	H 28	Identificar um sistema de equações do 1º grau que expressa um problema.	28%
D59	H 30	Utilizar equação ou inequação polinomial de 1º grau na resolução de problema.	28%
D42	H 21	Corresponder diferentes representações de um número racional.	30%
D23	H 39	Identificar frações equivalentes.	30%
D32	H 42	Identificar a expressão algébrica que expressa uma regularidade observada em sequências de números ou figuras (padrões).	31%
D50	H 25	Utilizar porcentagem na resolução de problema.	33%
D24	H 40	Reconhecer as representações decimais dos números racionais como uma extensão do sistema de numeração decimal, identificando a existência de "ordens" como décimos, centésimos e milésimos.	33%
D24	H 14	Utilizar conversão entre unidades de medida na resolução de problema.	35%

D01	H 01	Identificar a localização ou a movimentação de pessoas ou objetos em uma representação plana do espaço.	36%
D02	H 02	Corresponder figuras tridimensionais às suas planificações ou vistas.	36%
D13	H 11	Reconhecer o círculo, a circunferência ou seus elementos.	36%
D28	H 15	Utilizar o cálculo da medida do perímetro de uma figura bidimensional na resolução de problema.	36%
D19	H 20	Resolver problemas com números naturais, envolvendo diferentes significados das operações (adição, subtração, multiplicação, divisão, potenciação).	38%
D07	H 06	Reconhecer ângulos como mudança de direção ou giro, identificando ângulos retos e não retos.	39%
D18	H 37	Efetuar cálculos com números inteiros, envolvendo as operações (adição, subtração, multiplicação, divisão, potenciação).	40%

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do Simave (2024).

O quadro 4 mostra o quão se faz necessário o trabalho com as habilidades do Proeb para que a proficiência dos alunos possa melhorar. É necessário a elaboração de planos de intervenção pedagógica e um trabalho focado nas maiores dificuldades dos alunos.

2.5 POSSÍVEIS FATORES ASSOCIADOS AO BAIXO DESEMPENHO EM MATEMÁTICA DOS ALUNOS DA ESCOLA ESTADUAL JOAQUIM SANTOS COSTA

Nesta seção, levanto algumas hipóteses possíveis para o baixo desempenho dos alunos do 9º ano em Matemática, nas avaliações externas do Simave/Proeb, que foram investigadas ao longo desta pesquisa. Cito os fatores críticos que podem estar relacionados com o problema pesquisado: dificuldade da escola na apropriação dos resultados; alunos que chegam ao 6º ano sem estarem alfabetizados ou com grande defasagem de aprendizagem no componente curricular de Matemática; famílias em situação de vulnerabilidade, com grandes dificuldades socioeconômicas e que participam pouco na vida escolar dos filhos, alto índice de reprovação no ensino fundamental. Ao longo da pesquisa, essas hipóteses foram analisadas e confirmadas, o que possibilitou a construção do Plano de Ação Educacional (PAE) para amenizar os fatores relacionados com o baixo desempenho dos alunos.

Nas próximas subseções, apresento aspectos relacionados às hipóteses levantadas baseadas nas evidências encontradas nos documentos oficiais da escola e nas conversas com profissionais que atendem as turmas.

2.5.1 Apropriação dos resultados pela escola

Descrevo nesta seção como se dá a apropriação de resultados das avaliações externas na escola e suas possíveis dificuldades. As reuniões pedagógicas acontecem quinzenalmente, mas poucas são dedicadas à apropriação dos resultados das avaliações externas e ao trabalho/planejamento a partir desses resultados. Isso se deve à grande demanda de assuntos que precisam ser tratados, como projetos interdisciplinares, eventos da escola, regularização dos registros dos alunos, estudo

de resolução e documentos orientadores, projetos encaminhados pela SEE, registros no DED, dentre outros.

As análises dos resultados, quando são feitas, acontecem após a divulgação dos resultados das avaliações externas da escola pela SEE/SRE. Nesse momento, a equipe pedagógica da escola se reúne com a direção onde acontece a análise desses resultados e preparação do material para apresentação aos professores nas reuniões planejadas para esse fim. Na reunião com os professores, faz-se a análise desses resultados e são levantadas possíveis causas para o baixo desempenho. São pensadas ações a serem realizadas, visando sanar os problemas detectados. Durante o ano letivo, a escola realiza reuniões pedagógicas quinzenalmente, com pautas diversas, mas, no quadro 5, foram selecionadas as reuniões de 2020 a 2022, que tiveram como pauta as avaliações externas da escola. É possível perceber pela análise do quadro que o número de reuniões para apropriação dos resultados foi bastante pequeno nesse período. Nessas reuniões são pensadas ações que, muitas vezes, devido à demanda de atividades, não são trabalhadas como deveriam e consequentemente não geram os resultados esperados.

Quadro 5 - Reuniões pedagógicas da E. E. Joaquim Santos Costa com a pauta das avaliações externas de 2020 a 2023

Data da Reunião	Pauta / Discussões	Material Utilizado/ Metodologia	Participantes
01/10/2020	Orientação sobre avaliação diagnóstica disponibilizada pelo Simave.	Após receber as orientações da SRE via e-mail, os especialistas estudaram e organizaram a reunião pedagógica, onde as orientações foram repassadas aos professores, via <i>Google Meet</i> . Todas as orientações foram enviadas no e-mail dos professores. Houve o planejamento de como aconteceria a aplicação da avaliação na escola e ações para motivar os alunos para a sua realização.	15 professores 2 especialistas 1 diretor 1 vice-diretor
25/11/2020	1 - Estudo da devolutiva pedagógica geral do Proeb; 2 - Estudo da devolutiva pedagógica da E. E. Joaquim Santos Costa;	A reunião aconteceu de forma remota, através do <i>Google Meet</i> . Um especialista fez a apresentação dos documentos, onde todos foram convidados a fazer reflexões sobre a proficiência dos alunos nas avaliações do Proeb 2019 e quais as causas do número significativo de alunos abaixo do recomendado de aprendizagem (níveis intermediário e baixo). Após as discussões pensaram em ações a serem realizadas para a melhoria dos resultados: trabalho com monitoria em sala de aula, reforço escolar, projetos sobre a importância do estudo e reuniões de pais.	22 professores 2 especialistas 1 diretor 1 vice-diretor

	3 - Análise dos resultados do Proeb 2019		
11/11/2021	Análise dos resultados da escola nas avaliações externas do Saeb e Proeb.	A reunião aconteceu de forma remota, através do <i>Google Meet</i> . Um especialista fez a apresentação dos boletins da escola com a taxa de participação e a proficiência dos alunos em Língua Portuguesa e Matemática. A análise foi feita de forma coletiva, comparando os resultados da escola em relação aos anos anteriores e também com a regional e a rede estadual. O grupo refletiu sobre a realidade e as possíveis causas. Após as discussões pensaram em ações a serem realizadas para a melhoria dos resultados, como trabalho focado nos descritores que os alunos apresentaram maiores dificuldades, força-tarefa onde todos os componentes curriculares trabalhariam com os descritores relacionados à disciplina trabalhada, trabalho coletivo e interdisciplinar.	15 professores 2 especialistas 1 diretor 1 vice-diretor
02/03/2022	Orientação sobre avaliação diagnóstica disponibilizada pelo Simave.	Estudo das orientações recebidas da SRE via e-mail e reuniões para orientação. Repasse das orientações aos professores pelos especialistas, de forma presencial. Planejamento de como aconteceria a aplicação da avaliação na escola e ações para motivar os alunos na sua realização.	23 professores 2 especialistas 1 diretor 1 vice-diretor

14/06/2022	Orientações sobre a 1ª avaliação trimestral disponibilizada pelo Simave.	Todos os presentes, sob a coordenação do especialista, fizeram uma avaliação de como foi o desempenho dos alunos na avaliação diagnóstica e planejaram as ações para a aplicação, lançamento e trabalho com os resultados da avaliação trimestral na escola.	26 professores 2 especialistas 1 diretor 1 vice-diretor
13/09/2022	Estudo dos resultados da 1ª avaliação trimestral e orientações sobre a 2ª avaliação trimestral disponibilizada pelo Simave.	Apresentação dos resultados da escola na 1ª avaliação trimestral, mostrando onde os alunos tiveram mais dificuldade e como os professores podem acessar os resultados dos alunos no Portal Simave para serem trabalhados em sala de aula. Planejamento das ações para melhoria dos resultados dos alunos (analisar os resultados de cada turma juntamente com os alunos, apresentando para estes, como foi o desempenho de cada um e em qual nível se encontram, revisão/retomada dos descritores em que os alunos tiveram mais dificuldade, revisão do planejamento dos professores para um trabalho focado nas habilidades do plano de curso disponibilizado pela SEE) e planejamento da aplicação e lançamento dos resultados da 2ª avaliação trimestral.	24 professores 2 especialistas 1 diretor 1 vice-diretor

Fonte: Elaborado pela autora com base nos livros de atas da escola (2023)

A maioria das reuniões acontece para falar sobre as avaliações programadas, mas pouco é feito após a divulgação dos resultados para fazer as intervenções pedagógicas necessárias. São realizadas algumas reuniões para apropriação desses resultados. Nesse momento, professores e gestão escolar fazem reflexões sobre o desempenho dos alunos. As causas apontadas por todos são: desinteresse dos alunos na realização das avaliações e grande defasagem de aprendizagem de muitos deles. São pensadas ações como campanhas de incentivo para a participação e a realização das avaliações; trabalho de todos os professores com os descritores da matriz de referência do Proeb a serem avaliados, de forma interdisciplinar; revisão/retomada desses descritores, dando atenção especial aos alunos com maiores dificuldades; reunião de pais para apresentação dos resultados e busca de parcerias.

Não foram encontradas as atas escolares onde há a descrição dessas ações citadas. São relatos da minha prática de trabalho e foram confirmados através das entrevistas realizadas durante o desenvolvimento da pesquisa.

Como forma de incentivo à participação dos alunos, o estado de Minas Gerais orienta e disponibiliza recursos financeiros para a preparação de lanche especial no dia da avaliação e a aquisição de *kits* escolares a serem distribuídos aos alunos que realizam a avaliação (Minas Gerais, 2023). Também é orientado que a escola divulgue aos estudantes e à comunidade escolar, através de reuniões para esse fim e das mídias sociais, a importância das avaliações e organize o quadro da escola para a aplicação das avaliações, realizando capacitações prévias para os professores aplicadores (Minas Gerais, 2023).

Muitas ações são pensadas para melhorar o desempenho dos alunos, mas ao longo do ano não acontecem reuniões/ momentos para verificar se as ações propostas estão sendo executadas e se estão produzindo os resultados esperados e fazer o replanejamento, se necessário. Outra análise pertinente foi que as reuniões para a apropriação dos resultados aconteceram sempre ao final do ano letivo, sobrando pouco tempo para a execução das atividades planejadas. Elas poderiam ser projetadas para o ano seguinte, mas a discussão se perde na avaliação e não há continuidade do trabalho. Isso se dá pela demora na disponibilização dos resultados pelos setores responsáveis e pela sobrecarga de trabalho dos servidores da escola para atender às demandas de trabalho, tanto internas quanto externas. No ano

seguinte, na maioria das vezes, os planos de ação não são retomados e trabalhados de acordo com o planejamento ou são feitos de forma isolada, sem um trabalho focado, como se faz necessário.

2.5.2 Nível socioeconômico e participação da família na vida dos estudantes

Conforme apresentado na seção que descreve a escola, o município é um dos mais pobres do estado de Minas Gerais e do Brasil, com um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,593, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2024). Desse modo, o Indicador de Nível Socioeconômico das Escolas de Educação Básica (INSE) é um fator a ser considerado como possivelmente associado ao baixo desempenho dos alunos e à pouca participação das famílias na vida escolar dos filhos, conforme apresentado a seguir.

A Escola Estadual Joaquim Santos Costa, segundo dados do Inep (2023), encontra-se no nível III do INSE.

Neste nível, os estudantes estão entre meio e um desvio-padrão abaixo da média nacional do INSE. Considerando a maioria dos estudantes, a mãe/responsável e o pai/responsável têm o ensino fundamental incompleto ou completo e/ou ensino médio completo. A maioria possui uma geladeira, um ou dois quartos, uma televisão, um banheiro, *wi-fi* e máquina de lavar roupas, mas não possui computador, carro, garagem e aspirador de pó. Parte dos estudantes passa a ter também freezer e forno de micro-ondas (Inep, 2023).

A escola está inserida em uma comunidade em que a maior parte das famílias tem baixo nível socioeconômico e pouca escolaridade, com altas taxas de desemprego e subemprego. Boa parte delas sobrevive de programas de distribuição de renda do governo federal. São famílias oriundas da zona rural e urbana. Muitos dos pais têm pouca participação nas atividades educacionais, faltando o acompanhamento dos filhos nas atividades escolares e o incentivo ao estudo. (Escola Estadual Joaquim Santos Costa, 2022).

Como instância de participação dos pais na escola, tem a assembleia escolar, que deve se reunir ao menos uma vez ao ano. O colegiado escolar é um órgão consultivo e deliberativo e conta com a representatividade de 50% de profissionais da escola e 50% da comunidade atendida. No caso da escola em estudo, a comunidade

atendida é composta por três representantes de pais e três de alunos, que são eleitos por seus pares em eleições organizadas pela escola de acordo com a resolução SEE Nº 5065, de 18 de setembro de 2024, que dispõe sobre a assembleia escolar e sobre a estrutura, o funcionamento e o processo de eleição dos membros do colegiado escolar na rede estadual de ensino de Minas Gerais.

Além da assembleia escolar, que acontece uma vez ao ano, a escola realiza as reuniões de pais, que acontecem bimestralmente, onde são apresentados os resultados das avaliações internas e as questões relacionadas ao desempenho e disciplina dos alunos. Os pais são convocados por meio de bilhetes enviados pela escola através dos filhos. Estes são convidados a participarem dando opinião sobre o desenvolvimento do trabalho e sugestões de melhoria para a escola. São reuniões feitas por turma, possibilitando assim a discussão de temas específicos.

No turno matutino, prioritário para atender aos alunos da zona rural que são usuários do transporte escolar, as reuniões são realizadas no momento das aulas e não é possível a participação de todos os professores por esses estarem em sala de aula. São escolhidos professores representantes que falam em nome do grupo, de acordo com o que foi discutido no conselho de classe. Nessas reuniões, o percentual de participação é bastante pequeno. No ano de 2022, no turno matutino, a participação dos pais foi em média de 45% no 6º ano, 48% no 7º ano, 39% no 8º ano e 42% no 9º ano, segundo lista de presença.

Os pais têm muita dificuldade para se deslocarem devido às longas distâncias e à falta de condições financeiras favoráveis. O transporte escolar não pode transportar os pais e muitos não possuem veículos e precisam fazer o percurso a pé ou em ônibus de linha, dificultando ainda mais a participação, sobretudo das famílias com maiores dificuldades financeiras. O horário das reuniões também torna a participação ainda mais difícil, pois de manhã muitos estão trabalhando e à noite não conseguem se deslocar.

No turno vespertino, a participação dos pais é bem mais significativa, mas não foram encontrados registros de lista de presença. As reuniões são realizadas após o encerramento das aulas, podendo contar com a participação de todos os professores.

Essas reuniões são coordenadas pelo especialista em educação básica ou pelo diretor escolar. Tratam de assuntos referentes ao desempenho dos alunos nas avaliações internas e sobre os resultados das avaliações externas, mas estas análises

são feitas poucas vezes ao longo do ano. Questões disciplinares também são abordadas, tomando uma parte significativa do tempo. Os professores participam das reuniões para mostrar como o trabalho está sendo desenvolvido e buscam a parceria da família para melhorar o desempenho dos alunos e das turmas.

Em relação às reuniões de pais, a escola não possui os registros organizados. As informações foram obtidas a partir de conversas com as especialistas responsáveis por cada turno. As informações foram de que as listas de presença são descartadas ao final do ano letivo, não ficando registradas para os anos posteriores. A escola só possui um livro de ata para registrar as ocorrências disciplinares dos alunos.

Essa é uma das hipóteses para o baixo desempenho dos alunos e foi confirmada através das entrevistas, mas como a escola não tem o poder de mudar as condições socioeconômicas das famílias, me concentrei nas ações para incluir a família e facilitar a sua participação.

2.5.3 Alunos com defasagem de aprendizagem no 6º ano do ensino fundamental

Uma das dificuldades encontradas pela escola e que está associada ao baixo desempenho dos alunos do 9º ano em Matemática nas avaliações do Proeb são os discentes que iniciam o 6º ano sem estarem alfabetizados e/ou com grande defasagem em Matemática e Língua Portuguesa, como mostra a Tabela 12 que traz os dados referentes à avaliação diagnóstica do Simave que é aplicada aos alunos no início do ano letivo e são avaliadas as habilidades do ano anterior, nesse caso, 5º ano. Nessa avaliação, os alunos são distribuídos em três níveis de aprendizagem, de acordo com a proficiência média alcançada, conforme descrito a seguir: defasagem - até 30 pontos; aprendizado intermediário - entre 31 e 70 pontos e aprendizado adequado - 71 pontos ou mais (Simave, 2024). Nos anos anteriores a 2023, a distribuição dos alunos por desempenho era diferente, por isso essa tabela apresenta apenas os dados de 2023 e 2024.

Tabela 12 - Percentual de alunos do 6º ano da E. E. Joaquim Santos Costa nos padrões de desempenho da avaliação diagnóstica, em Matemática (2023-2024)

Edição	Participação dos alunos	Defasagem	Aprendizado intermediário	Aprendizado adequado
2023	100%	70%	28%	2%
2024	100%	79%	16%	5%

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do Simave (2024)

Como é possível perceber pelos dados apresentados, a grande maioria dos alunos que inicia o 6º ano se encontra com defasagem de aprendizagem e isso se mantém ao longo dos anos.

O quadro 6 apresenta as habilidades que os alunos do 6º ano tiveram mais dificuldade na avaliação diagnóstica de 2024. Os alunos do 6º ano apresentam muitas dificuldades nas habilidades do 5º ano e isso pode estar interferindo no desempenho escolar nos anos seguintes.

Quadro 6 - Habilidades da avaliação diagnóstica 2024 que os alunos do 6º ano da E. E. Joaquim Santos Costa tiveram o menor percentual de acertos

Habilidade Proeb	Descrição	Percentual de acerto
04	Identificar frações equivalentes.	15%
07	Resolver problema envolvendo a adição e/ou subtração com números naturais e com números racionais, cuja representação decimal seja finita.	19%
15	Resolver problema envolvendo o cálculo de perímetro de figuras planas.	19%
09	Utilizar proporcionalidade direta entre duas grandezas na resolução de problema.	21%
11	Identificar a localização ou a movimentação de pessoas ou objetos em uma representação plana do espaço.	26%
08	Utilizar o princípio multiplicativo de contagem na resolução de problema.	32%
12	Identificar uma ampliação ou redução de uma figura plana, com o apoio de malha quadriculada.	33%

17	Utilizar noções de probabilidade na resolução de problema.	38%
----	--	-----

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do Simave (2024).

Além da avaliação diagnóstica, que é uma ação da Secretaria de Estado da Educação, a escola, através das especialistas em educação básica, realiza um diagnóstico de leitura e escrita para todos os alunos do 6º ano do ensino fundamental. Essa ação tem como objetivo constatar as dificuldades dos alunos e planejar ações de intervenção pedagógica a serem realizadas, visando à melhoria do desempenho dos alunos.

Como ação proposta, a escola organizou uma apostila com atividades diversificadas para os alunos em processo de alfabetização, orientando os professores a trabalharem com atividades diferenciadas para os alunos com maiores dificuldades, atendimento individualizado, agrupamento dos alunos de acordo com os níveis de desenvolvimento cognitivo, adaptação das atividades e avaliações. Os professores são orientados também a retomarem e revisarem as habilidades dos anos anteriores que os alunos ainda não consolidaram. Essas informações foram retiradas das atas do conselho de classe de 2023 e se confirmaram após as entrevistas.

É necessário que a escola planeje e execute ações de forma sistematizada para que os alunos possam vencer as dificuldades apresentadas. Muitas ações já foram iniciadas e precisam ser continuadas e melhoradas para o próximo ano letivo.

2.5.4 Alto índice de reprovação e distorção idade/série no ensino fundamental

Outro ponto analisado como um fator associado ao baixo desempenho são os altos índices de reprovação e distorção idade/série dos alunos da escola estudada durante o ensino fundamental. Entre os anos de 2018 e 2023, houve um alto índice de reprovação nos anos finais do ensino fundamental, principalmente no 6º e 8º anos, conforme demonstrado na tabela 4, na página 39. Como consequência do alto índice de reprovação, temos um alto índice de distorção idade/série. Esses dados são apresentados na tabela 5, na página 40.

Como afirma Aguiar

As taxas de reprovação e, conseqüentemente, a defasagem idade-série, se não forem cuidadas pela gestão e pelo corpo docente das escolas, continuarão a ser incrementos de perpetuação das desigualdades sociais dentro da escola (Aguilar, 2018 p. 16).

Essa situação é bastante preocupante e necessita de investigação das suas causas. Há que se pensar em formas de trabalho onde todos os alunos aprendam o que é necessário para o seu ano/série escolar e assim evitar a reprovação e a distorção idade/série.

Ao apresentar os resultados das avaliações externas do Proeb, os dados apontam que mais de 80% dos estudantes se encontram com desempenho baixo ou intermediário em todos os anos investigados. A partir desses dados, questiono os fatores que estão associados a esses resultados e quais os possíveis caminhos de superação. Os documentos sinalizam que a equipe pedagógica e os professores desenvolvem o trabalho pedagógico na perspectiva de buscar melhores resultados educacionais dos estudantes, porém, é perceptível que as estratégias são elaboradas, mas nem sempre monitoradas, havendo descontinuidade do processo.

É evidente que há problemas impedindo a escola de melhorar a qualidade do ensino ofertado, o que é demonstrado pelos dados apresentados neste capítulo. No capítulo três, fiz algumas reflexões e análises mais detalhadas, sob a luz de referenciais teóricos, sobre os fatores que estão interferindo nesses resultados educacionais e busco respostas a esses questionamentos com o objetivo de encontrar caminhos para a superação das fragilidades detectadas no contexto da pesquisa. Para tal, estabeleci um diálogo com os autores que investigam os fatores relacionados ao desempenho escolar. Na sequência, apresento a metodologia utilizada nesta pesquisa para compreender o baixo desempenho nas avaliações externas, na disciplina de Matemática.

3 OS FATORES QUE INTERFEREM NOS RESULTADOS DO SIMAVE/PROEB, EM MATEMÁTICA: UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS GESTORES E PROFESSORES DA ESCOLA ESTADUAL JOAQUIM SANTOS COSTA

Este capítulo se propõe à análise dos fatores ligados ao baixo desempenho escolar em Matemática resultante das avaliações externas. Para isso, como referencial teórico, analisei obras de autores que são referências no assunto e também apresento a metodologia utilizada para levantar dados que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

Ele está dividido em quatro seções. Na primeira seção, procuro refletir sobre os fatores extraescolares e intraescolares que estão associados ao baixo desempenho dos alunos, à luz de autores como Matos et al. (2017), Laros; Marciano; Andrade, (2012), Soares (2004, 2007), Alves e Soares (2008), Palermo; Silva; Novellino (2014). Na segunda seção, faço uma reflexão sobre a importância da apropriação de resultados pela escola e como ela deve ocorrer, baseada nos estudos de Soligo (2010), Machado (2017), Aguiar (2018), Alavarse; Bravo; Machado (2013). Na terceira seção, apresento a metodologia utilizada para levantamento dos dados. Na quarta seção, faço a análise das entrevistas e um paralelo entre as falas dos entrevistados e o referencial teórico que embasa este trabalho.

3.1 FATORES ASSOCIADOS AO DESEMPENHO ESCOLAR

Nesta seção, apresento uma discussão teórica em torno dos fatores relacionados ao desempenho escolar e como esses influenciam nos resultados das avaliações externas.

Soares (2004) afirma que o desempenho escolar pode ser influenciado por fatores extraescolares e intraescolares, sendo eles a família, a escola e o próprio aluno. São questões socioeconômicas e culturais, de infraestrutura, gestão, práticas pedagógicas, habilidade e motivação dos próprios estudantes.

Segundo Palermo; Silva; Novellino (2014), são muitos e complexos os fatores que influenciam a proficiência dos alunos, atuando em diferentes níveis, desde o mais elementar, das características socioeconômicas e culturais dos indivíduos e de suas famílias, até o trabalho nas salas de aula, entre professores e alunos, e as

características estruturais da escola. À luz desse entendimento, Alves e Soares (2008, p. 533) reforçam que “o desempenho do aluno é fruto de muitos fatores que devem ser considerados”.

Estudos realizados no país com os dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) mostram que a maior parte da variação nos resultados escolares pode ser explicada por fatores extraescolares associados à origem social dos alunos (Alves; Soares, 2008). Um desses fatores é o local em que a escola está inserida, que a influencia, pois determina o tipo de aluno por ela atendido. Esse contexto social não é controlado pela escola (Soares, 2004). Laros; Marciano; Andrade, (2012, p. 34) vão ao encontro dos autores citados ao afirmar que “os indivíduos são influenciados pelo grupo social a que pertencem e as propriedades desses grupos também influenciam os próprios indivíduos”.

Segundo pesquisas realizadas nos Estados Unidos, Inglaterra e França, nos anos de 1950 e 1960, fatores extraescolares explicam mais as desigualdades no desempenho dos alunos do que fatores intraescolares (Soares, 2004). Isso mostra que tanto o acesso à educação como os resultados escolares estão associados às características socioeconômicas e culturais dos alunos de forma muito significativa (Soares, 2004). Esse mesmo autor afirma que são muitos os fatores associados ao desempenho dos alunos e que nenhum deles é capaz de garantir bons resultados escolares de forma isolada.

Outro fator que tem grande impacto no desempenho é a participação dos pais na vida escolar dos filhos, visto que essa parceria favorece a formação de atitudes positivas em relação ao trabalho escolar. Matos et al. (2017) apresenta os resultados de uma pesquisa sobre os efeitos da família no desempenho dos alunos e trazem contribuições que mostram que o papel destas é fundamental no desempenho dos filhos. Essa pesquisa mostra que o capital cultural objetivado da família, que se refere à posse de objetos, bens materiais ou equipamentos de informática, favorece o desempenho dos alunos, mas não simplesmente a posse e sim, o seu uso (Matos et al., 2017). De modo geral, turmas em que os alunos possuem maior capital socioeconômico e cultural possuem melhores resultados em termos de desempenho (Palermo; Silva; Novellino, 2014).

Esses mesmos autores afirmam que maiores níveis de capital social familiar também estão associados a maiores notas. Esse capital social refere-se ao interesse dos pais na educação dos filhos e ao acompanhamento da vida escolar do aluno, por

meio de incentivos, presença em reuniões pedagógicas e conversas sobre o dia a dia da escola.

Uma característica importante sobre os pais é apresentada por Matos et al. (2017), ao afirmar que

O modo de exercício da autoridade pelos pais seria outra dimensão do universo familiar com implicações importantes na vida escolar dos filhos. Algumas famílias exerceriam um controle predominantemente externo sobre o comportamento das crianças, vigiando e punindo de forma imediata e, muitas vezes, brutal os atos considerados incorretos, sem estimular que os filhos reflitam e se responsabilizem por sua própria conduta. Outras famílias, ao contrário, apostariam menos na vigilância e na punição imediatas e mais na compreensão, por parte dos filhos, das consequências do não cumprimento das normas, o que favoreceria sua internalização e o desenvolvimento de autocontrole (Matos et al., 2017, p. 38).

Para melhorar o desempenho dos alunos, a escola deve manter uma boa relação com a família, estimulando a participação nos vários momentos propostos, ajudando-as na criação de rotinas domésticas favoráveis ao aprendizado (Soares, 2004). Uma maneira de participar da vida escolar dos filhos é incentivar a realização dos deveres de casa, pois estes influenciam positivamente o desempenho escolar (Laros; Marciano; Andrade, 2012). Mas, para que tenham efeitos positivos, os deveres de casa dependem de várias circunstâncias, como as condições domésticas para sua realização e o tipo de acompanhamento recebido ou não dos pais (Matos et al., 2017). Segundo pesquisa realizada por Palermo; Silva; Novellino (2014), a diferença entre a proficiência de um aluno que nunca faz os deveres de casa e um que sempre cumpre suas tarefas pode chegar a 21 pontos.

De modo geral, é mais difícil estabelecer uma parceria com pais de nível socioeconômico mais baixo pelo fato de estarem mais distantes dos valores trabalhados na escola e, muitas vezes, terem uma experiência limitada de escolarização. Nesse caso, a instituição deve procurar manter contato frequente com as famílias, mesmo sabendo que o retorno será pequeno (Soares, 2004).

É necessário envolver os pais nas atividades realizadas pela escola para que se sintam parte dela e criem uma proximidade com o ambiente escolar. Isso resultará em maior colaboração e melhores condições de trabalho para os profissionais da escola, bem como no melhor desempenho dos alunos (Soares, 2004).

Essa participação pode se dar através dos conselhos, reuniões, colegiado escolar, construção e execução do Projeto Político Pedagógico (PPP), nos processos

decisórios da escola, permitindo uma maior inserção da escola na comunidade e também uma maior participação dos pais na vida escolar dos filhos.

É muito importante a escola promover e incentivar a participação da família. Como afirma Soares (2004),

A participação dos pais na vida escolar de seus filhos, principalmente através da formação de atitudes favoráveis ao trabalho escolar, está muito associada ao desempenho dos alunos. Trata-se de um fator extra- escolar, mas a boa escola, ciente do potencial transformador das atitudes familiares, deve procurar ajudar as famílias para que instaurem rotinas domésticas favoráveis ao aprendizado. (Soares, 2004 p. 90).

Um dos fatores extraescolares que mais impactam no desempenho dos alunos é o efeito do nível socioeconômico das famílias, sendo uma das principais fontes de desigualdade antes e durante a trajetória escolar (Alves; Soares, 2008). Esse efeito pode ser direto ou indireto no desempenho cognitivo dos alunos. Os efeitos indiretos são especialmente importantes, pois as condições econômicas agem também criando condições especiais para o consumo de bens culturais e fornecendo aos pais o tempo necessário para se dedicarem ao acompanhamento da vida escolar dos filhos (Matos et al., 2017).

Continuando a reflexão sobre os fatores que interferem no desempenho dos alunos, o autor Soares (2007) afirma que três estruturas concorrem para melhores ou piores desempenhos de alunos, sendo elas a escola, a família e a sociedade. Segundo o autor, “em sociedades desiguais, como a brasileira, o nível esperado de desempenho oscila de forma acentuada de acordo com o nível socioeconômico, ainda que haja grande variação em torno dessa tendência” (Soares, 2007, p. 140). Ainda sobre essas estruturas, Soares afirma que:

O sistema escolar por si só não é capaz de mudar esta determinação social, mas algumas escolas conseguem em maior ou menor medida que seus alunos tenham um aprendizado melhor que o esperado para suas condições sociais. Os alunos dessas escolas têm um desempenho acima da linha que define a determinação social. Ou seja, o efeito da escola é relevante e decisivo, embora não possa mudar completamente a determinação social (Soares, 2007, p. 140).

O posicionamento dos autores citados serve de motivação para o desenvolvimento da pesquisa, pois, apesar dos problemas sociais vivenciados pelos alunos e suas famílias, é possível melhorar o desempenho da escola e oferecer uma

educação de qualidade para todos. De acordo com Soares (2007, p. 144), “é exatamente em uma sociedade desigual e no estágio de desenvolvimento social como a nossa que a existência de uma boa escola é mais necessária”.

Soares (2007) fala sobre o papel diferenciado que a escola e, conseqüentemente, o sistema escolar têm em relação à educação. Ele diz que as estruturas da escola devem possibilitar aos alunos oportunidades para a aquisição de competências cognitivas necessárias para prepará-los para o mundo do trabalho e a vida em sociedade, e ainda desenvolver seus talentos individuais (Soares, 2007).

Segundo Palermo; Silva; Novellino (2014), há uma grande variabilidade nas escolas brasileiras, mesmo controlando a influência do nível socioeconômico dos alunos, principalmente quando se consideram as redes privada e pública, e o interior de cada uma delas. Soares (2004, 2007) concorda com a ideia apresentada ao afirmar que a existência de grandes diferenças de desempenho entre escolas que atendem a alunos com o mesmo perfil socioeconômico mostra que há fatores internos associados ao melhor desempenho dos alunos e muito a fazer dentro das escolas (Soares, 2007). Esses problemas relacionados ao baixo desempenho dos alunos são complexos e exigem soluções complexas e plurais (Soares, 2007). Para isso, é preciso considerar, além dos recursos físicos, os recursos didáticos ou materiais necessários à organização da instrução nas várias disciplinas, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos (Soares, 2004).

Um dos fatores intraescolares que estão associados ao baixo desempenho dos alunos é a reprovação. Como afirmam Alves e Soares (2008), a repetência é uma prática usual nas escolas brasileiras e só atrapalha. Ela gera defasagem e, conseqüentemente, os piores resultados. Palermo; Silva; Novellino (2014) concordam com os autores citados ao falar sobre os prejuízos da defasagem escolar para os alunos e a escola e afirmam que a proficiência dos alunos é maior quando sua idade está próxima à média da turma e que os alunos com maior diferenciação em relação à média de idade da turma apresentam os piores resultados.

Outro fator intraescolar que se relaciona com o desempenho dos alunos e necessita de análise e reflexão é a gestão escolar e o ensino (Soares, 2007).

Conforme define Lück (2009, p. 24).

Gestão escolar é o ato de gerir a dinâmica cultural da escola, afinado com as diretrizes e políticas educacionais públicas para a

implementação de seu projeto político-pedagógico e comprometido com os princípios da democracia e com os métodos que organizem e criem condições para um ambiente educacional autônomo (soluções próprias, no âmbito de suas competências), de participação e compartilhamento (tomada de decisões conjunta e efetivação de resultados) e autocontrole (acompanhamento e avaliação com retorno de informações).

A gestão escolar constitui uma dimensão importantíssima da educação, uma vez que, por meio dela, se observa a escola e os problemas educacionais globalmente e se busca, pela visão estratégica e, ações interligadas (Lück, 2009). Faz parte da equipe gestora da escola o trabalho da direção escolar, da supervisão ou coordenação pedagógica, da orientação educacional e da secretaria da escola (Lück, 2009). Para que a gestão seja democrática, é necessário também incluir a participação ativa de todos os professores e da comunidade escolar como um todo, de modo a contribuírem para a sua efetivação e garantir educação de qualidade para todos os alunos (Lück, 2009).

Como afirma a autora já citada, o diretor escolar deve se preocupar em desenvolver, atualizar e rever permanentemente seus conhecimentos, como um processo de capacitação em serviço, de modo a desenvolver competências para o desempenho efetivo das suas funções. O gestor, para desenvolver um bom trabalho, é necessário conhecer, compreender e incorporar em suas ações os fundamentos e princípios da educação, assim como as determinações legais norteadoras dos processos educacionais. É função deste, liderar e orientar sua escola para que, com competência sempre maior, desempenhe o seu papel social, realizando seus objetivos educacionais (Lück, 2009).

Indo na mesma direção de Lück (2009), Soares (2007) afirma que a gestão escolar na escola pública brasileira deve ser feita com profissionalismo e implantar uma rotina de funcionamento de forma que os recursos existentes possam ser usados para atender às necessidades de aprendizagem dos alunos. Ou seja, garantir a presença de alunos e professores para que o processo ensino-aprendizagem aconteça (Soares, 2007). Para melhorar o desempenho, são necessárias mudanças concretas no grau de satisfação e comprometimento com a escola e na implementação e execução do projeto pedagógico pelo professor (Soares, 2007).

Sobre o gestor escolar, Soares (2004) ilustra bem como deve ser a atuação desse profissional dentro da escola ao afirmar que,

A administração da escola se concretiza através de lideranças. Um diretor mobiliza, inspira confiança e motiva a comunidade escolar para o trabalho. Naturalmente, esse líder deve ter legitimidade social e competência tanto administrativa como pedagógica. O diretor deve compartilhar genuinamente as responsabilidades com os outros membros da direção e procurar sempre o envolvimento dos professores nas decisões a serem tomadas. A liderança implica ainda conhecimento amplo do que acontece na escola e na sala de aula. Ou seja, deve ser proficiente nas boas estratégias pedagógicas utilizadas em sala de aula, nas formas de verificação do progresso dos alunos, no currículo e nas opções pedagógicas dos professores. Os diretores bem-sucedidos frequentemente conseguem manter o equilíbrio entre uma forte liderança e a máxima autonomia para os professores (Soares, 2004, p. 89).

A liderança na escola envolve vários indivíduos, ferramentas e estruturas e só acontece quando há trabalho coletivo e o estabelecimento de metas e valores comuns na escola. A atuação do líder na escola é fundamental para a construção de escolas democráticas, que, segundo Teixeira, (2010), “precisam basear-se numa definição abrangente de ‘nós’, num compromisso de construir uma comunidade que é tanto da escola quanto da sociedade onde ela existe”. (Teixeira, 2010, s/p). O mais relevante é a criação de um projeto educacional escolhido por todos que desejam se envolver (Teixeira, 2010). Nesse sentido, o papel do diretor é de fundamental importância, visto que sua liderança exerce influência sobre o trabalho desenvolvido na escola.

Para que a administração de uma escola seja bem-sucedida, é preciso ter objetivos claramente definidos e conhecidos por toda a comunidade escolar e assim todos trabalharão para atingi-los. Na escola, os objetivos devem estar voltados para a centralidade do processo ensino/aprendizagem. A unidade de propósito somente pode ser conseguida através da participação de todos e se as opiniões de todos e cada um forem consideradas (Soares, 2004).

A cultura escolar compreende o conjunto de valores comuns aos membros da escola e o que os alunos devem aprender. É necessário que todos conheçam as finalidades da instituição. Esses valores se tornam perceptíveis na forma como os professores e alunos se tratam. Nesse aspecto, o comportamento dos alunos na sala de aula deve ser considerado (Soares, 2004). Um ambiente propício à aprendizagem deve ser conseguido através de um trabalho sistemático com as regras e normas de forma clara e que sejam conhecidas e implementadas por todos (Soares, 2004).

O mesmo autor, na mesma obra, chama a atenção para a importância do professor no processo ensino-aprendizagem ao afirmar que “somente sistemas de

organização que reconheçam o papel central dos professores na organização escolar têm alguma chance de sucesso na prática” (Soares, 2004, p. 90). O efeito de uma escola no aprendizado de seus alunos é em grande parte determinado pelo professor, por seus conhecimentos, seu envolvimento e sua maneira de conduzir as atividades em sala de aula (Soares, 2004). Esse mesmo autor alerta para que as demais estruturas internas das escolas deem apoio ao trabalho dos professores, facilitando assim a ação pedagógica desse profissional (Soares, 2004).

Soares (2007) aponta a formação inicial do professor como importante para a aprendizagem, produzindo impacto de longo prazo. Além da formação inicial, a formação continuada é muito importante e precisa acontecer de forma articulada com o projeto político pedagógico da escola (Soares, 2007). A formação do professor vai além da preparação técnica, por melhor que seja. Para isso, vão contar outras características do professor que são mais discretas, mas que impactam muito no aprendizado, como a sua expectativa sobre o futuro dos alunos, seu envolvimento e entusiasmo em relação ao ensino na turma e a sua motivação para o trabalho. Conta também o manejo de classe, que é a capacidade de produzir um ambiente adequado ao aprendizado (Soares, 2004).

É necessário que a escola disponha de recursos didáticos e que os professores façam uso deles durante as aulas (Soares, 2004). Entre os recursos pedagógicos, o livro didático merece atenção especial. Ele deve ser incorporado pelos professores na rotina da sala de aula e nos deveres de casa, pois seu uso sistemático pelos alunos influencia fortemente o resultado escolar (Soares, 2004). Além do livro didático, a biblioteca é um local privilegiado para a aprendizagem e não deve faltar em nenhuma escola (Soares, 2004). Mas, para que o efeito seja positivo no desempenho, é necessária a frequência dos alunos e a utilização dos recursos aí disponíveis (Soares, 2004).

Um aspecto que tem enorme impacto institucional é a interação entre os professores, seja no ambiente escolar, buscando-se a troca de experiências ou a ajuda mútua, seja eventualmente em outros ambientes sociais (Soares, 2004). “O ideal é a escola constituir-se como uma comunidade em que haja o sentimento de unidade, em que se busque o consenso na solução de conflitos e amplas oportunidades para trocas intelectuais” (Soares, 2004, p. 91). A proposta em que se cabe investir é, então, a criação de uma cultura colaborativa na escola, em que os professores exerçam a liderança, mobilizando e influenciando outros.

É preciso ter informação sobre o desempenho dos alunos para se conhecer a qualidade do processo de ensino. O resultado do trabalho da escola não depende apenas dela, mas, sobretudo, de seus alunos e só pode ser medido através da aprendizagem (Soares, 2004). Para isso, é muito importante a forma de interação entre o professor e o aluno, que deve produzir mais do que simplesmente instrução, mas a formação integral dos discentes (Soares, 2004).

A escola está inserida em uma sociedade e sobre ela exerce influência e também é influenciada. Sobre isso, Soares (2007, p. 143) afirma que “a escola reflete a organização e os valores da sociedade na qual se insere. Seus valores estruturais e suas condições objetivas de desenvolvimento facilitam ou dificultam a implementação exitosa da educação escolar”.

Laros; Marciano; Andrade, (2012) *apud* Jesus (2004)

Verificou que as escolas que mais agregavam valor ao desempenho dos alunos possuíam as seguintes características: 1) recursos tecnológicos adequados; 2) professores que passam e corrigem a lição de casa; 3) instalações físicas em bom estado de conservação; 4) professores comprometidos com a aprendizagem dos alunos; 5) professores que têm altas expectativas em relação ao desempenho dos alunos, 6) alunos cujos pais apoiam, incentivam e conversam com eles sobre assuntos diversos e 7) alunos que não trabalham (Laros; Marciano; Andrade, 2012, p. 35).

Considerando o contexto escolar, Matos et al. (2017) e Palermo; Silva; Novellino (2014) concordam que as práticas de escrita influenciam mais o desempenho em Língua Portuguesa. O “fator escola” está mais relacionado com o desempenho em Matemática (Palermo; Silva; Novellino, 2014). Portanto, a aprendizagem em Matemática é mais dependente da intervenção escolar. Por ser mais abstrata e distante do cotidiano dos alunos, é mais afetada pela qualidade das aulas. Isso leva à reflexão sobre o desempenho da escola e as possíveis ações para melhorar o desempenho dos alunos (Palermo; Silva; Novellino, 2014).

Um dos grandes desafios para a educação na atualidade é a motivação dos estudantes (Soares, 2007). A escola é uma instituição que oferece oportunidades para a aquisição de conhecimentos, mas não está claro se os alunos de hoje os desejam (Soares, 2007). “Sem aprendizado e a consequente percepção de sua utilidade, dificilmente o aluno continua a frequentar a escola” (Soares, 2007, p. 138).

A escola, mesmo sendo limitada em relação ao seu fazer pedagógico, influencia o desempenho e os demais resultados dos alunos, direta ou indiretamente (Palermo;

Silva; Novellino, 2014). Boas escolas, ao trabalharem com competências, valores e hábitos, diminuem as influências do meio em que os estudantes vivem (Palermo; Silva; Novellino, 2014). Sendo assim, com base nos autores supracitados, a escola aumenta o capital cultural do aluno, permitindo-lhes acesso a oportunidades e benefícios materiais e imateriais (Palermo; Silva; Novellino, 2014). A esse respeito, Soares (2007, p. 151) afirma: “ao tratar do efeito da escola, o papel do estabelecimento escolar é mudar a trajetória de desempenho traçada pela sociedade para um dado aluno”. Os autores citados mostram a importância da escola e como é necessário e urgente atuar para mudar a vida dos jovens que aí se encontram.

É necessário pensar sobre o quanto a escola acrescenta aos alunos, e não simplesmente o nível em que ela está em um dado momento histórico (Soares, 2007). Existe espaço para políticas e práticas escolares para minimizar, na escola, o efeito dos recursos associados à origem social (Soares, 2007). Para isso, faz-se necessário a melhoria das escolas tanto em questões físicas e materiais, quanto de formação de professores e toda a equipe pedagógica. Sendo assim:

A ação ideal para a melhoria dos resultados dos alunos da educação fundamental deveria partir de propostas que harmonizem valores da sociedade, as leis que regem os sistemas de ensino, uma administração eficiente e políticas escolares fundamentadas em evidências, tudo isso apoiado por uma ação decidida das famílias (Soares, 2007, p. 156).

Essas ações repercutirão em melhorias para todos os alunos. O desafio não é apenas garantir o aprendizado, mas que este seja de qualidade e com equidade entre os alunos. Alcançar os níveis básicos de ensino precisa se tornar a meta de todas as escolas, e que nenhum aluno fique à margem dos avanços conseguidos. (Alves; Soares, 2008). Esse é o objetivo da pesquisa sobre os fatores associados ao desempenho dos alunos, que todos os alunos possam progredir com uma aprendizagem adequada para o ano/série em que se encontram.

3.2 APROPRIAÇÃO DOS RESULTADOS DAS AVALIAÇÕES EM LARGA ESCALA

Nesta seção, apresento uma discussão teórica em torno da apropriação dos resultados à luz dos autores Soligo (2010), Machado (2017), Aguiar (2018), Alavarse; Bravo; Machado (2013), buscando discutir de que maneira essas ações influenciam

nos resultados das avaliações externas. Também procuro trazer percepções e reflexões de trabalhos realizados no PPGP sobre esse assunto. Esses autores apontam caminhos para a melhoria da qualidade da educação através da análise dos resultados e revisão de práticas pedagógicas e gestoras.

Como afirma Machado,

Utilizar os resultados das avaliações externas significa compreendê-los não como um fim em si mesmo, mas sim como possibilidade de associá-los às transformações necessárias no sentido de fortalecer a escola pública democrática, que é aquela que se organiza para garantir a aprendizagem de todos (Machado, 2017, p. 78).

Indo ao encontro dessas considerações da autora, e na perspectiva de transformações na escola em estudo, fui em busca de soluções para os problemas apresentados no capítulo dois, visando a melhoria na qualidade da educação ofertada e com equidade.

Segundo Soligo (2010), as avaliações em larga escala contribuem para a melhoria da qualidade da educação, sendo uma ferramenta contínua de trabalho. Os resultados dos testes indicam as dificuldades encontradas no processo que resultam no não domínio de certas competências e habilidades que devem ser desenvolvidas no ambiente escolar (Soligo, 2010). Esse mesmo autor afirma que:

Quando os resultados apontam deficiências não significa o fracasso da escola, mas a deficiência em algum lugar, que se percebida e trabalhada de forma correta pode se transformar em aparato pedagógico, transformando também a qualidade da educação (Soligo, 2010, p.5).

Nesse sentido, o referido autor afirma que a avaliação externa deve ter como objetivo a melhoria da educação ao utilizá-la como instrumento indicador de condições para análise da qualidade da educação ofertada em cada escola, considerando suas particularidades e deficiências, e não tê-la como objetivo em si mesmo. Portanto, faz-se necessário um planejamento estratégico e contínuo com os docentes para não cair no comodismo e desviar do propósito coletivo que a equipe deve firmar para buscar a melhoria do processo ensino-aprendizagem dos alunos (Alves, 2017).

Portanto, apropriar-se dos resultados das avaliações externas vai muito além da divulgação dos dados (Soligo, 2010). É necessário “tomar posse” desses resultados em favor da aprendizagem dos estudantes. Faz-se necessário uma

reflexão sobre as práticas pedagógicas dos docentes para embasar o trabalho dos professores e tornar a melhoria dos resultados uma realidade concreta. Isso irá alavancar o desenvolvimento de processos subsequentes por parte de professores e equipes gestoras, trazendo impactos positivos para a escola (Machado, 2012).

Ao analisar o posicionamento dos autores, percebo a importância de a escola trabalhar com os resultados das avaliações externas para a melhoria da aprendizagem dos alunos através de práticas pedagógicas mais eficientes e melhor aplicação dos recursos públicos. Por isso, se fazem necessárias atitudes que modifiquem de fato o que acontece dentro das escolas e das salas de aula. Essa é a função das avaliações externas. A apropriação dos resultados das avaliações em larga escala serve para direcionar a elaboração do planejamento, de forma a proporcionar o avanço na escala das proficiências aferidas (Ferreira, 2019).

Nesse sentido, Machado (2012) e Soligo (2010) alertam para a necessidade de formação permanente dos gestores e professores na busca da apropriação e compreensão dos resultados das avaliações externas. Essa formação irá criar uma cultura pedagógica organizada onde os professores terão a possibilidade de aperfeiçoarem suas metodologias de ensino, utilizando técnicas diversas e instrumentos variados, com vistas à melhoria do ensino, dando significado às habilidades/competências ensinadas em sala de aula (Soligo, 2010). Com isso os estudantes poderão alcançar desempenhos mais satisfatórios.

A esse respeito, Machado (2012) ressalta que é fundamental a atuação do professor no acompanhamento do processo evolutivo de aprendizagem, por ser ele o responsável por ensinar os alunos e ter as habilidades e conhecimentos didáticos.

Carvalho (2015) complementa o pensamento da autora ao afirmar que o professor poderá ter nos testes uma importante ferramenta de diagnóstico da aprendizagem, se conseguir perceber a avaliação como um instrumento que traz informações a respeito do ensino ofertado. Os autores nos apontam que o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa passa pelo envolvimento de todos os docentes, numa perspectiva de entrelaçar os diversos componentes curriculares e responsabilizar a equipe como um todo. Evitando assim o trabalho fragmentado, individualizado e sem a devida contextualização (Ferreira, 2019).

Para que o trabalho com os resultados das avaliações externas seja frutuoso, faz-se necessário que a escola desenvolva o trabalho coletivo, onde,

O velho ideal da “minha forma de dar aula” deve ser substituído por um projeto conjunto onde o meu melhor conjuga com o melhor dos outros superando deficiências e tornando a prática pedagógica mais profissional e orientada por elementos teóricos e conceituais do projeto pedagógico da escola (Soligo, 2010 p.7).

A qualidade da educação passa pela necessidade de melhoramento das técnicas pedagógicas em função de maior aprimoramento e trocas de experiências que poderão significar melhorias na qualidade do ensino, abrindo caminhos em direção ao aperfeiçoamento profissional e ao entendimento dos processos avaliativos (Soligo, 2010). Seguindo essa mesma linha de pensamento, Machado (2017) pontua que as reuniões pedagógicas deverão ser utilizadas como momentos de reflexão crítica, coletiva e constante sobre o fazer pedagógico.

É necessário que a gestão escolar use as reuniões pedagógicas para provocar os profissionais da escola, principalmente os professores, visando estabelecer uma reflexão acerca dos possíveis fatores que explicam a dinâmica do desempenho dos alunos (Machado, 2017). Ela considera que, apesar de ser “uma interpretação pretérita”, é possível reconsiderar procedimentos, rever métodos e alterar projetos (Machado, 2017). Indo na mesma linha dos autores citados, Ferreira (2019) chama a atenção para o direcionamento e a elaboração de estratégias, metodologias utilizadas e a necessidade de repensar e replanejar o currículo.

A interpretação e uso dos resultados das avaliações em larga escala deve ser um projeto da escola, pois todas as disciplinas ou matérias necessitam exercitar a leitura, a interpretação e a resolução de problemas (Soligo, 2010). O trabalho não pode ficar apenas com os componentes curriculares que serão avaliados, mas envolver todos, cada um dentro das suas possibilidades (Soligo, 2010). Portanto, isto não significa a desresponsabilização dos professores de Língua Portuguesa e Matemática. Esses, como especialistas, necessitam tratar as competências da disciplina de forma mais específica e metódica (Soligo, 2010). Os demais componentes curriculares trabalharão como parceiros no trabalho com as competências avaliadas, de forma que todos deverão estar envolvidos no processo de ensino e aprendizagem (Soligo, 2010). O trabalho com as competências e habilidades não deve acontecer somente nas séries avaliadas, mas sim, nas demais séries, já que as avaliações consideram a aprendizagem acumulada durante todo o percurso do aluno até a chegada ao nono ano (Soligo, 2010).

Para Machado (2012), os processos avaliativos externos só terão sentido quando provocarem a compreensão dos resultados, proporcionando reflexões e se provocarem mudanças no trabalho desenvolvido. É necessário retomar as competências que foram consideradas insatisfatórias, dando novas oportunidades de aprendizagem aos alunos em defasagem. Sobre esse assunto, Marques (2017) adverte que os resultados das avaliações em larga escala, quando interpretados e apropriados de forma reflexiva, tornam-se instrumentos de gestão e permitem repensar a escola em todas as suas dimensões. Sobre a apropriação de resultados, as autoras concordam que esta deve servir de base para reflexão e análise coletiva da realidade educacional, para direcionar as propostas de ações, que serão trabalhadas na escola.

Soligo, (2010) sinaliza que a discussão sobre a qualidade da educação deve ir além dos resultados medidos pelas avaliações externas, considerando as condições da escola e os resultados de testes que apontam para problemas no processo ensino-aprendizagem. O avanço na qualidade da educação só será possível com a integração entre professores, gestores e técnicos na busca por novos caminhos através da valorização das experiências bem-sucedidas, discussões e problematizações, seguindo passos simples e orientados por projetos de longa duração (Soligo, 2010). O citado autor alerta para a necessidade de discutir políticas públicas que busquem reduzir as desigualdades educacionais. Seguindo essa mesma linha de pensamento, Aguiar afirma que:

Para a escola, certamente não é possível resolver o problema do nível socioeconômico do estudante, mas é papel da escola cuidar para que as desigualdades de origem não se perpetuem no interior do sistema educacional. Há de se pensar mecanismos para reduzir as desigualdades e permitir que estudantes oriundos das classes menos favorecidas frequentem escolas mais bem equipadas, com professores capacitados a atender a esse tipo de alunado, diminuindo a distância que os separam dos estudantes de classes mais abastadas (Aguiar, 2018, p. 15).

Essa fala do autor está na mesma direção do objetivo desta pesquisa, ao abordar a necessidade de atuação da escola, apesar dos vários problemas extraescolares enfrentados pelos alunos. As avaliações externas devem servir como ponto de apoio para o acompanhamento do desenvolvimento dos alunos e a tomada de decisões, inclusive com a participação dos diversos segmentos que compõem as redes (Alavarse; Bravo; Machado, 2013). Deve-se trabalhar para a construção de uma

gestão compartilhada, na qual todos se sintam responsáveis por rever suas práticas pedagógicas com o fim de proporcionar uma educação transformadora e promotora de oportunidades na diversidade (Santos, 2017).

Os resultados das avaliações externas devem redimensionar o projeto da escola, unir o grupo em torno do objetivo comum que é melhorar o processo ensino-aprendizagem, redefinir as prioridades da escola e impactar nas práticas dos professores, principalmente, em relação ao trabalho com os alunos com baixo desempenho, buscando a melhoria das habilidades de leitura e escrita (Machado, 2017). Machado (2017, p. 76) afirma que “usar os resultados das avaliações é colocar os dados obtidos no alicerce da construção de novas oportunidades de ensinar todos os alunos”. Para isso, é necessário trabalhar para a construção de uma escola pública democrática que, além de ser para todos, também ensina a todos. Nesse sentido, assertividade e clareza na definição da escola que queremos e no ser humano que vislumbramos formar devem ser a essência da atuação da gestão escolar e o horizonte da sua organização (Machado, 2017).

3.3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Apresento, nesta seção, a metodologia adotada para este estudo, bem como os sujeitos participantes e os instrumentos utilizados na coleta de dados. A proposta apresentada nesta dissertação parte da premissa de que a pesquisa é pautada em processos e métodos de investigação que possam oferecer respostas à pergunta norteadora: Quais os fatores podem estar associados ao baixo desempenho dos alunos do 9º ano do ensino fundamental, na disciplina de Matemática, no Simave/Proeb da E. E Joaquim Santos Costa?

A esse respeito, Boni; Quaresma (2005, p.70) afirmam que: “[...] o interesse pelo tema que um cientista se propõe a pesquisar, muitas vezes, parte da curiosidade do próprio pesquisador ou então de uma interrogação sobre um problema ou fenômeno”. Nesse sentido, saliento que estou diretamente associada ao caso de gestão, por ser especialista em educação básica da escola investigada. Isso me motiva a analisar a situação problema ora proposta e buscar soluções para resolvê-la.

A metodologia utilizada para este estudo tem um caráter qualitativo e toma a forma de um estudo de caso, o que possibilita a análise e a compreensão dos problemas e fragilidades no interior da escola investigada.

Segundo Boni; Quaresma (2005), como forma de obter informações sobre um determinado tema científico no processo de trabalho de campo, coletar dados objetivos e subjetivos, a entrevista é a técnica mais utilizada. Os dados subjetivos só poderão ser obtidos através da entrevista, pois eles se relacionam com os valores, as atitudes e as opiniões dos sujeitos entrevistados (Boni; Quaresma, 2005).

A metodologia utilizada foi a realização de entrevista semiestruturada com os servidores da escola, conforme mostra o quadro 7. Nesse quadro, apresento o perfil dos participantes, como habilitação, tempo de atuação na SEE e na escola, tipo de vínculo com o estado, número de turnos em que trabalha e modalidade de ensino que atua na escola.

Quadro 7 - Relação de servidores entrevistados/formação/tempo de atuação no estado/vínculo empregatício/número de turno e modalidade de ensino que trabalha

Servidor	Habilitação	Tempo de atuação na SEE	Tempo de atuação na escola	Vínculo com a SEE/MG	Nº de turnos trabalhados	Modalidade de ensino que atua na escola
Professor de Matemática 1 – PM1	Graduação específica	9 anos	9 anos	Efetivo	2	Ensino fundamental e ensino médio
Professor de Matemática 2 - PM2	Graduação específica	24 anos	19 anos	Efetivo	2	Ensino fundamental e ensino médio
Professor de Matemática 3 - PM3	Graduação específica	29 anos	5 anos	Contratado	2	Ensino fundamental e ensino médio
Professor de História 4 – PH4	Graduação específica	19 anos	19 anos	Efetivo	2	Ensino fundamental e ensino médio
Professor de História 5 – PH5	Graduação específica	8 anos	7 anos	Efetivo	2	Ensino fundamental e ensino médio
Professor de Geografia – PG6	Graduação específica	10 anos	8 anos	Efetivo	1	Ensino fundamental e ensino médio
Professor de Língua Portuguesa – PLP7	Graduação específica	17 anos	2 anos	Contratado	2	Ensino fundamental e ensino médio

Especialista 8 – E8	Graduação em pedagogia	10 anos	7 anos	Efetivo	2	Ensino fundamental e ensino médio
Especialista/ coordenadora do tempo integral 9 – E9	Graduação em pedagogia	8 meses	8 meses	Contratado	2 ¹³	Ensino fundamental em tempo integral
Diretor – D10	Graduação em História	13 anos	8 anos	Efetivo	2	Ensino fundamental e ensino médio

Fonte: Elaborado pela autora, (2024)

¹³ A coordenadora do Tempo Integral cumpre uma carga horária semanal de 24 horas, mas atende em dois turnos, em dias alternados. Turno matutino: segunda, quarta e sexta-feira e turno vespertino: terça e quinta-feira.

Como a escola investigada possui apenas duas turmas de 9º ano do ensino fundamental, os sujeitos da pesquisa foram o diretor, duas especialistas em educação básica e sete professores que trabalham com o ensino fundamental, sendo três de Matemática, um de Língua Portuguesa, dois de História e um de Geografia. A escola possui apenas um vice-diretor que trabalha com questões burocráticas. Ele não foi entrevistado, visto que não se envolve muito com as questões pedagógicas. A escola possui três especialistas em educação básica. Uma sou eu, que trabalho no turno matutino, outra atende o turno vespertino e acompanha todos os alunos dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio, e a outra EEB é a coordenadora do ensino fundamental em tempo integral. Todas as especialistas foram entrevistadas. Esses profissionais são referências para a compreensão de como acontece a avaliação na instituição e sobre os fatores que interferem no desempenho dos alunos.

O critério utilizado para a escolha dos professores a serem entrevistados foi, em princípio, o vínculo efetivo com a rede estadual e o tempo de atuação na escola. Foram escolhidos professores com mais de cinco anos de atuação para que pudessem responder com base em suas vivências. Entre os selecionados estão dois professores de Matemática, dois professores de História e um de Geografia. Depois, considerando a importância do olhar dos professores com menos tempo de serviço, decidi por entrevistar também duas professoras contratadas e com menos tempo de atuação na escola. Sendo assim, também foram entrevistadas: uma professora de Matemática e outra de Língua Portuguesa. Ambas atuam nas turmas de 9º ano da escola. Uma professora de Ciências que poderia ter sido entrevistada não foi incluída pelo grau de parentesco com a pesquisadora.

A escolha por entrevistar professores de outros componentes curriculares se deu pela possibilidade de abordar não somente o ensino da Matemática, mas o funcionamento da escola em relação às avaliações em larga escala e os fatores associados aos resultados. Na escola, cada profissional tem sua parcela de responsabilidade dentro do contexto maior, que é o desempenho dos alunos. Algumas variáveis, além do conhecimento das habilidades avaliadas, podem influenciar nos resultados da escola, como a participação dos alunos e o empenho em realizar o teste.

As entrevistas têm como objetivo buscar o conhecimento dos profissionais da escola a respeito dos fatores que estão associados ao desempenho dos alunos nas

avaliações de Matemática do Proeb. Elas foram realizadas na escola presencialmente, de forma individual, entre os dias 29/10/2024 a 14/11/2024.

Os roteiros para as entrevistas constam nos apêndices dessa dissertação, sendo o apêndice A para os professores de Matemática, o B para os professores dos demais componentes curriculares, o C para o diretor e as especialistas em educação básica. Eles foram elaborados com o objetivo de compreender os fatores associados aos resultados da escola e as possíveis soluções para o baixo desempenho. Buscou coletar dados sobre a utilização da avaliação externa como ferramenta de gestão e sobre o trabalho em sala de aula no que se refere às habilidades do Proeb.

Os roteiros de entrevista estão divididos em quatro blocos, sendo Bloco 1: Perfil do entrevistado, Bloco 2: Fatores extraescolares associados ao desempenho dos alunos, Bloco 3: Fatores intraescolares associados ao desempenho dos alunos, Bloco 4: Avaliação externa e apropriação de resultados. O objetivo dessas entrevistas é analisar a percepção que esses profissionais têm sobre o funcionamento da escola, seus desafios e suas ações. Essas percepções dos entrevistados me auxiliaram na elaboração do Plano de Ação Educacional (PAE).

Durante todo o trabalho de coleta de dados, análise e interpretação das informações, os participantes da pesquisa foram mantidos no anonimato, a fim de preservar a identidade, e identificados nesta dissertação por nomes fictícios.

Após a realização das entrevistas e questionários, realizei a análise das respostas à luz do referencial teórico que embasou esse estudo. Considerando o que adverte Boni; Quaresma:

Ao realizar o relatório da pesquisa é dever do pesquisador se esforçar ao máximo para situar o leitor de que lugar o entrevistado fala, qual o seu espaço social, sua condição social e quais os condicionamentos dos quais o pesquisado é o produto. Tem que ficar claro para o leitor a tomada de posição do pesquisado. (Boni; Quaresma, 2005 p. 77).

É relevante ressaltar que o trabalho de campo é fundamental, porque possibilita complementar os dados levantados a partir da análise documental na escola. Assim, os dados obtidos foram utilizados para conhecer a percepção dos atores envolvidos com o objeto de estudo, conseguir informações que confirmam ou não as hipóteses levantadas no capítulo dois sobre os fatores relacionados ao baixo desempenho.

A interação com professores e gestores proporcionada pelas entrevistas me possibilitou identificar percepções, sentimentos, atitudes e ideias a respeito dos

fatores associados ao baixo desempenho dos alunos e das práticas pedagógicas realizadas. Os participantes foram: o diretor, duas especialistas em educação básica, três professores de Matemática, dois professores de História, uma professora de Geografia e uma professora de Língua Portuguesa, que trabalham com os estudantes do ensino fundamental na escola em estudo.

As entrevistas foram agendadas previamente com os entrevistados e aconteceram em uma sala anexa à secretaria da escola por ser um local reservado, permitindo que os entrevistados pudessem se expressar com tranquilidade. Todos se mostraram tranquilos no momento da entrevista. Antes do início, todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que consta do Apêndice D dessa dissertação e também concordaram que a entrevista fosse gravada.

Como os dados obtidos com a utilização da metodologia das entrevistas semiestruturadas são de natureza qualitativa, a análise desses também foi de forma qualitativa. Após a realização das entrevistas, foi feita a transcrição usando o site TurboScribe.ai e as respostas dos entrevistados foram organizadas em um quadro para análise dos dados coletados, facilitando assim a percepção sobre os fatores pesquisados.

3.4 ANÁLISES DOS DADOS

Esta seção apresenta as principais informações coletadas a partir das entrevistas realizadas com os professores, os especialistas em educação básica e o diretor escolar da instituição. Para tanto, as análises foram divididas em cinco subseções, a saber: i) Conhecimento e importância das avaliações externas, ii) Fatores extraescolares associados ao desempenho dos alunos, iii) Fatores intraescolares associados ao desempenho dos alunos, iv) Apropriação dos resultados das avaliações externas e v) Síntese dos achados da pesquisa.

No texto, os entrevistados estão identificados por: professores de Matemática (PM1, PM2, PM3); professores dos componentes curriculares não avaliados (PH4, PH5, PG6, PLP7); e especialistas em educação básica e diretor escolar (E8, E9, D10), seguindo a categorização informada no Quadro 7, apresentado na seção anterior.

3.4.1 Conhecimento e importância das avaliações externas

As avaliações externas são instrumentos muito importantes de mensuração da qualidade do ensino, pois dão suporte para a reflexão das práticas gestoras e pedagógicas por parte dos professores e gestores na dinâmica do cotidiano escolar (Alves, 2017).

Partindo do pensamento da autora, foi possível perceber, durante a realização das entrevistas, que todos os entrevistados conhecem as referidas avaliações e acham que são importantes para o planejamento pedagógico, como mostram as falas a seguir:

As avaliações externas para a escola, eu acredito ser de grande valia, porque ela traz um mapa mais específico de como está o trabalho em todas as disciplinas em que são avaliadas de forma externa. (PM1, entrevista realizada em 29/10/2024).

Serve para a gente nortear o trabalho da gente, né? Porque a gente trabalha de acordo com o plano de curso que o próprio governo estabelece, então a gente quer ficar dentro daquilo ali que ele vai cobrar, né? Então, à medida que o aluno tem um bom desempenho, a gente vê que tá desenvolvendo um trabalho bom em cima daquilo, né? (PM2, entrevista realizada em 31/10/2024).

Ela é importante porque, a partir das avaliações, você consegue verificar, de acordo com as habilidades que a gente precisa trabalhar em sala, como está sendo o desempenho do nosso aluno, ano a ano, para verificação, talvez, não só do ensino-aprendizagem do aluno, mas também para compararmos com o nível estadual (PM3, entrevista realizada em 14/11/2024).

Ao analisar as falas dos professores de Matemática, verifiquei que todos veem essas avaliações como importantes para direcionar o trabalho em sala de aula. Os professores PM2 e PM3 fizeram referência ao trabalho de acordo com o Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG) e às habilidades de cada ano/série, questões essas que são cobradas nas avaliações externas.

Os professores das disciplinas não avaliadas também concordam com os professores de Matemática sobre a importância das avaliações externas. O PH4 aborda que essas avaliações são políticas públicas do estado, estão alinhadas à BNCC e ao CRMG e o trabalho da escola deve ser desenvolvido nessa mesma linha de trabalho.

Eu penso que faz parte das políticas públicas educacionais por parte do estado, por parte do governo. E não é de desconsiderar que são avaliações que procuram estar alinhadas com a BNCC, a base

nacional curricular e o currículo do estado. Então penso que é de fundamental importância estar alinhando a nossa prática educacional, nossa prática como docente, dentro dessa perspectiva de estar correspondendo a essa base nacional e o currículo do estado (PH4, entrevista realizada em 04/11/2024).

O PH5 aborda as avaliações externas como aquelas que direcionam o trabalho docente e permitem “um olhar” mais distante do desempenho da escola.

[...] elas são uma espécie de bússola, eu acredito que elas servem para poder direcionar o que está dando certo e o que está dando errado no trabalho da gente. Então, porque as avaliações internas, as nossas avaliações, ela é muito focada no cotidiano ali, no nosso relacionamento mais direto com os alunos. E a externa ela é mais fria, ela é mais distante do aluno e está mais próxima do que eles vão enfrentar nas avaliações do Enem ou de qualquer outro vestibular. Então eu acredito que elas sejam um norte para que a gente possa ver esse distanciamento do que a gente trabalha dentro da sala de aula e do que realmente é cobrado fora da sala de aula (PH5, entrevista realizada em 07/11/2024).

Seguindo na mesma linha de pensamento do PH5, a PG6 diz: “Eu vejo como um termômetro, para a gente estar vendo o que precisa estar melhorando, e como eu disse, o termômetro para poder estar trabalhando em cima das dificuldades de cada aluno, individual e no grupo” (PG6, entrevista realizada em 11/11/2024). A PLP7 respondeu: “Em minha opinião, é muito importante, né, porque nos ajuda, nos ajuda a estar trabalhando com aquelas dificuldades que o aluno tem, está descobrindo a dificuldade e nos ajuda a estar trabalhando de forma melhor” (PLP7, entrevista realizada em 14/11/2024).

As falas de todos os professores demonstram o quanto as avaliações externas são importantes para a escola. A partir do momento em que a gestão escolar e a equipe pedagógica comecem a utilizar as avaliações externas como evidências para o planejamento baseado nas capacidades de aprendizagem não consolidadas pelos alunos, os resultados escolares tendem a melhorar.

A equipe gestora da escola compartilha da mesma linha de pensamento dos professores. Isso foi possível perceber pela fala das especialistas e do diretor sobre a importância dessas avaliações. A E8 diz que: “A avaliação externa dá um norte para a gente para ver o que nossos alunos estão precisando melhorar naquelas capacidades cobradas pelo nosso currículo” (E8, entrevista realizada em 04/11/2024).

A fala da E9 mostra a preocupação da escola com a utilização das avaliações para o direcionamento e melhoria das práticas pedagógicas:

Essas avaliações externas, elas são importantes porque acabam mostrando para o aluno e para o professor e também para a escola em geral como que está essa aprendizagem, o que precisa estar melhorando, né, quem pode estar melhorando enquanto aluno, enquanto supervisor, enquanto professor, o que pode ser feito, enfim, é importante porque vai ter né, aquele resultado, aquele desempenho da escola e a escola vai ter um meio de saber onde que eu posso melhorar, onde que eu devo continuar né, qual plano de ação eu devo desenvolver para melhorar esse desempenho (E9, entrevista realizada em 14/11/2024).

O diretor, em sua fala, aborda a importância das avaliações no sentido de comparação, porque, como avalia toda a rede estadual, ela é um parâmetro de comparação. Tem como a escola avaliar o ponto em que está em relação aos outros (SRE, Rede estadual e municipal) e, principalmente, a ela mesma em edições anteriores. “As avaliações, tanto interna como externa, elas medem a sua situação, te dá um parâmetro do que você alcançou ou o que ainda pode alcançar” (D10, entrevista realizada em 14/11/2024).

Nesse ponto, é possível perceber que a fala dos entrevistados está na mesma linha de pensamento do autor Alavarse; Bravo; Machado (2013), que vê as avaliações externas como ponto de apoio para o acompanhamento do desenvolvimento dos alunos e da escola. Esse mesmo autor afirma que a avaliação é um processo e uma condição necessários para se estabelecer e acompanhar metas qualitativas e quantitativas e verificar se são atingidas, despertando nas escolas e nas redes uma reflexão sobre a qualidade de suas práticas e dos seus resultados (Alavarse; Bravo; Machado, 2013).

Também mostra que devemos enxergar as informações provindas da avaliação como indícios do processo de ensino e de aprendizagem, evidenciando trajetórias dos alunos, das escolas e das próprias redes, a fim de provocar momentos de reflexão sobre a prática e o replanejamento das ações. (Alavarse; Bravo; Machado, 2013). Sobre isso, Bonamino; Sousa (2012) afirmam que as avaliações têm como objetivo melhorar a qualidade do ensino, estabelecendo novos parâmetros de gestão dos sistemas educacionais. Considerando que todos os estudantes tenham acesso aos mesmos parâmetros curriculares.

3.4.2 Fatores extraescolares associados ao desempenho dos alunos

Quando os professores foram questionados sobre quais fatores interferem nos resultados dos alunos na avaliação externa do Proeb, os principais apontamentos foram: fatores extraescolares – falta de perspectiva de vida dos alunos, falta de transporte escolar em época de chuvas para os alunos da zona rural, falta de apoio da família, famílias desestruturadas e que não acompanham os filhos, dificuldades socioeconômicas, baixo nível de escolaridade da população, como mostram as falas das PM3 e PLP7:

Acho que vários fatores contribuem para essa questão da avaliação, de repente o fator climático contribui certa época para que o aluno venha à escola, mas também o principal que eu acho, está faltando ainda aquele interesse particular do aluno em querer demonstrar seu interesse em fazer avaliação, fazer uma leitura mais detalhada e realmente mostrar aquilo que ele sabe (PM3, entrevista realizada em 14/11/2024).

A falta de participação, a falta de interesse, tudo isso aí, o que vem mais me atrapalhando, as dificuldades, né, que a gente já pega os alunos com muita dificuldade, então se torna mais difícil já estar fazendo aquele acompanhamento individual para estar ajudando, são salas cheias (PLP7, entrevista realizada em 14/11/2024).

Sobre esse assunto, Soares (2004) afirma que os fatores associados ao desempenho dos alunos são muitos e nenhum deles sozinho é capaz de garantir bons resultados escolares (Soares, 2004). Palermo; Silva; Novellino (2014) concordam com Soares (2004) quando dizem que

Os fatores que influenciam a proficiência são múltiplos e complexos, contemplando dinâmicas que atuam em diferentes níveis, desde o mais elementar, das características socioeconômicas e culturais dos indivíduos e de suas famílias, até as dinâmicas que ocorrem nas salas de aula, entre professores e alunos, e as características estruturais da escola (Palermo; Silva; Novellino, 2014, p. 367).

Quando os entrevistados foram questionados a respeito das famílias da escola, todos concordaram que essa participação é muito importante e impacta positivamente na vida dos filhos, como mostra a fala da PM1: “Considero que é de muita valia a participação. Porque é uma vantagem que a escola tem, é uma parceira que a escola tem pra poder ajudar no ensino e aprendizagem”. Quanto à participação dos pais na vida escolar dos filhos, 90% dos entrevistados responderam que é pouca, como afirma a PG6 e PH5:

Eu creio que, por questão de esclarecimento, é a minoria que apoia e acompanha a aprendizagem dos filhos. A escola que tem que estar convocando os pais, para eles estarem vindo à escola, intimando para poderem estar acompanhando a educação do filho. O pai, por livre e espontânea vontade, é a minoria que vem na escola, para poder saber da vida escolar dos filhos (PG6, entrevista realizada em 11/11/2024).

Os pais não incentivam os filhos em nada em relação à educação. Eles não veem a importância que a educação pode exercer na vida daqueles filhos, dos filhos deles. Então eu acredito que isso acaba impactando de forma negativa. Pelas próprias reuniões de pais, poucos vem. Muitos dos que vem é só mesmo por medo de perder algum benefício, não é realmente, eu não identifico realmente o interesse em buscar uma melhoria para os filhos (PH5, entrevista realizada em 07/11/2024).

O PH4 vai de encontro aos colegas ao afirmar que a maioria dos pais acompanha os filhos, como mostra a fala a seguir:

Penso que uma grande maioria apoia, sim. Muitas vezes, se uma minoria não apoia, porque muitas vezes falta uma bagagem cultural, educacional para estar incentivando os próprios filhos a estudar. Mas penso que a maioria, sim, tem um certo compromisso com o filho na escola (PH4, entrevista realizada em 04/11/2024).

As dificuldades encontradas para a participação dos pais são principalmente daqueles residentes na zona rural, devido ao acesso à escola ser mais difícil, como aponta a fala da E8 quando diz que “É uma dificuldade bem maior para que os pais da zona rural tenham acesso ao conhecimento que possa estar ajudando os filhos e frequentando a escola mais vezes” (E8, entrevista realizada em 04/11/2024).

Um fator que dificulta a participação dos pais do turno matutino nas reuniões realizadas pela escola são questões relacionadas ao horário das reuniões pedagógicas, pois, como já foi citado no capítulo dois, elas acontecem no momento da aula, o que torna difícil a participação dos que estão trabalhando nesse horário. Como a maioria reside distante da escola, o acesso é difícil e, no período noturno, é inviável o deslocamento.

O fato de a maioria dos pais ter poucos anos de escolaridade dificulta a participação na vida dos filhos, como é possível perceber na fala do PH4.

Aqueles que muitas vezes não passaram por esse processo de educação, de estar presente em uma sala de aula, de ter uma visão cultural mais ampla acerca do processo de ensino, muitos deles, de certa forma, não procuram incentivar os seus próprios filhos e

estudantes a terem um comprometimento maior com essas avaliações externas (PH4, entrevista realizada em 04/11/2024).

A fala do PH4 está de acordo com Soares (2007) quando afirma que, no Brasil, uma grande porcentagem de pais de alunos da escola fundamental teve uma escolarização precária, explicando assim que muitos ainda estejam satisfeitos com o acesso à escola oferecido a seus filhos, mesmo que este acesso seja a uma escola de baixa qualidade. Os pais não cobram dos filhos um melhor desempenho nas atividades, mas também não cobram da escola a oferta de melhores condições de estudo para os filhos.

Os professores acham que os pais deveriam cobrar mais dos filhos para que eles possam melhorar o desempenho, como diz o PM2 em sua fala: “Se ele pega um caderno e vê que o aluno não fez atividade, ele vai cobrar e o aluno, é claro que tende a melhorar, né? Porque se não tiver cobrança, é igual à gente na sala, ele não vai fazer né?” (PM2, entrevista realizada em 31/10/2024).

A partir de suas características intrínsecas, as famílias fazem várias escolhas. Primeiramente, tomam decisões internas que incluem, entre outras coisas, o estilo de criação dos filhos, a criação de rotina diária na casa. Depois, as famílias escolhem uma comunidade para viver, que influenciará os resultados das crianças através de vários mecanismos denominados efeito de vizinhança (Soares, 2007). “Finalmente, os pais optam por se envolver ou não nas atividades da escola e nas tarefas de aprendizagem que ocorrem no âmbito da residência” (Soares, 2007, p. 151).

Embora a condição econômica seja importante na determinação do desempenho cognitivo dos alunos, há diferenças significativas decorrentes das diversas histórias e atitudes das famílias (Soares, 2004). Na escola, há famílias que, mesmo com condições socioeconômicas desfavoráveis, apoiam e acompanham os filhos. Isso fica evidente na fala do diretor quando diz “[...] se bem que alguns não tiveram uma vida de formação escolar, mas entendem isso como prioridade e passam para o filho”.

As falas dos professores citados estão de acordo com Palermo; Silva; Novellino (2014) que afirmam que o interesse dos pais na educação dos filhos e a supervisão que estes exercem na vida escolar do aluno, por meio de incentivos, presença na escola e conversas sobre o cotidiano escolar, estão associados a maiores notas. (Palermo; Silva; Novellino, 2014). Esses mesmos autores afirmam que a escolaridade

dos pais é muito relevante no desempenho dos filhos (Palermo; Silva; Novellino, 2014).

Conforme já foi apresentado no capítulo 2, o município de Comercinho é pequeno, com uma extensão territorial de 654,961 km² e uma população de 6.660 pessoas. A cidade oferece poucas oportunidades de emprego, onde apenas 7,11% da população trabalha em empregos formais (IBGE, 2024). Isso se confirmou no depoimento do D10 que aponta como um dos fatores externos a questão familiar dos alunos e a cidade que oferece poucas perspectivas de vida para os jovens e aponta também a má formação inicial dos professores, causando um despreparo para o trabalho com a clientela atendida pela escola:

Se nós pegamos a questão socioeconômica da família, certamente é um ponto que influencia, né? A formação da família pode influenciar na visão que ela tem sobre a importância de educar. Eu acho que na nossa cidade há falta de perspectiva de vida. Um baixo nível de escolaridade da população. Então, os alunos nossos não têm referência de pontos positivos, o que o estudo vai trazer de resultado para a vida deles. Então, desmotiva. Cada vez as famílias, de forma geral, mais desestruturadas. Não tem um acompanhamento. A cidade tem essas dificuldades e pouca perspectiva de vida... Não estamos preparados para enfrentar a realidade. Talvez, essa realidade, ao incluir todo mundo na escola, um tempo atrás, não estava incluído. Então, muitos ficavam fora. Talvez, esses que ficavam fora, são os que estão hoje e que precisam de uma atenção. E não tem um público de profissionais preparado para pegar essa realidade e tentar mudar a situação (D10, entrevista realizada em 14/11/2024).

As falas dos entrevistados estão de acordo com as afirmações de Soares (2007), ao afirmar que o nível de desempenho dos alunos varia de forma acentuada de acordo com o nível socioeconômico das famílias. Esse mesmo autor também aponta a formação inicial do professor como uma importante mudança de longo prazo para a melhoria na educação e a formação continuada, que precisa ser feita de maneira articulada com o projeto pedagógico da escola (Soares, 2007).

Uma das hipóteses levantadas para o baixo desempenho dos alunos, no capítulo dois, foi o nível socioeconômico, visto que as famílias da escola em estudo, no Indicador de Nível Socioeconômico das Escolas de Educação Básica (INSE), se encontram no nível três. Outro aspecto abordado foi a pouca participação das famílias nas reuniões devido à dificuldade de deslocamento e ao horário das reuniões ser incompatível com o trabalho dos pais. Os relatos dos servidores da escola confirmam

as hipóteses apresentadas, demonstrando que é preciso pensar em formas de melhor acolhê-los, com reuniões mais objetivas e em horários que facilitem essa participação.

Essa dificuldade dos pais em acompanhar a vida escolar dos filhos repercute também na realização das tarefas de casa. Todos os professores afirmaram passar e corrigir tarefas de casa, mas relataram que os alunos têm dificuldade na realização delas por não terem um apoio familiar, como a fala da PG6 “Uma grande parte é por não ter o apoio da família, né, nem a família ser instruída, dos pais estar cobrando, de estar estipulando horário para estar realizando as atividades” (PG6, entrevista realizada em 11/11/2024).

Os professores de Matemática disseram passar a tarefa como complementação da aula, quando não dá tempo para o aluno realizar a atividade na sala. Os demais professores afirmaram passar a tarefa regularmente. Quanto à correção, todos fazem de forma completa. Como mostram as falas das PM1 e PM3:

Com relação às atividades para casa, eu sempre uso a seguinte dinâmica, explico a matéria, explico o conteúdo, tiro as dúvidas, várias vezes quantas necessárias, e as atividades são sempre começadas na escola, para que o aluno tenha a oportunidade de perguntar alguma coisa que não conseguiu compreender. Aí explico o conteúdo, passo a atividade pra ela ser começada na sala. Aí, ao final, atividade não é concluída, porque o tempo que eu determinei, não teve tempo hábil, aí eu comunico agora essa termina em casa, conclui em casa. Eu não costumo passar “para casa” assim, excepcional, no final da aula, colocar o para casa no quadro, e eles vão fazer em casa sem uma prévia orientação. Sempre começo o para casa dentro da sala. O para casa como uma complementação da atividade que já iniciou dentro da sala, que assim tem um suporte para realizar o para casa (PM1, entrevista realizada em 29/10/2024).

A PM3 também confirma o que foi apresentado em relação às tarefas de casa.

Eu passo tarefa de casa, não assim frequentemente, eu passo, eu costumo desenvolver mais justamente pelo que eu vejo da dificuldade que ele tem de fazer em casa, eu costumo trabalhar para aproveitar o máximo do tempo em sala de aula, e vejo que muitos têm dificuldade de pais para auxiliá-los na execução dessas tarefas (PM3, entrevista realizada em 14/11/2024).

Um número significativo de alunos tem dificuldade na compreensão do que foi estudado em sala de aula e tem dificuldade na resolução das atividades, de acordo com as falas dos professores. Muitos realizam as atividades para casa com o objetivo de receber o visto do professor. Na percepção de alguns professores, os alunos têm dificuldades na resolução das atividades e falta o esforço para vencer essas

limitações. Acabam por recorrer à “cola” das tarefas dos colegas ou à busca por respostas prontas na internet, como colocado por PH5.

Eu identifico dois tipos de dificuldades na realização das atividades. Tem aquela dificuldade de defasagem de aprendizagem, que muitos chegaram com ela, principalmente depois da pandemia. Essa é a principal dificuldade. Às vezes tem uma certa dificuldade de interpretar e pôr em prática o que as atividades propõem. Então essa é uma das dificuldades. E tem uma outra dificuldade, que isso vai mais da parte comportamental, que é os alunos hoje em dia, com acesso à internet, eles já sabem que a resposta está pronta na internet. Então você chega e muitos dos que fazem já trazem uma resposta pronta da internet. Inclusive eu já identifiquei que muitos alunos descobriram que tem o PDF do livro do professor disponível e as respostas chegam tal qual está no livro do professor. Inclusive até com as orientações que o livro dá (risos), eles acabam copiando essas orientações. Espera-se que o aluno responda, comente sobre... Então até isso eles copiam. E já virou de forma tão mecânica que eles não leem nem o que eles estão copiando. Tudo que está lá, resposta número um, letra A, eles já copiam aquele texto sem ler. Porque se eles lessem, eles iam ver que esse “espera-se” que o aluno responda isso, não precisava estar na resposta deles. Mas aparece lá. Então eu acho que essa é a segunda dificuldade. É o fato deles não se empenharem para fazer a tarefa de fato. E se empenhem em ter uma resposta para a tarefa. Como eles conseguem essa resposta, não surte efeito (PH5, entrevista realizada em 07/11/2024).

Segundo Matos et al. (2017), a realização dos deveres de casa constitui um fator de influência positiva sobre o desempenho escolar. Esses efeitos dependem de várias circunstâncias, algumas das quais concernentes a práticas e recursos familiares, como as condições domésticas para sua realização e o tipo de acompanhamento recebido (ou não). Laros, Marciano, Andrade (2012) consideram que a realização dos deveres de casa e o trabalho colaborativo entre a equipe escolar também contribuem positivamente para a melhoria dos resultados da escola (Laros, Marciano, Andrade, 2012).

As atividades para casa são de grande importância para a aprendizagem dos alunos. Isso é evidente tanto na fala dos autores citados quanto dos entrevistados. Percebe-se que essa prática ainda não foi interiorizada pela maioria dos alunos, pois eles ou não as realizam, ou as realizam de forma mecânica somente para a visualização do professor. Diante disso, faz-se necessário repensar a prática da realização dos deveres de casa junto aos alunos e seus familiares para que tenham benefícios na aprendizagem.

Outra questão que impacta bastante o desempenho dos alunos da escola, principalmente no turno matutino, que atende preferencialmente os alunos da zona rural é a inconsistência no transporte escolar, principalmente em períodos chuvosos. A escola não possui dados oficiais sobre o assunto, mas as faltas dos alunos repercutem negativamente na aprendizagem. Isso foi abordado pela PM3, já citado acima e pelo D10 “Eu vejo os alunos da zona rural, a quantidade de dias letivos. Se nós temos 200 dias letivos, quantos dias reais, nós temos? Quanto que o aluno frequenta? Então, isso eu acho que tem um reflexo muito grande no desempenho do aluno”. (D10, entrevista realizada em 14/11/2024).

Esses fatores extraescolares foram levantados por mim no capítulo dois e confirmados na percepção dos entrevistados. Laros, Marciano, Andrade (2012) consideram que, apesar de o desempenho acadêmico dos alunos estar diretamente relacionado às condições socioeconômicas das famílias, a escola também faz diferença. Isso pode ser verificado, uma vez que alunos oriundos de um mesmo contexto socioeconômico podem apresentar diferenças no desempenho escolar em razão da escola em que estudam. Dessa forma, não existe um determinismo absoluto (Laros, Marciano, Andrade, 2012).

Partindo do pensamento dos autores citados, é possível perceber a importância das ações internas da escola para que todos possam ter um desempenho satisfatório. São muitos os fatores extraescolares que afetam o desempenho dos alunos. Sobre esses fatores, a escola tem uma atuação limitada. O foco das ações da escola serão os fatores intraescolares, que serão analisados na próxima subseção.

Como colocado pelo PH4

Um dos desafios que nós como docentes temos também é de tentar trazer essa família para dentro da escola, para estar frequentando mais as reuniões pedagógicas, conscientizando realmente dessa necessidade de estar próximo, fazer parte desse acompanhamento da vida escolar e do filho (PH4, entrevista realizada em 04/11/2024).

A fala do entrevistado está de acordo com o que afirma Soares, (2004) que diz que a participação da família na vida escolar dos filhos, principalmente através da formação de atitudes favoráveis ao trabalho pedagógico, está muito associada ao desempenho dos alunos. Temos que pensar em ações para aproximar mais as famílias da escola e facilitar a sua participação de diversas formas, mas o foco

principal do Plano de Ação Educacional será os fatores intraescolares que serão trabalhados na próxima seção.

3.4.3 Fatores intraescolares associados ao desempenho dos alunos

Em relação aos fatores intraescolares citados pelos entrevistados, discuto nesta análise sobre a defasagem de aprendizagem, a falta de base dos alunos em Matemática, desde os anos iniciais, e a dificuldade em leitura e interpretação. A PM1 relata o fato de os alunos não gostarem de Matemática e a acharem difícil, o que pode estar impactando no baixo desempenho dos alunos.

Matemática tem uma cultura de muitos alunos não gostarem da Matemática, terem medo da Matemática e por muitas vezes a avaliação pode, de repente, não ser um exato mapa fiel da formação dos nossos alunos, o que eles sabem da formação, o que eles sabem da Matemática. Às vezes, muitas dessas avaliações externas das quais a gente tem acesso, não traz aquilo que é o perfil de uma turma, do que o aluno sabe, porque a defasagem Matemática está muito grande, o aluno está numa série, mas não venceu habilidades de séries anteriores. Então, as avaliações externas que a gente tem acesso, por exemplo, o Simave, Proeb, a gente não visualiza a prova antes, mas o que a gente tem acesso, que não traz aquilo que está sendo trabalhado atualmente com o aluno. Porque a gente trabalha num nível e a prova vem em outro nível (PM1, entrevista realizada em 29/10/2024).

Uma das especialistas abordou a falta de base dos alunos em sua fala “Eu creio que nossos alunos vêm para a rede estadual de ensino sem base, eles não têm base na Matemática e eu acho que isso dificulta muito o raciocínio lógico para realizar as atividades propostas” (E8, entrevista realizada em 04/11/2024).

Dos sete professores entrevistados, seis apontaram o desinteresse e a desmotivação como uma dificuldade que estão tendo para o desenvolvimento do trabalho em sala de aula. Esse desinteresse se estende ao momento de realização das avaliações externas, como é possível perceber na fala da PLP7: “A falta de interesse próprio, né, dos alunos e a falta de leitura e de compromisso, porque eles pegam as avaliações, não tem interesse nem de ler, simplesmente vão resolvendo sem ler, né, não interpretam, o que vem ocasionando um resultado ruim”. O professor PH4 também falou sobre a desmotivação dos alunos.

Uma das dificuldades que penso, por parte de alguns, é a desmotivação. Eles se sentem desmotivados com a sala de aula e com a perspectiva de estudo. A sala de aula, o estudo para eles, eles se veem com uma distância enorme do seu cotidiano. E numa perspectiva de ter um futuro, a educação está abrindo as portas para eles, e muitas vezes eles não enxergam dessa forma (PH4, entrevista realizada em 04/11/2024).

Pela fala dos entrevistados, ao atribuir o resultado das avaliações externas ao desinteresse dos alunos na realização das provas, é possível inferir que não há um envolvimento coletivo com essa política educacional. Esse pensamento dificulta a busca por soluções para o problema apresentado. Sobre isso, Ferreira (2019, p.116) afirma que “os professores, ao responsabilizarem outros agentes pelo fracasso escolar, não entendem a possibilidade de rever os pontos indicados nas avaliações externas e sua utilização para subsidiar possíveis práticas pedagógicas”. Essa postura diante dos resultados impede que seja realizada uma avaliação institucional que seja benéfica para a escola, uma vez que reconhecer as dificuldades e problemas é o primeiro passo para qualquer ação de intervenção e mudança de rumo (Alves, 2017).

A questão curricular também impacta no desempenho dos alunos, com o ensino de um currículo fora da realidade. Isso se verifica no relato do PH4.

Penso que uma das coisas que possa estar interferindo muitas vezes é o ensino de um currículo, que muitas vezes não corresponde à realidade da nossa região, da nossa cidade, de uma história local, que muitas vezes poderia estar privilegiando um ensino, um saber próximo dos nossos estudantes, que muitas vezes esses documentos não trazem, não demonstram, não procuram retratar a realidade dos nossos estudantes (PH4, entrevista realizada em 04/11/2024).

O D10, além de abordar os fatores falados pelos professores, apontou também fatores importantes que impactam diretamente o desempenho dos alunos, que são: falhas no trabalho pedagógico da escola; má formação inicial dos professores; profissionais despreparados para trabalhar com alunos com dificuldades de aprendizagem e de adaptação ao ambiente escolar.

Então, eu vejo que, a graduação hoje não atrai os melhores profissionais. Não tem como a gente não pensar isso. Não estou falando localmente da minha escola. É o que eu percebo da educação. Os melhores alunos, em todo o período que eu dei aula, não quiseram ser professores. Então, eu não estou tendo os melhores para enfrentar essa realidade. A formação, hoje, cada vez mais, a educação é à distância. É com período curto. Não tem concorrência para entrar. Quem quiser fazer, faz. Então, você já entra na graduação com

deficiência e quem entra, sai dela com a mesma deficiência. Quem entra com a base maior, vai sair com a condição melhor. Mas, de forma geral, você vê que os bons, os melhores, de forma geral, toda regra tem exceção. Eles não buscam a área da educação. Então, o público que está se formando de professores não são dos melhores alunos porque o salário é baixo. Não atrai. Então, isso aí já é um ponto. A formação, na maioria das vezes, é à distância. Sem um acompanhamento. Sem uma qualidade, sem um padrão. Com o tempo reduzido (D10, entrevista realizada em 14/11/2024).

Sobre a formação de professores abordada pelo D10, Lüdke; Boing, (2012), dizem que há muito tempo a preparação de futuros professores representa um desafio para a universidade, de modo especial para as faculdades de educação e os cursos de pedagogia, responsáveis pelos cursos de licenciatura, onde se formam os professores para as diferentes disciplinas do currículo da educação básica (Lüdke; Boing, 2012). Apesar de a tarefa de ensinar parecer fácil por se tratar de coisas básicas, que são de domínio público, que todo mundo sabe, como ler, escrever e contar, essas competências precisam ser dominadas por todos os alunos e é um desafio para os professores iniciantes (Lüdke; Boing, 2012).

A respeito do tempo destinado à formação, os autores supracitados alertam que

Em primeiro lugar, é preciso atentar para o risco de uma formação inicial aligeirada. A universidade, que assumiu para si a formação profissional, tem sido acusada de academicismo e falta de atenção à preparação para o trabalho real. Nota-se uma tendência a apressar a formação inicial e deixar a preparação para o trabalho ao encargo das próprias escolas, em serviço e de forma continuada. Ao pensarmos em termos de profissionalidade, uma sólida formação inicial é cada vez mais necessária, talvez mais do que no tempo em que uma boa qualificação bastava para se levar um mesmo ofício até a aposentadoria. A profissionalidade exige uma boa dose de iniciativa pessoal, capacidade de trabalho em equipe, interdependência de funções e desenvolvimento de interações. Todas essas coisas exigem capacidade de reflexão e de adaptação a diferentes condições. Quanto melhor a formação inicial, mais capacidade de resposta reflexiva e de adaptabilidade. (Lüdke; Boing, 2012, p. 443).

Os autores alertam para a importância da formação inicial e continuada e essa não pode ficar a cargo só da escola. É necessário que as universidades invistam tempo na formação dos novos professores. Essa formação deve estar equilibrada entre teoria e prática, entre a universidade e o mundo exterior (Lüdke; Boing, 2012). “Não esqueçamos que quem efetiva o ato docente como fenômeno concreto é o professor” (Lüdke; Boing, 2012, p. 443). A qualidade da educação está diretamente ligada à atuação desse profissional.

Como já apontado nas hipóteses para o baixo desempenho, a defasagem de aprendizagem foi um fator apontado por muitos entrevistados, como mostra a fala da PM1, quando perguntada sobre os fatores que interferem nos resultados dos alunos na avaliação externa do Proeb:

O primeiro fator que eu considero é essa defasagem. Porque o aluno, como eu disse, ele está em uma série, no sexto ano, por exemplo, e não venceu as habilidades dos anos iniciais, ou venceu parcialmente. Falando, por exemplo, da primeira série dos anos finais do ensino fundamental, que é o sexto ano. Se ele não venceu as habilidades dos anos iniciais, no sexto ano, o plano de curso vem novamente trabalhando as operações, os problemas de Matemática, a gente precisa trabalhar. Aí vai passando as séries, quando você chega no sétimo e vai caminhando devagar, dentro daquela dificuldade, no oitavo também. Quando chega no nono, não está com as habilidades vencidas do nono ano (PM1, entrevista realizada em 29/10/2024).

Indo na mesma linha de pensamento da PM1, a PG6 apontou a deficiência em leitura e escrita, e o fato de muitos alunos chegarem à escola sem estarem alfabetizados ou em processo inicial de alfabetização, como um fator que interfere negativamente no desempenho dos alunos (PG6, entrevista realizada em 11/11/2024). Essa defasagem de aprendizagem e dificuldade de leitura e escrita com que os alunos chegam ao sexto ano tem causado um grande índice de reprovação e distorção idade/série, que foi uma das hipóteses do capítulo dois que se confirmou, na percepção dos entrevistados, pois os alunos não conseguem aprender o que é devido para o ano escolar em que se encontram.

Outro fator bastante significativo foi apontado na entrevista do PH5, que é a disparidade entre o trabalho em sala de aula e o que realmente é cobrado. “Eu acho que há uma disparidade realmente entre o que a gente trabalha em sala de aula e o que realmente eles cobram. Há um certo choque, então eu acredito que isso interfira” (PH5, entrevista realizada em 07/11/2024). O referido professor aborda a diferença entre o trabalho em sala de aula, as avaliações internas e as avaliações externas, no tipo de questões e nos conteúdos cobrados.

Sobre esse assunto, Brooke; Cunha (2011) afirmam que o problema principal está nas inúmeras dificuldades dos professores para entender as matrizes de referência dos testes, associá-las aos conteúdos ministrados e trabalhá-las em sala de aula. Isso mostra a necessidade de rever o planejamento interno da escola, procurando trabalhar com a matriz de referência do Proeb para que haja um

alinhamento entre o trabalho em sala de aula e os conteúdos cobrados nessas avaliações. Só há de se ter atenção para que a matriz de referência não se torne o currículo. Ela representa uma parte do currículo.

A PM3 relatou estar tendo dificuldade em relação à disciplina dos alunos durante as aulas: “dentro da sala eu tô sentindo uma dificuldade com relação à disciplina deles ali dentro, no decorrer das aulas” (PM3, entrevista realizada em 14/11/2024). O PM2, que trabalha no tempo integral no turno vespertino, apontou, além do desinteresse, desorganização, o cansaço dos alunos, uso do celular em sala de aula, como um fator que vem dificultando o trabalho com a turma, como mostra o depoimento seguinte:

Tem várias coisas, né? Às vezes, eu chego na sala, a sala está totalmente desorganizada, você tem que ter um tempo para poder organizar a sala, porque eles sentam de forma aleatória, que a gente vê que fica meio que bagunçado, não tem como você desenvolver um bom trabalho se eles estão daquela forma. Então, você tem que perder aquele tempo. Muitos alunos, às vezes, estão com sono, pedem muita licença para ir ao banheiro, para beber água, principalmente nos dias de calor. Às vezes, eles usam o celular também, o celular prejudica bastante os alunos hoje em dia. E também aquela falta de interesse mesmo em aprender, porque se o aluno tem interesse em aprender, ele consegue, ele aprende. Mas, às vezes, ele não dá importância àquilo ali que está sendo passado. Ele não tem consciência na cabeça dele, não tem consciência da importância daquilo no futuro dele (PM2, entrevista realizada em 31/10/2024).

É perceptível que os professores perdem muito tempo que poderia ser usado para a aula com questões de organização da sala e disciplina. Soma-se a isso a defasagem de aprendizagem, alunos em processo de alfabetização e a desmotivação dos alunos para a aquisição de novos conhecimentos.

As dificuldades encontradas pelos professores PM2 e PM3 estão diretamente relacionadas com o clima escolar. Segundo Candian; Rezende (2020), as escolas com as melhores condições do contexto normativo do clima escolar, a maior parte delas, alcança resultados melhores que o esperado para os seus alunos, em Matemática.

Esses mesmos autores afirmam que

A escola pode oferecer uma educação de qualidade por meio da organização escolar, proporcionando condições que sejam capazes de produzir melhorias no aprendizado dos alunos por meio do estabelecimento de um clima escolar favorável ao aprendizado – que mostram que a elaboração e o cumprimento das normas que regem

as relações na escola, tanto as referentes às relações estabelecidas em sala de aula, como aquelas relativas ao ambiente escolar extraclasse, são fundamentais para fazer funcionar uma escola capaz de potencializar a aprendizagem dos alunos, apesar das características socioeconômicas do público que ela recebe (Candian; Rezende, 2020, p. 39-40).

Na percepção de boa parte dos participantes da pesquisa, essas questões relacionadas com a disciplina escolar e a desmotivação dos alunos com os estudos têm impactado o desempenho dos alunos da escola. Como a instituição atende a um público de interesse e meio cultural diverso, cabe a responsabilidade de preparar várias transposições didáticas, considerando e respeitando os tempos de aprendizagem individual (Ferreira, 2019). Diante disso, faz-se necessário repensar e replanejar o currículo da escola, ter autocritica às metodologias e estratégias utilizadas, para assim envolver mais os alunos nas atividades realizadas e melhorar o desempenho dos alunos (Ferreira, 2019).

Soares (2004) mostra que, nas escolas brasileiras, há uma diminuição do tempo dedicado à aprendizagem. Quando consideradas todas as interrupções, o tempo letivo real é, na realidade, composto de apenas 75% do tempo registrado. (Soares, 2004). Nesse sentido, Laros, Marciano, Andrade (2012) consideram que, em todos os países, as escolas mais efetivas são aquelas onde os alunos não são agrupados por habilidade e não apresentam níveis de conhecimento muito diferenciados, os alunos são testados frequentemente, têm um alto grau de envolvimento das famílias e há respeito e disciplina (Laros, Marciano, Andrade, 2012).

Sobre questões relacionadas ao comportamento dos alunos em sala de aula, Soares (2004) concorda com os demais autores citados ao afirmar que

O comportamento dos alunos na sala de aula merece consideração especial. Primeiramente, o ambiente na sala de aula está diretamente ligado aos resultados na aprendizagem dos alunos. Afinal, todo o tempo gasto em garantir um ambiente adequado à aprendizagem poderia ser dedicado a atividades mais relevantes. Um clima de ordem na sala de aula, no entanto, não pode estar dissociado da alegria e certamente não significa autoritarismo. Idealmente, um ambiente tranquilo deve ser obtido através do reforço às regras e normas claras, conhecidas por todos e por todos implementados (Soares, 2004 p. 91).

Diante do que foi apontado pelos entrevistados e fundamentado nos autores Candian; Rezende (2020), Soares (2004), Laros, Marciano, Andrade (2012), faz-se necessário que a escola repense as questões relacionadas ao desinteresse,

desmotivação e indisciplina dos alunos, pois tem um impacto importante no desempenho da instituição nas avaliações externas.

Os professores, quando questionados sobre a forma como eles motivam os alunos, responderam que é através de conversas em busca da conscientização sobre a importância do estudo, apresentação de exemplos positivos de vida, palestras motivacionais, aproximação entre os conteúdos e os problemas do cotidiano, leitura compartilhada em sala de aula, incentivo ao estudo da tabuada e a resolução de problemas, como mostra o depoimento do PM2

Eu sempre procuro falar com eles da importância da minha matéria, da Matemática, na vida deles, falando, dando exemplos, citando exemplos positivos de pessoas que estudaram, que estudam e que se dão bem. Falando com eles a dificuldade, por exemplo, de as pessoas que não aprendem, que vão ter que trabalhar muito, enfrentar um serviço mais pesado. Então, assim, aconselhamento, a gente motiva aconselhando, conversando mesmo, né? (PM2, entrevista realizada em 31/10/2024).

O PH5 relatou o trabalho com a contextualização dos conteúdos trabalhados como uma forma de motivação para os estudos, como mostrado a seguir:

Tento trazer meus conteúdos para os problemas do cotidiano. Para eles verem que, por exemplo, a desigualdade no Brasil tem fruto nos 300 anos de escravidão. E eu tento trazer para eles. Por que eu estou estudando escravidão? Para eles perceberem que muitos problemas que eles vivem atualmente e hoje é fruto do que está na história. E que eles precisam compreender isso para resolver. Então, eu tento superar essa dificuldade de associar o conteúdo com a vida cotidiana. (PH5, entrevista realizada em 07/11/2024).

Há uma tentativa de motivação dos alunos por parte dos professores durante as aulas, mas é perceptível que essas ações não são suficientes. A escola precisa ter ações sistematizadas. César e Soares (2001) afirmam haver diversas evidências de que a motivação da turma exerce uma influência positiva no desempenho dos alunos, independente do efeito da sua própria motivação. Assim, um aluno poderá ter um melhor desempenho em uma classe formada basicamente por bons alunos do que em uma turma com alunos com capacidade acadêmica menor que a sua, independente de outras características da escola (César, Soares, 2001). Considerando o posicionamento dos autores citados, há que se pensar em ações voltadas para a motivação das turmas e isso irá repercutir em melhor aprendizagem para os alunos.

O trabalho de intervenção pedagógica da escola acontece nas salas de aula com o trabalho dos professores com atividades adaptadas, diferenciadas e o agrupamento dos alunos conforme o nível de aprendizagem. Tem também o reforço escolar oferecido pela SEE, no contraturno, para os alunos do 6º ano e o agrupamento temporário para as turmas do 8º e 1ª série do ensino médio. As falas da PM1 e do D10 mostram como o trabalho vem sendo realizado na escola.

As intervenções pedagógicas são realizadas através do reforço escolar, dentro da própria sala de aula com atividades adaptadas e em agrupamento. O professor de uso da biblioteca que pega os alunos com maiores dificuldades e trabalha com esses alunos fora da sala de aula. E as atividades de Matemática estão dentro da sala de aula de maneira mais simplificada e tentando buscar sanar aquelas dificuldades que eles têm (PM1, entrevista realizada em 29/10/2024).

Os alunos do sexto ano são atendidos em grupos, aqueles que estão com grande defasagem, considerando em leitura também, né? E talvez principalmente, talvez o foco maior sempre acaba sendo a leitura. Eu acho que mais do que a Matemática. Esses alunos são atendidos por uma bibliotecária, hoje começou esse trabalho, este ano, para tentar alfabetizar, trazer o conhecimento básico de Matemática para conseguir continuar, avançar de onde ele parou. (D10, entrevista realizada em 14/11/2024).

No segundo semestre de 2024, começou na escola uma atividade de intervenção pedagógica destinada às turmas do 9º e 3ª série do ensino médio, onde, dois dias por semana, todas as aulas são destinadas as atividades com as habilidades não consolidadas e que os alunos apresentaram o menor percentual de acertos nas avaliações formativas. Nesses dias, todas as atividades são organizadas em um caderno exclusivo para essa finalidade. A PM3 aborda em sua fala as atividades de intervenção pedagógica iniciadas na escola em 2024.

Esse ano a gente está trabalhando como foi orientado pela escola, duas vezes por semana, com caderno onde a gente trabalha aquela habilidade que a gente observou que houve maior dificuldade, a gente prepara atividade em cima disso e cada duas aulas semanais a gente trabalha nas turmas do nono ano e do terceiro médio (PM3, entrevista realizada em 14/11/2024).

Para a turma do 6º ano Reg. 01, a PEUB atende um grupo de alunos em processo de alfabetização, todos os dias, com atividades voltadas para a Língua Portuguesa e Matemática. A ação também foi iniciada no segundo semestre de 2024.

Desde o início de 2024, a bibliotecária está desenvolvendo um projeto de leitura que atende todos os alunos da escola.

A PH6 aborda em sua fala o reforço escolar que acontece na escola e o agrupamento temporário que iniciou no segundo semestre de 2024. Também fez referência ao trabalho desenvolvido pela PEUB: “Vejo também o serviço da professora de uso da biblioteca, que está dando também esse reforço para esses alunos. Até vi que a melhora desses alunos foi bem significativa” (PG6, entrevista realizada em 11/11/2024). A PLP7 fez referência ao projeto de leitura que a biblioteca da escola está executando, também como uma forma de intervenção pedagógica (PLP7, entrevista realizada em 14/11/2024).

O D10 relata que há falhas no trabalho pedagógico da escola, quando diz que

E internamente, que aí eu acho que talvez seja o principal, é diante como nós estamos trabalhando com os nossos alunos. E aí, o que e como nós estamos trabalhando? Nós temos um grupo pequeno de alunos que vão bem, um grupo intermediário, e hoje um grupo muito grande que está aquém. Então, eu acho que isso aí não tem como a gente não entender que o que nós estamos trabalhando com o aluno tem alguma falha. Tem alguma falha nas habilidades que ele precisa retornar naquilo que não foi alcançado, para ele conseguir evoluir (D10, entrevista realizada em 14/11/2024).

Percebe-se pelas respostas dos entrevistados que muitas das atividades de intervenção citadas (trabalho com as habilidades não consolidadas dois dias por semana, atendimento da professora de uso da biblioteca) iniciaram em 2024, não sendo uma prática da escola durante o recorte histórico pesquisado. Também não houve tempo suficiente para que os resultados das intervenções sejam notados.

Pela fala dos entrevistados, foi possível concluir que existem muitos fatores intraescolares associados ao baixo desempenho dos alunos. Os fatores apontados foram: defasagem de aprendizagem; falta de base dos alunos, em Matemática, desde os anos iniciais; dificuldade em leitura, escrita e interpretação; muitos alunos chegam à escola sem estarem alfabetizados ou em processo inicial de alfabetização; ensino de um currículo fora da realidade dos alunos; disparidade entre o trabalho em sala de aula, e o que realmente é cobrado nas avaliações externas; falhas no trabalho pedagógico da escola; má formação inicial dos professores; profissionais despreparados para trabalhar com alunos com dificuldades de aprendizagem e de

adaptação ao ambiente escolar; desinteresse e desmotivação dos alunos; indisciplina escolar.

Durante essa análise, também foi possível perceber que há um pensamento de responsabilização dos alunos pelos resultados não satisfatórios da escola nas avaliações externas. Essa postura diante dos resultados impede que seja realizada uma avaliação institucional que traga benefícios, uma vez que reconhecer os entraves e os problemas é o primeiro passo para qualquer ação de intervenção e mudança de rumo na instituição (Alves, 2017).

A análise das entrevistas aponta para problemas de defasagem de aprendizagem dos alunos e também para a forma como as questões pedagógicas têm sido organizadas na escola. Diante disso, faz-se necessário pensar em um Plano de Ação Escolar (PAE) voltado para ações de intervenção pedagógica com os alunos e focado na formação continuada dos professores e equipe pedagógica.

Na próxima seção, analiso como acontece a apropriação de resultados na escola na escola em análise e as consequências dessas ações.

3.4.4 Apropriação dos resultados das avaliações externas

Refletir sobre como as escolas vêm, ou não, analisando e utilizando os resultados das suas práticas e estimular a apropriação competente do uso dos resultados por parte dos profissionais da escola são condições para assegurar a melhoria da qualidade das escolas (Machado, 2017). Para isso, é fundamental que a gestão escolar paute as reuniões pedagógicas para provocar os profissionais, principalmente os professores, para fazerem uma reflexão acerca dos possíveis fatores associados ao desempenho dos alunos (Machado, 2017). Com isso, é possível repensar o fazer pedagógico da escola. Assim, as reuniões pedagógicas se tornam espaço de reflexão crítica e coletiva das práticas educacionais (Machado, 2017).

Partindo do que foi exposto pela autora, analisei como está sendo feita a apropriação de resultados na escola pesquisada, visto que essa foi uma das hipóteses levantadas para o baixo desempenho da instituição. Quanto à divulgação dos resultados para os professores, ela é feita pelos especialistas em reuniões de módulo II, que contam também com a presença da direção. Os professores são orientados a acessarem a plataforma do Simave para ver os resultados de cada turma em

específico e se apropriarem dos materiais disponibilizados pelo site. A fala da E9 mostra como é feita essa análise na escola:

A gente faz a análise com os professores em reunião de módulo II, depois a gente monta com os professores uma estratégia para mostrar para os alunos também, né, como que foram esses resultados, e acaba chamando, esse ano, por exemplo, foi chamado os alunos para ver de um em um aqui no computador da supervisão como que foi esse resultado, essas provas externas para o aluno também, né, ter a ciência da responsabilidade dele, nessas provas (E9, entrevista realizada em 14/11/2024).

Percebo que há um esforço por parte da escola em fazer a divulgação dos resultados e mostrar os desempenhos individuais, mas algo ainda não sistematizado. É perceptível pela fala dos entrevistados que todos já conhecem a plataforma do Simave e sabem da importância do seu uso, como mostra o depoimento do PM2: “No caso, para nós professores, é uma reunião, que apresentam os dados, nós olhamos os gráficos, e aí a gente fica por dentro, e também nós temos acesso ao Simave, podemos ir lá, consultar direitinho, e ver também” (PM2, entrevista realizada em 31/10/2024). Não ficou claro se os professores fazem uso dessa plataforma e com que frequência.

Quanto a divulgação dos resultados para os alunos, não tem sido realizada ainda como deveria, como mostra as falas de PM2 e PH5.

Mas, para os alunos, eu acho que ainda está um pouquinho fraco nesse ponto, que eu deveria falar mais, mostrar a eles. Por exemplo, uma avaliação mesmo, que eu peguei lá o resultado, eu fiz questão de olhar no computador, no meu notebook, mostrei para eles, você está no baixo desempenho, então, às vezes, só de ver o nome lá, falando que ele está no baixo, que ele acertou pouco, a porcentagem que ele acertou, Tem alunos que não importa, mas tem outros que já ficam mais preocupados, vou ter que melhorar, meu nome está lá, e eu falo com eles, esses dados ficam lá no estado, então é bom você ter uma nota boa, para que você não tenha uma má reputação... (PM2, entrevista realizada em 31/10/2024).

Agora, essa divulgação para os alunos, eu acho que fica um pouco a desejar, porque, na verdade, a mesma reunião que foi feita para os professores, eu acho que deveria ser feita para os alunos, mostrando ali resultado a resultado, disciplina por disciplina, para eles verem o resultado deles (PH5, entrevista realizada em 07/11/2024).

É muito importante que todos os envolvidos nas avaliações externas estejam engajados no recebimento, análise e divulgação dos resultados. A partir dos

resultados das avaliações externas, é possível identificar as maiores dificuldades dos alunos nas avaliações para, posteriormente, pensar estratégias educacionais voltadas para a superação dessas fragilidades (Bonamino; Souza, 2012). Indo ao encontro da autora citada, Alves (2020) afirma que a utilização desses resultados, pelos professores, nos planejamentos escolares, é a base para a definição de estratégias a serem implementadas pela escola na busca dos avanços necessários na melhoria da qualidade da educação.

Quanto aos pais, a escola não tem feito a divulgação desses resultados em momentos específicos para esse fim. Isso se confirma na fala da maioria dos servidores entrevistados, como mostra o depoimento do PH5: “Temos as reuniões de pais para entrega de resultado, mas, assim, às vezes é tratado de assuntos mais diretos da escola, assuntos mais internos, das avaliações mesmo”. A fala do D10 confirma o que foi abordado pelo PH5

Eu penso que essa divulgação com a comunidade seja menor. Mas a escola costuma fazer reuniões coletivas e expor os resultados. Mas é alguém do trabalho que é feito com os professores. A divulgação maior, o melhor trato dos resultados acaba sendo feito com os professores do que com a comunidade. Talvez o fato dos resultados não serem bons ao longo dos anos (risos), leva a escola a não ter o orgulho de trazer e exaltar tanto o resultado e mostrar tanto. Talvez seja uma explicação de não ter tanta divulgação. E acaba que talvez a comunidade ter o conhecimento é bom, mas acaba que o foco tem sido mostrar para o professor que é aquele que vai tratar com a realidade. Mas nós talvez precisamos envolver mais a comunidade, porque tem fatores externos ligados a ela nesse aprendizado também (D10, entrevista realizada em 14/11/2024).

Apenas a PLP7, quando questionada sobre a divulgação dos resultados para os pais, respondeu: “Sim, e muito”. Salientou que a escola faz a divulgação dos resultados para a comunidade e de forma bem feita. Talvez a pouca experiência na escola a tenha levado a ter essa percepção diferente dos demais professores. Não foi citada nenhuma ação concreta realizada após o estudo dos resultados, apenas a apresentação dos resultados para os alunos.

Como afirma Lück (2009), é muito importante que os resultados das avaliações externas cheguem, de forma oportuna e acessível, a alunos, pais e educadores, tornando possível a análise dos dados e promover mudanças importantes na educação, com estratégias focadas no aperfeiçoamento do ensino na sala de aula. Sendo assim, o processo de apropriação dos resultados, realizado na escola campo

de pesquisa, reitera a necessidade de ações mais efetivas que possibilitem ao grupo a reflexão e a discussão para que os agentes escolares tenham a possibilidade de aprimorarem suas técnicas de ensino, dando significado às habilidades/competências ensinadas na sala de aula (Alves, 2020). Ações essas que foram propostas no quarto capítulo desta dissertação.

Como uma das estratégias para melhorar o desempenho dos estudantes nas avaliações externas, foi citada pela PM1 a aproximação entre o conteúdo e a forma como são trabalhados e o treino dos alunos para a realização da prova.

Talvez a gente casar mais o conteúdo cobrado nessas avaliações externas com o conteúdo e com a forma também que está sendo avaliado nas avaliações internas e externas, a maneira da cobrança. Mas eu acho que é isso, é focar no que a prova cobra e treinar o aluno para realizar a prova. Muitas vezes o aluno não está acostumado àquele tipo de questão. Uma palavra que define a questão inteira que passa a ser percebida pelo aluno, que pode ser isso também que pode estar gerando essa situação (PM1, entrevista realizada em 29/10/2024).

Indo na mesma linha de pensamento da professora, o D10 disse:

Para melhorar o desempenho, eu acho que um ponto é treinar os nossos alunos para este tipo de avaliação. Então nós temos aí, esquematizar provas desde o início do ano, então o aluno aprender aquele raciocínio, como fazer aquele tipo de prova, e a partir daí, se você faz isso e pega o padrão da prova e começa desde o início do ano, nós vamos ter o professor a cada momento, a cada avaliação um feedback de qual situação que está, quais habilidades que tem que trabalhar mais, o que está mais em defasagem, para readequar o seu planejamento em cima daquilo (D10, entrevista realizada em 14/11/2024).

Bonamino; Sousa (2012) alertam para o risco de um esvaziamento do currículo escolar com a preocupação de diretores e professores em preparar seus alunos para os testes. Indicou, ainda, as implicações para a avaliação da aprendizagem quando as escolas passam a organizá-la tomando como referência o tipo de teste utilizado pelas avaliações externas (Bonamino; Sousa, 2012). Entretanto, as autoras falam do potencial dessas avaliações em propiciar discussões sobre currículo na escola, partindo-se das habilidades fundamentais que ainda não são garantidas aos estudantes. Segundo Ferreira (2019), a perspectiva de entendimento das avaliações deve acontecer como meio/processo de levantamento de informações para orientar o trabalho e alcançar os objetivos pretendidos. Para tanto, há de se considerar que as

avaliações devam ser usadas, não no sentido de treinamento, mas enquanto verificação de indicadores comuns, quer sejam de insumos, processos e produtos (Ferreira, 2019).

A apropriação e a utilização dos resultados da avaliação têm como objetivo orientar as práticas pedagógicas, sobre o como, o quê, para quem, quanto, quais recursos e como executar o planejamento, interpretando os dados e fornecendo elementos para pensar os resultados (Ferreira, 2019). O currículo se inicia no planejamento e se finda na avaliação. Sendo assim, ele passa a ter sentido a partir da análise dos resultados desse instrumento, possibilitando à equipe gestora da escola conduzir os docentes ao (re)planejamento curricular com fins de provocar mudanças educacionais para se conseguir um ensino com qualidade, garantindo ações pedagógicas promotoras da equidade (Ferreira, 2019). A esse respeito, Machado; Alavarse (2014, p. 416) pontuam que “[...] os conteúdos das avaliações externas, desempenho em leitura e resolução de problemas, não resumem a qualidade da escola, porém, esses itens não são alheios ao processo escolar que se pretenda de qualidade”.

Através da pesquisa de campo, foi possível perceber que os resultados das avaliações externas são discutidos nas reuniões de módulo II e são elaboradas algumas estratégias de intervenção pedagógica. Contudo, a percepção é que essas ações não são monitoradas e reavaliadas ao longo da sua execução e muitas vezes acabam não sendo executadas por todos os professores.

De acordo com Machado (2016), o diretor escolar assume um papel fundamental no processo de apropriação dos resultados das avaliações externas, na medida em que articula as ações educativas dentro da escola. Ele é quem tem o papel de proporcionar momentos e espaços de trocas de experiência, articulando o trabalho dos servidores para atender às particularidades da escola (Machado, 2016). Nesse cenário, a atuação do gestor é de fundamental importância para promover e incentivar a cultura da análise e apropriação dos resultados das avaliações externas. Tal prática tende a melhorar a atuação dos professores e, conseqüentemente, promover a aprendizagem dos estudantes, que se espera, sejam refletidas nos resultados da instituição (Alves, 2020).

3.4.5 Síntese dos achados da pesquisa

A presente subseção apresenta, de forma resumida, informações importantes levantadas pela coleta de dados. A partir delas, é possível enumerar os principais desafios impostos à equipe gestora no processo de melhoria dos resultados da escola no Proeb.

Uma das conquistas das avaliações externas é o direcionamento do trabalho pedagógico através de indicações das lacunas e defasagens de aprendizagem trazidas por estas. No entanto, cabe aos docentes, orientados pela equipe pedagógica e gestora da escola, a interpretação e a apropriação dessas informações (Ferreira, 2019). “Nesse sentido, há de se destacar que a apresentação destes por si só, sem a intervenção pedagógica, torna ineficaz o investimento governamental” (Ferreira, 2019, p. 134).

Em relação aos entrevistados, 70% são efetivos e têm mais de cinco anos de experiência na escola. Todos os profissionais veem as avaliações externas como importantes para direcionar o fazer pedagógico. Apesar de afirmarem conhecer o Portal Simave, não ficou comprovado se os professores fazem uso dos dados disponibilizados para a elaboração do planejamento.

Os entrevistados relataram que os dados são analisados e discutidos em reuniões de módulo II, promovidas pela equipe pedagógica da escola, porém não fazem referência à periodicidade dessas discussões, mostrando que essas análises não são feitas de forma sistemática e falta a elaboração de um plano de intervenção pedagógica e monitoramento das ações por parte da gestão e especialistas.

É perceptível que há lacunas no monitoramento da equipe gestora com o trabalho dos professores. Há evidências de descontinuidade de ações estratégicas elaboradas nas reuniões e que não são cumpridas por todos, dificultando alcançar os objetivos almejados.

Portanto, a qualidade da educação depende do entendimento adequado dos envolvidos no processo de avaliação, apropriação e, principalmente, o uso desses dados para planejar o trabalho pedagógico (Ferreira, 2019). Os métodos de pesquisa indicaram que se prioriza a análise quantitativa dos dados, em vez de análises qualitativas. Isso é evidenciado pelo fato de nenhum entrevistado fazer referência à análise aprofundada dos dados e à verificação de quais habilidades os alunos estão com pior desempenho.

As ações citadas como intervenção pedagógica foram iniciadas no ano de 2024, não tendo tempo suficiente para analisar os resultados. Não foram apresentadas atividades de intervenção pedagógica nos demais anos pesquisados.

As falas dos docentes foram marcadas pela responsabilização dos alunos e de suas famílias pelos resultados da escola no Proeb e apontam elementos externos como necessários para o avanço na qualidade educacional. Ressalta a importância da parceria escola/família para incentivar os alunos a se dedicarem mais aos estudos. Poucas ações foram citadas por eles para buscar a melhoria no desempenho dos alunos. A equipe gestora da escola, em nenhum momento, fez referência à necessidade de formação continuada dos professores para trabalhar com as habilidades do Simave/Proeb.

O desinteresse e a desmotivação dos estudantes foram apontados como as principais causas da baixa proficiência da escola no Proeb, sendo este justificado pelos professores em razão dos alunos não relacionarem as avaliações externas com as atividades desenvolvidas nas aulas e não se esforçarem para realizar as avaliações. A participação da família também foi apontada como insuficiente para acompanhar a vida escolar dos filhos e orientá-los sobre a importância da escola e da dedicação aos estudos.

Também foi apontado como um fator associado ao baixo desempenho a grande defasagem de aprendizagem dos alunos quando chegam à escola. Isso já havia sido apontado como uma das hipóteses para o baixo desempenho no capítulo dois e se confirmou na fala dos entrevistados. Com base nas respostas, pude perceber a necessidade de criar estratégias que proporcionem aos docentes um trabalho sistematizado com as habilidades não consolidadas e a integralização no planejamento, execução, avaliação e comprometimento com os resultados desse processo.

Como uma possível ação para a melhoria do desempenho da escola, foram sugeridas, por vários entrevistados, atividades de treinamento dos alunos para a realização da prova. Segundo Ferreira (2019), os professores podem estar interpretando de forma equivocada a proposta de aproximação entre as avaliações internas e externas, vinculando-a ao treinamento dos estudantes para a avaliação. Essas devem ser interpretadas como uma forma de contribuição ao propósito que se pretende: melhorar a qualidade da educação (Ferreira, 2019).

Com base nas respostas dadas pelos entrevistados, é possível perceber a necessidade de criar estratégias para atuar sobre os fatores intraescolares que estão impactando o desempenho dos alunos. O fato de várias ações de intervenção pedagógica terem sido iniciadas em 2024 mostra que a escola já deu o primeiro passo em relação à apropriação de resultados. O Quadro 8 mostra as potencialidades e dificuldades identificadas na escola investigada.

Quadro 8 - Potencialidades e dificuldades no contexto investigado

POTENCIALIDADES	1- Pouca rotatividade de professores no ensino fundamental.
	2 – Os professores conhecem a Plataforma do Simave.
	3 - Todos os profissionais acham que as avaliações externas são importantes para direcionar o fazer pedagógico.
	4 – Algumas atividades de intervenção pedagógica foram iniciadas em 2024.
DIFICULDADES	1 - Responsabilização dos estudantes e de suas famílias pelo insucesso da escola.
	2 - Ausência de planejamento coletivo.
	3 – Desinteresse/desmotivação dos estudantes na realização dos testes do Proeb.
	4 – Falta de monitoramento das ações de intervenção pedagógica.
	5 - Pouca divulgação dos resultados das avaliações externas para a comunidade escolar.
	6 – Falta de uma parceria sólida com as famílias.

Fonte: elaborado pela autora a partir das análises das entrevistas

Encerrando o presente capítulo, após se estabelecer o diálogo com a literatura apresentada e as práticas desenvolvidas no contexto pesquisado, constatei que a equipe gestora necessita trabalhar de forma planejada e sistemática a fim de superar os desafios elencados para que suas ações se convertam em ganhos de aprendizado na vida acadêmica de seus estudantes. Nessa perspectiva, propus um Plano de Ação

Educacional (PAE) por meio do qual se apresentam propostas de intervenção pedagógica visando superar os problemas identificados.

Nesse contexto, o Plano de Ação Educacional, a ser apresentado no capítulo seguinte, tem o intuito de apontar caminhos para os gestores gerenciarem os momentos de estudo e as demais ações propostas. Entendo como necessário motivar os professores das demais disciplinas a se envolverem no desenvolvimento do pensamento matemático, de forma a repensar sua conduta docente. Desse modo, pode-se possibilitar o trabalho colaborativo e o exercício de um currículo que seja acrescido de habilidades e competências apontadas como não consolidadas pelo diagnóstico do Proeb.

4 PLANO DE AÇÃO EDUCACIONAL (PAE)

O presente capítulo apresenta o Plano de Ação Educacional (PAE), com propostas de ações para auxiliar no enfrentamento dos problemas evidenciados no capítulo dois. Pretende elevar os níveis de qualidade no processo ensino-aprendizagem na escola.

O ato de planejar é considerado imprescindível para a eficácia da gestão escolar no sentido de contribuir para que toda a equipe possa ter uma visão global da instituição, conhecendo seus objetivos, intenções, abrangência, entre outros aspectos (Lück, 2009). Por ser uma necessidade de toda organização escolar, é também uma forma de pensar o caminho necessário para se enfrentar um problema antes mesmo de se colocar no curso da busca de uma solução. Como afirma Lück,

Sem planejamento, que organize e dê sentido e unidade ao trabalho, as ações tendem a ser improvisadas, aleatórias, espontaneístas, imediatistas e notadamente orientadas pelo ensaio e erro, condições que causam prejuízo à educação. Sem planejar, trabalha-se, mas sem direção clara e sem consistência entre as ações (Lück, 2009, p. 32).

Tomaremos como base para a construção do PAE também as ideias de alguns autores acerca da temática do planejamento que conferem significado a esta necessidade, o resultado da análise e interpretação dos dados acessados junto aos atores envolvidos no conjunto de relações que marcam esse processo de investigação. Será utilizada a ferramenta 5W2H, pois a técnica resume em sete definições fundamentais o que será buscado em um determinado plano de ação, partindo de expressões que, no original em inglês, começam com as letras W e H. Para W temos: what (o quê?), why (por quê?), who (quem?), where (onde?) e when (quando?). Temos para H: how (como?) e how much (quanto custará?).

Objetivando dar mais consistência às propostas deste Plano de Ação Educacional, retomei neste capítulo a trajetória empreendida ao longo da produção desta investigação. O ponto de início desta pesquisa se deu com o capítulo dois, no qual foram discutidas as evidências constitutivas do problema de pesquisa. O caso em discussão nesta dissertação se refere ao fato de mais de 80% dos estudantes do 9º ano do ensino fundamental da E. E. Joaquim Santos Costa se encontrarem localizados no nível baixo e intermediário de desempenho nas avaliações externas entre os anos de 2018 e 2023.

Antes da construção do PAE, no capítulo três, fiz uma análise qualitativa e quantitativa dos dados da escola. Estes foram levantados, no primeiro momento, a partir da pesquisa documental na escola (livro de atas, PPP) e aos sites oficiais como o Inep, Simave, Educacenso e outros. Em um segundo momento, realizei entrevistas semiestruturadas com o diretor, especialistas, professores de Matemática e de outros componentes curriculares, tendo sido realizadas dez entrevistas no total. Atores dos quais investiguei a prática de ensino efetivado na sua relação com o problema dos baixos resultados dos estudantes em Matemática. Toda a análise foi desenvolvida de forma fundamentada em pensamentos de autores que são especialistas no assunto.

Ao longo do capítulo, confirmei que os estudantes, em suas vivências e trajetórias escolares, apresentam grande defasagem de aprendizagem ao iniciar o 6º ano e essa defasagem se mantém ao longo dos anos. Os gestores, professores, pais e alunos deverão refletir sobre os fatores pedagógicos que foram identificados como influenciadores da atual situação da escola e buscar colocar em prática as ações que possam resolver os problemas relacionados ao ensino e aprendizagem que estão provocando o baixo desempenho dos alunos em Matemática.

Portanto, deve-se entender que o planejamento antecede a ação, e para que esta tenha sucesso é necessário um compromisso de execução do que foi proposto, monitoramento, avaliação e replanejamento, caso seja necessário. Antes do início da execução das ações, apresentarei à gestão da escola o PAE para conhecimento das ações propostas e análise da sua viabilidade. O quadro 9 apresenta uma síntese dos achados da pesquisa e as ações a serem implementadas na escola para resolver ou amenizar os problemas detectados, bem como as pessoas responsáveis pela execução de cada ação.

Quadro 9 – Achados da pesquisa, análise e planejamento de ações

Eixos de atuação	O que foi possível descobrir?	Onde estamos?	Onde queremos chegar?	Como chegaremos lá?	Quem será responsável?
Gestão pedagógica	O planejamento dos professores ainda não é realizado com base nos dados fornecidos pelo Portal Simave.	Apesar de afirmarem conhecer o Portal Simave, não ficou comprovado se os professores fazem uso dos dados disponibilizados para a elaboração do planejamento.	Todos os professores elaborando o seu planejamento com base nos dados do Simave; Trabalho focado nas habilidades com menores índices de acerto pelos alunos.	Formação continuada para os professores; Formação de grupos de estudo por áreas de conhecimento; Acompanhamento sistemático dos planejamentos dos professores.	Direção, especialistas e professores.
Gestão pedagógica	Defasagens e reprovações.	Em média, 20% dos alunos apresentam defasagens na aprendizagem e são reprovados ano a ano.	Todos os alunos aprendendo e sendo aprovados.	Através de um trabalho sistemático com os alunos que apresentam baixo desempenho nas avaliações internas e externas da escola envolvendo as habilidades não consolidadas.	Direção, especialistas, professores regentes e PEUBs.
Gestão pedagógica	A escola já possui algumas ações de intervenção pedagógica iniciadas em 2024.	Atividades de intervenção pedagógicas já iniciadas na escola. (Atendimento aos alunos não	Avaliação, consolidação e continuidade dessas ações nos próximos anos.	Realizar reuniões para avaliar como está a execução das ações já iniciadas, fazer adequações e melhorias e organizá-	Direção, especialistas e professores.

		alfabetizados pela PEUB; dia da intervenção pedagógica, nas turmas do 9º e 3ª série do ensino médio).		las em forma de projeto.	
Apropriação de resultados	Não há plano de intervenção pedagógica. Falta monitoramento das ações iniciadas na escola.	As análises dos resultados da escola não são feitas de forma sistemática e falta a elaboração de um plano de intervenção pedagógica e monitoramento das ações por parte da gestão e especialistas.	Análise dos resultados da escola realizados de forma periódica, com a elaboração de um plano de intervenção pedagógica para atender os alunos que se encontram no baixo desempenho e todas essas atividades sendo acompanhadas e monitoradas.	Reuniões de módulo II com foco na análise dos resultados da escola e na elaboração de planos de intervenção pedagógica.	Direção, especialistas e professores.
Apropriação de resultados	Avaliação externa aplicada apenas para cumprir com as exigências do estado.	Os alunos não veem as avaliações externas como importantes e as realizam sem o esforço necessário.	Concepção de avaliação como diagnóstica e formativa que tem como objetivo direcionar o trabalho para a oferta de uma educação de qualidade.	Formação continuada para os professores; Roda de conversas com os alunos e pais sobre a importância das avaliações. Análise dos resultados com todos os envolvidos nas avaliações.	Gestores, especialistas, professores e alunos

Apropriação de resultados	Responsabilização dos estudantes e de suas famílias pelo insucesso da escola.	A maioria dos servidores atribuem o baixo desempenho da escola ao desinteresse dos alunos.	Todos os servidores da escola se sentindo responsáveis pelos resultados alcançados.	Formação continuada e trabalho focado nos descritores em que os alunos apresentam maiores dificuldades.	Direção, especialistas e professores.
Alunos e família	Alunos desinteressados e sem hábitos de estudo.	Muitos alunos não demonstram interesse pelas aulas, tarefas de casa e pela realização das avaliações externas.	Todos os alunos realizando todas as atividades e interessados em aprender.	Através de rodas de conversas, elaboração de atividades interessantes e desafiadoras e uso de metodologias de ensino inovadoras.	Gestores, especialistas, professores e alunos
Alunos e família	Falta de uma parceria sólida com as famílias.	As famílias, principalmente do turno matutino, participam pouco das atividades da escola e o acompanhamento da vida escolar dos filhos é insatisfatório.	Todas as famílias acompanhando a vida escolar dos seus filhos e participando das atividades realizadas pela escola.	Realização de uma enquête para ouvir as famílias sobre o que pensam da escola e de que maneira elas conseguem participar (horários, dias da semana, etc.). Realizar o dia da família na escola, com a interação entre toda a comunidade escolar.	Gestores, especialistas, professores e alunos

Fonte: elaborado pela autora

As ações apresentadas no quadro 9 são interdependentes e complementares, pois a conexão entre elas trará um melhor resultado para a escola, a médio e longo prazo. Nas seções seguintes, apresento as ações que serão desenvolvidas para intensificar o trabalho da escola com o objetivo de oferecer uma aprendizagem de qualidade para todos os alunos. Portanto, as ações do PAE deverão ser executadas em equipe, visando fomentar a reflexão sobre a práxis pedagógica e o trabalho interdisciplinar.

O Plano de Ação levou em consideração a realidade da escola e os recursos aí disponíveis. Para a sua execução, será necessário o envolvimento de toda a equipe pedagógica no planejamento e execução das ações propostas.

Para tanto, o PAE será executado adotando as seguintes estratégias: i - reunião no início do ano letivo de 2025 com a equipe gestora, especialistas e docentes da escola para apresentar o resultado da pesquisa e as estratégias que foram planejadas para serem implementadas na escola, bem como sua importância para melhorar o desempenho dos alunos que se encontram no baixo desempenho. ii - Elaboração do cronograma para o ano de 2025, em que deve haver mensalmente uma reunião com a pauta centrada na formação de professores e no trabalho, de forma interdisciplinar, com as habilidades em que os alunos apresentam mais dificuldades nas avaliações externas e internas da escola. iii – Monitoramento mensal das ações desenvolvidas pelas equipes, com o *feedback* das especialistas.

Como afirma Ferreira (2017), “a melhoria de resultados tende a ocorrer quando a instituição reconhece as dificuldades, assume uma postura de reflexão diante dos desafios e busca a inovação e o aprimoramento constante” (Ferreira, 2017, p. 131).

Os gestores, professores, pais e alunos deverão refletir sobre os fatores pedagógicos que foram identificados como influenciadores da atual situação da escola e buscar colocar em prática as ações que possam resolver os problemas relacionados ao ensino e aprendizagem que estão associados ao baixo desempenho dos alunos em Matemática (Costa, 2019). De forma a sistematizar tal plano, há necessidade de especificar o que são as ações, o porquê e como elas serão desenvolvidas, quem é o responsável, os custos, onde e quando irão ocorrer (Costa, 2019).

Sobre esse assunto, Costa (2019) alerta que este trabalho deve ser desenvolvido a partir da identificação direta dos estudantes localizados no baixo desempenho nas avaliações externas, aqueles que, por meio do seu nível de

proficiência, revelam ter desenvolvido competências e habilidades muito aquém do que seria esperado para o seu ano de escolaridade. É preciso proporcionar um trabalho com intervenção pedagógica para os estudantes, possibilitando avanços para níveis mais elevados de proficiência. Este plano busca contemplar o uso pedagógico das avaliações externas, possibilitando ações que se destinam à melhoria do desempenho tanto dos estudantes individualmente que participam do processo avaliativo quanto do conjunto da escola (Costa, 2019).

Para tanto, apresento, no Quadro 10, o detalhamento da execução desta ação, usando a ferramenta gerencial 5W2H.

Quadro 10 – Detalhamento das Ações propostas para o Plano de Ação Educacional

O QUÊ?	QUEM?	QUANDO?	COMO?	POR QUÊ?	ONDE?	QUANTO ?
Reunião com a equipe Pedagógica para apresentar o resultado da pesquisa, bem como a proposta do PAE.	Equipe gestora, especialistas e professores	Primeiro dia escolar destinado ao planejamento de 2025.	Apresentação dos principais achados da pesquisa e do PAE.	Para que a execução do PAE seja efetivada com sucesso é necessário o envolvimento de toda a equipe escolar.	Em uma sala de aula usada para as reuniões pedagógicas	Não há custo
Construir coletivamente o cronograma anual de reuniões para organizar e subsidiar as discussões sobre o Simave/Proeb e o trabalho colaborativo.	Equipe gestora, especialistas e professores	Segundo dia escolar destinado ao planejamento de 2025.	Roda de conversa sobre a importância da formação continuada e do uso dos dados fornecidos pelo portal Simave.	É muito importante que o planejamento dos professores seja baseado nas evidências fornecidas pelas avaliações internas e externas da escola.	Em uma sala de aula usada para as reuniões pedagógicas	Não há custo
Análise dos resultados da escola e dos descritores com menores índices de acerto ao longo das últimas edições do Simave.	Equipe gestora, especialistas e professores	Reunião de módulo II março de 2025	Formação de grupos de trabalho, por área de conhecimento, para análise dos resultados das avaliações externas e internas da escola.	Para que o planejamento do professor seja assertivo é necessário conhecer as reais necessidades dos alunos fazendo-se necessário o	Na escola	Não há custo

				trabalho com as evidências fornecidas pelas avaliações internas e externas.		
Elaboração de um plano de intervenção pedagógica para trabalhar com as habilidades em que os alunos apresentam mais dificuldades.	Equipe gestora, especialistas e professores	Reunião de módulo II abril de 2025	Construção do plano de intervenção pedagógica para atender os alunos em suas necessidades educacionais.	Para que os alunos com maiores dificuldades possam ser atendidos em suas necessidades educacionais.	Na escola	Não há custo
Rodas de conversa com os estudantes.	Equipe gestora, especialistas, professores referência e alunos do 9º ano do EF	Abril e setembro de 2025	Através de encontros com os alunos, para discutir sobre o que eles pensam sobre a escola e propor soluções de melhoria.	Conscientizar os alunos da importância da efetiva participação no processo avaliativo do Simave, e aumentar o protagonismo dos alunos na escola.	Nas salas de aula	Não há custo
Elaboração e realização de uma enquete com os pais sobre a relação escola/família.	Equipe gestora e especialistas.	Mai de 2025	Elaborar uma enquete, de forma on-line e impressa, com questões relacionadas a participação na escola e com sugestões de	É muito importante a participação da família na escola e se faz necessário melhorar essa parceria.	Na escola e nas casas das famílias.	Recursos próprios da escola.

			melhoria da relação família/escola.			
Projeto “Para Casa: ampliando o tempo de aprender.”	Equipe gestora, especialistas, professores alunos e familiares.	Maio a novembro de 2025	Elaborar o projeto: objetivo, desenvolvimento e culminância. Reunião de pais e alunos para mobilizá-los para a ação e ouvir sugestões de melhoria.	Os alunos que realizam o “Para Casa” têm um melhor aprendizado e consequentemente melhor proficiência nas avaliações externas.	Na escola e nas casas das famílias.	Recursos próprios da escola.
Celebração do “Dia da Família na Escola”.	Equipe gestora, especialistas, professores alunos e familiares.	Outubro de 2025	Através da realização de um dia festivo na escola, com apresentações dos alunos e a presença das famílias.	É importante que os pais sintam que a escola é um lugar acolhedor. Melhorar a relação entre a escola e a família.	Na escola	Recursos próprios da escola.
Monitoramento, pela equipe gestora e pedagógica da escola, das ações planejadas e desenvolvidas.	Equipe gestora e especialistas	De maio a novembro de 2025	Através da criação de instrumentos de monitoramento para cada ação a ser desenvolvida na escola.	Entendemos que toda ação deve ser avaliada para aperfeiçoar a prática pedagógica e atingir os objetivos propostos.	Na escola	Não há custo

Fonte: Elaborado pela autora.

O quadro 10 apresenta um resumo das ações a serem realizadas na escola visando melhorar os pontos que foram apontados como deficientes na percepção dos entrevistados. Nas próximas seções, serão detalhadas as ações citadas.

Na primeira seção, abordo a formação continuada da equipe pedagógica, análise dos resultados da escola e a elaboração de planos de intervenção pedagógica. Essas ações estão agrupadas, pois são interligadas e interdependentes. Entendo que a interação e a articulação entre elas contribuem positivamente para o aprimoramento, inovação e sucesso do ensino-aprendizagem.

4.1 FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFISSIONAIS DA ESCOLA E MELHORIA DO ATENDIMENTO AOS ALUNOS ATRAVÉS DA CRIAÇÃO DE PLANO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Nesta seção, apresento como ação a formação continuada dos profissionais da escola e a melhoria do atendimento aos alunos através da criação de um plano de intervenção pedagógica. Tem como intencionalidade a formação da equipe pedagógica para o uso dos dados fornecidos pelo Simave e a articulação com o planejamento curricular. O trabalho deve ser desenvolvido de forma colaborativa em prol da melhoria da qualidade do ensino-aprendizagem.

Esta ação é relevante, porque não ficou evidente, nas entrevistas semiestruturadas, que os professores fazem uso dos dados disponibilizados para elaborarem o planejamento das aulas. Tem como objetivo oportunizar momentos de estudos, com vistas ao conhecimento de todas as informações disponibilizadas pelo Portal Simave e, a partir dessa análise, realizar o planejamento baseado em evidências.

Sobre esse tema, Machado (2017) diz que a gestão escolar deve usar as reuniões pedagógicas para lançar luz sobre o trabalho que é realizado com o objetivo de avaliá-lo e, a partir disso, estabelecer as prioridades para a continuidade das ações coletivas da escola na constante busca da melhoria da sua qualidade. (Machado, 2017). Como afirma Lüdke; Boing “O professor que busca realizar um bom trabalho necessita superar-se e reinventar-se constantemente. Na realidade, o professor vive em estado de construção permanente da profissionalidade” (Lüdke; Boing, 2012, p. 443).

O trabalho com essa ação terá como objetivos: i - formação da equipe pedagógica para melhor compreensão dos elementos que constituem o Simave; ii - orientar os professores quanto à apropriação e utilização dos boletins pedagógicos, detectando os pontos merecedores de intervenção; iii- promover discussões em grupos e por área de conhecimento para estimular a elaboração de ações interdisciplinares executadas por meio de projetos; iv- incorporar no currículo os descritores avaliados e indicados como não consolidados para serem trabalhados de forma compartilhada e integrada com os demais componentes curriculares; v monitoramento das especialistas sobre as estratégias e ações pactuadas.

Essa ação envolve a análise dos dados educacionais, a definição de habilidades norteadoras e complementares e a elaboração de um Plano de Intervenção Pedagógica e sua execução. Para que os objetivos sejam atingidos, é importante focar nos objetivos de aprendizagem e no trabalho com as habilidades não consolidadas pelos alunos. O trabalho colaborativo entre os professores é essencial na construção do conhecimento, pois permite a troca de experiências e a construção conjunta de estratégias pedagógicas mais eficazes.

Nesse contexto, também é importante aproximar as avaliações internas e externas, não como treinamento, mas no sentido de verificar se as competências foram consolidadas. Após detectarem os descritores não consolidados pelos estudantes e entendendo com mais clareza os objetivos a que eles se propõem, os professores, numa perspectiva interdisciplinar, direcionarão suas aulas para o trabalho com a matriz de referência do Proeb. Cada professor, em seu componente curricular, fará o trabalho, de forma que as habilidades selecionadas sejam trabalhadas por todos.

As datas estipuladas para esta ação são passíveis de alterações, porque dependerão do calendário escolar. O trabalho com essa ação oportunizará a todos a aquisição dos conhecimentos necessários para o trabalho focado nas evidências fornecidas pelas avaliações externas e internas da escola.

As ações que serão discutidas nos momentos de formação dos professores não se limitam aos alunos do 9º ano do ensino fundamental, etapa de escolaridade escolhida para esse estudo, mas a todos os anos do ensino fundamental ao ensino médio, pois o problema do baixo desempenho envolve toda a escola. Com a implantação e o aprimoramento da formação continuada na escola, o trabalho focado nas habilidades e competências levará à melhoria do desempenho dos estudantes.

No entanto, torna-se fundamental a participação coletiva da equipe, a fim de que as mudanças sejam alcançadas (Alves, 2020).

Espera-se que, ao final do plano de ação, os objetivos sejam alcançados e todos os envolvidos possam fazer uso de maneira eficiente das informações disponíveis.

4.2 RODAS DE CONVERSA COM OS ESTUDANTES

As entrevistas apontaram que os estudantes não se dedicam seriamente aos testes das avaliações do Proeb. Isso gera a necessidade de promover uma sensibilização dos estudantes avaliados para que sua atitude em relação ao processo de avaliação do qual fazem parte seja alterada. Nesse sentido, é preciso oportunizar, a partir de ações propostas no PAE, situações de aprendizagens em que os estudantes venham a desenvolver suas competências e habilidades matemáticas (Costa, 2019).

Espero que, a partir das ações deste plano de intervenção, os estudantes possam também compreender que a Matemática, para além de ser um conhecimento escolar, está muito mais presente em sua vida, no seu cotidiano do que ele próprio possa pensar (Costa, 2019). Para superar a situação de fracasso, é necessário que os estudantes ampliem suas percepções sobre a disciplina, vençam preconceitos e entendam que ela está presente em todas as atividades humanas, das mais simples às mais complexas (Costa, 2019).

Heloísa Lück afirma que:

Os alunos são as pessoas para quem a escola existe e para quem deve voltar as suas ações, de modo que todos tenham o máximo sucesso nos estudos que realizam para sua formação pessoal e social. Para tanto, devem ser envolvidos em ambiente e experiências educacionais estimulantes, motivadoras e de elevada qualidade. Alunos tendo sucesso na escola, pelo desenvolvimento de seu potencial e o gosto e hábito de aprender, são o foco principal da escola. Segundo esse princípio, a pedagogia escolar de qualidade é aquela centrada no aluno, que tem o aluno, sua formação e aprendizagem como ponto de partida e de chegada na determinação de todos os planos de ação e avaliação de sua efetividade (Lück, 2009, p. 21).

Visando proporcionar aos alunos oportunidade para expor suas percepções e opiniões sobre a dinâmica do processo ensino-aprendizagem que acontece na escola e em relação ao processo avaliativo externo, serão realizadas rodas de conversas envolvendo os alunos das turmas do 9º ano do ensino fundamental.

Esses momentos terão como objetivos: fomentar a participação dos estudantes na tomada de decisões, promover o diálogo entre a equipe gestora e os estudantes; desmitificar o ensino da Matemática tornando-a mais próxima dos alunos, ser um momento de escuta e de reconhecimento da percepção desses jovens levando em conta as avaliações externas das quais já participaram e em relação às expectativas destes no que diz respeito aos testes que farão no presente ano; e ainda, através de apresentação de slide com os resultados anteriores da escola no Proeb, somada à exibição de relatos de escolas com experiências exitosas em avaliações em larga escala, levar os discentes a perceberem a importância das avaliações externas para a rede e, conseqüentemente, para a escola. Nessa perspectiva, proponho a realização de duas rodas de conversa com os estudantes, sendo uma no primeiro semestre e a outra no segundo.

Esses momentos serão agendados previamente com os alunos e serão conduzidos pelas especialistas em educação básica. Na possibilidade os professores também deverão participar, ao menos o professor de Matemática e o professor referência da turma¹⁴. Durante as rodas de conversa, cada participante terá a oportunidade de se posicionar sobre as avaliações externas, o trabalho com o componente curricular de Matemática e sobre outros assuntos que sejam relacionados à escola.

Os servidores da escola terão a oportunidade de incentivar os alunos a se dedicarem mais aos estudos, a participarem efetivamente do processo ensino-aprendizagem, uma vez que os professores consideram que os alunos não se dedicam na resolução dos testes. Será um momento para que os discentes possam questionar, fazer considerações a respeito dos vários aspectos importantes do contexto educacional, tais como clima escolar, avaliação curricular, protagonismo juvenil, projeto pedagógico, entre outros.

¹⁴ Sempre no início do ano letivo são escolhidos os alunos representantes de turma e também um professor referência para cada turma, de forma democrática.

Nesse sentido, torna-se extremamente importante a conscientização dos alunos em relação aos objetivos da avaliação em larga escala, buscando incentivá-los a se esforçarem ao máximo na realização desses testes e para vencerem as dificuldades apresentadas na aprendizagem da Matemática.

4.3 FORTALECIMENTO DA PARCERIA ESCOLA/FAMÍLIA

A falta de acompanhamento familiar aos alunos foi um problema constatado nas análises desse estudo de caso e pode estar influenciando o baixo desempenho dos alunos em Matemática. Ela é percebida através dos relatos dos entrevistados sobre a realização de atividades de casa, bem como pela pouca participação dos pais nas reuniões escolares.

Lück (2009) alerta para a importância da participação dos membros da comunidade escolar e lembra que

[...] ela pode dar-se a partir de um leque variado de possibilidades e em inúmeras atividades cotidianas do fazer pedagógico da escola. Essa participação constitui-se em condição fundamental no sentido de tornar a escola uma efetiva unidade social de promoção da educação, apenas plenamente possível mediante a participação da comunidade, segundo o princípio de que é necessária toda uma comunidade para educar uma criança (Lück, 2009, p. 74-75).

Acredito que a parceria da família no contexto educacional soma força aos trabalhos desempenhados e que, a partir desse movimento, os resultados do Proeb ganhem lugar no planejamento de ensino e sejam motivadores para repensar práticas pedagógicas (Ferreira, 2017).

Visando ouvir as famílias sobre as ações desempenhadas e os eventos realizados na escola e para que esta possa melhor atendê-las, será realizada uma enquête com questões relacionadas ao funcionamento da escola, reuniões pedagógicas e outros. O trabalho com a enquête se torna significativo por permitir aos pais expressar as opiniões sobre diferentes aspectos, como a qualidade do ensino oferecido, os eventos realizados, como reuniões pedagógicas e outras questões. Essa ação irá promover um senso de inclusão e participação ativa das famílias nas decisões escolares, contribuindo assim para aumentar a confiança e a colaboração entre escola e família. Isso resultará na melhoria do ambiente educacional.

Sem dúvida, quando pais e responsáveis se sentem ouvidos e valorizados, tornam-se mais presentes e ativos durante os processos de desenvolvimento cognitivo e intelectual dos filhos. As enquetes escolares, para além de facilitar a comunicação entre escola e família, também contribuem para criar um ambiente de confiança mútua (Tiburski, 2024).

As decisões tomadas com base em dados concretos, de fato, são mais eficazes e têm maior probabilidade de sucesso. As enquetes escolares também são bastante eficientes para investigar as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos e suas famílias no contexto escolar (Tiburski, 2024). São ótimas para obter sugestões de melhorias diretamente do público interessado: a comunidade escolar. Um dos grandes benefícios é construir uma relação de parceria e cooperação entre escola e família (Tiburski, 2024).

O quadro 11 apresenta um modelo de enquete que poderá ser usada na escola. Ela deverá ser disponibilizada através da internet e de forma impressa, tendo em vista que muitos pais não têm acesso à internet ou não têm familiaridade com o uso do celular para fazer o preenchimento devido. Após todos preencherem, será necessário fazer o consolidado das informações e disponibilizar os resultados para a comunidade escolar, procurando considerar as opiniões da maioria para o planejamento das reuniões pedagógicas e para o trabalho em sala de aula.

Quadro 11 - Modelo de enquete a ser utilizada com as famílias

- | |
|--|
| <p>1 – Qual ano/série escolar o seu filho estuda? _____</p> <p>2 – Qual turno:</p> <p>() matutino () vespertino () integral</p> <p>3 – Você reside na:</p> <p>() zona rural () zona urbana</p> <p>4 - Quais são as maiores dificuldades que seu filho enfrenta na escola?</p> <p>() Dificuldades de aprendizagem: problemas de leitura, escrita, matemática etc.</p> <p>() Falta de apoio pedagógico: necessidade de acompanhamento individualizado, etc.</p> <p>() Bullying, racismo, discriminação.</p> <p>() Falta de comunicação: a escola não se comunica com os pais de forma eficaz.</p> <p>() Ambiente escolar: a escola precisa melhorar sua infraestrutura, segurança etc.</p> |
|--|

() Outras (especifique): _____

() O meu filho não apresenta dificuldade na escola.

5 – Qual o melhor horário para as reuniões pedagógicas?

() No horário das aulas em que meu filho estuda.

() Após o horário das aulas.

() Aos sábados.

() _____ Outros (especifique): _____

6 – Qual a melhor forma de comunicação que a escola deve usar para as reuniões pedagógicas?

() Bilhetes.

() Grupos de Whatsapp.

() Redes sociais.

() _____ Outros (especifique): _____

7 - Que tipo de apoio você gostaria que a escola oferecesse aos seus filhos?

8 - Você tem alguma sugestão para melhorar a qualidade do ensino na escola?

—

9 - Você se sente acolhido (a) e bem-vindo (a) na escola?

() Sim

() Não

() Às vezes

10 - Você tem alguma sugestão para melhorar a participação dos pais na vida escolar dos alunos?

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Para que a família possa se fazer presente na escola, é necessário que ela se sinta bem acolhida e como parte importante da instituição (Silveira, 2019). Pensando nisso, a escola realizará o “Dia da família na escola”, envolvendo pais, alunos, professores e funcionários. A ação busca ofertar às famílias dos estudantes momentos de lazer e descontração, valorizando as habilidades artísticas dos

discentes, os quais são os atores principais da instituição. Tem como objetivo a valorização e acolhimento das famílias dos estudantes e como uma forma da escola mostrar para a comunidade as atividades que estão desenvolvendo durante o ano letivo.

A equipe gestora organizará, juntamente com os professores e demais funcionários da escola, o evento e preparará os estudantes para as apresentações artístico-culturais como forma de homenagem e reconhecimento, que serão direcionadas aos pais e/ou responsáveis pelos alunos. A divulgação do evento será através de convites impressos, grupos de WhatsApp e das redes sociais da escola. Será realizada no mês de outubro, por haver a possibilidade de aproveitar o momento para divulgação dos resultados das avaliações externas e das atividades realizadas até a presente data. Além das apresentações artísticas, terá também um momento de confraternização onde a escola oferecerá um almoço para os presentes.

4.4 PROJETO “PARA CASA: AMPLIANDO O TEMPO DE APRENDER”

Além de ações para ouvir os responsáveis e melhorar o acolhimento destes na escola, faz-se necessário pensar em ações para estimular tanto a formação de hábitos de estudos como o acompanhamento dos pais na resolução das atividades de casa, criando assim uma rotina de estudos que trará muitos benefícios para o desenvolvimento dos alunos.

Os professores entrevistados relataram que um grande número de alunos não realiza as atividades propostas para serem realizadas em casa, ou as realizam sem a devida atenção e reflexão. Daí a necessidade de se pensar em ações que podem estimular a formação de hábitos de estudos e a realização das atividades propostas pelos professores. Segundo Rocha (2014), apud Padial (2013),

Além do estímulo à formação de hábitos de estudo, as Lições de Casa/Para Casa, têm lugar definido no processo de ensino-aprendizagem. No processo de aprendizagem, elas atendem aos objetivos de: 1) desenvolver a autonomia e responsabilidade - possibilitam ao estudante lidar sozinho com os conteúdos vistos na aula e organizar-se para entregar as tarefas na data estabelecida e com a qualidade exigida pelo professor; 2) provocar a reflexão sobre a própria formação - permitem descobrir quais conhecimentos já ficaram bem entendidos e quais precisam de atenção e perguntas em sala para tirar dúvidas; 3) praticar as habilidades aprendidas -

sistematização e apropriação de conceitos. No processo de ensino, as lições servem para: 1) replanejar as aulas, com base na avaliação da aprendizagem - ao analisar a execução da tarefa, o coordenador e o professor saberão se algum conteúdo necessita ser retomado com abordagem diferente; 2) planejar a formação docente - o acompanhamento permanente das lições de casa pelo coordenador revela os conteúdos e as didáticas que precisam ser incluídas nos horários pedagógicos coletivos (Rocha, 2014, p. 112).

Para tentar melhorar o desempenho dos alunos nas atividades para casa, será organizado um caderno, fornecido pela escola, para o registro das atividades realizadas. Em reunião prévia com os professores, será criado um cronograma onde, cada dia da semana, o professor de um componente curricular do núcleo básico comum será o responsável pela tarefa. Essa ação será desenvolvida nas turmas do 6º ano do ensino fundamental.

A que considerar que

Concebido como parte integrante do processo ensino-aprendizagem, o dever de casa não apenas afeta seu planejamento e implementação, e, portanto, o trabalho docente, mas afeta também a vida dos estudantes fora da escola e sua rotina familiar, pois supõe a conexão entre as atividades de sala de aula e de casa, e uma estrutura doméstica adequada apoiando as atividades escolares (Carvalho, 2004, p. 95).

Tendo em vista a opinião da autora citada, é importante pensar também na visão da família, que pode ver o dever de casa como uma necessidade válida para melhorar a aprendizagem dos filhos, sendo uma prática desejável, ou como uma dificuldade a mais, dependendo das condições materiais e intelectuais para o seu acompanhamento (Carvalho, 2004). Há que se levar em conta que essa prática expõe contradições e possíveis conflitos entre escola e família (Carvalho, 2004).

Para tentar amenizar a possibilidade de rejeição das famílias a essa ação, elas serão convidadas a participar de uma reunião, em que poderão opinar sobre o assunto e também apresentar sugestões de melhoria. É importante que a gestão escolar e os professores sensibilizem alunos e pais sobre a importância do projeto e os benefícios que a realização das tarefas trará para o desempenho dos discentes. É interessante analisar o dever de casa como instrumento de interação entre família e escola (Carvalho, 2004).

É de fundamental importância a parceria das famílias no acompanhamento sistemático das tarefas de casa realizadas pelos filhos, através de vistos nos

cadernos. Os professores responsáveis observarão se as tarefas foram realizadas e farão os registros em um formulário específico para esse fim. Todas as tarefas serão corrigidas e sanadas as dúvidas dos alunos.

Semanalmente, as especialistas em educação básica irão às turmas atendidas para verificar como está o andamento do projeto. Essa visita tem como objetivo ajudar às turmas a perceberem o valor que a escola dá as atividades e ser um ponto de apoio para o trabalho do professor.

As famílias dos alunos que não estiverem realizando as atividades serão convidadas para uma conversa e verificação dos motivos da não realização delas. Nas reuniões bimestrais que acontecem na escola, os pais serão ouvidos sobre o andamento do projeto e as dificuldades e avanços dos filhos. Ao longo do ano letivo, a ação deverá ser avaliada e adaptada conforme a necessidade.

Como afirma Rocha (2014)

Para atingir os objetivos citados, é fundamental que a lição de casa seja bem planejada e faça sentido, por isso devem ser observadas características como: ter relação com o conteúdo estudado, apresentar desafios possíveis de serem realizados, apresentar propostas diversificadas, ser adequada às necessidades de aprendizagem, ter equilíbrio na quantidade e ter clareza no objetivo e na orientação. É importante que o aluno construa a consciência de que o erro e a dúvida não são problemas, mas informações valiosas para a equipe pedagógica (Rocha, 2014 p.113).

Para que esta ação atinja o seu objetivo, é necessário um bom planejamento com todos os atores envolvidos e uma efetiva comunicação entre professores, pais e alunos. O dever de casa é uma forma de comunicação muito eficaz entre os pais e a escola, ao informar acerca da missão acadêmica da instituição, possibilitando o acompanhamento das atividades que estão sendo realizadas em sala de aula, como é o trabalho do professor e o desempenho do filho (Carvalho, 2004).

4.5 MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO DAS AÇÕES REALIZADAS

Entende-se por monitoramento “o processo de acompanhamento sistemático e descritivo dos processos de implementação de plano ou projeto de ação, com o objetivo de garantir sua maior efetividade” (Lück, 2009, p. 45). O monitoramento e a avaliação têm caráter de “*feedback*”, necessário ao trabalho educacional e têm como

objetivo promover a melhoria do desempenho e dos resultados obtidos (Lück, 2009). É necessária a existência de um plano de ação a ser implementado e o esforço em acompanhar o processo de implementação, com vistas a empregar bem o tempo, manter o ritmo de trabalho, realizar as ações previstas, empregar adequadamente os recursos e esforços previstos, dentre outros aspectos, com foco na promoção da aprendizagem dos alunos (Lück, 2009).

Apesar de serem processos essenciais para a gestão, o monitoramento e a avaliação em educação não são práticas comuns nas escolas brasileiras (Lück, 2009). Na escola em estudo, são pensadas ações direcionadas para a melhoria dos resultados, mas estas não são realizadas de forma efetiva, o que demonstra a ausência de monitoramento, acompanhamento e apoio para a realização dessas ações. Isso fica evidente pela descontinuidade de ações iniciadas e pela falta de registros das ações realizadas. Diante desse fato, verifica-se a necessidade de criação de um sistema de monitoramento e acompanhamento do trabalho docente para a melhoria da aprendizagem dos alunos, a fim de identificar falhas, corrigir rumos e rotas.

Para a tomada de decisão e melhoria dos resultados educacionais, o gestor deve, juntamente com sua equipe pedagógica:

[...] estabelecer na escola práticas de monitoramento de todos os processos educacionais e de avaliação de seus resultados, em todos os segmentos de atuação, com foco na maior efetividade das ações promovidas e melhores resultados de aprendizagem e formação dos alunos (Lück, 2009, p. 43).

Para tanto, a fim de garantir a concretização das ações registradas no plano de ação da escola, apresento um quadro de monitoramento a ser adotado pela gestão escolar, a fim de subsidiar a efetiva realização dessas propostas.

O quadro 12 apresenta um modelo de instrumento de monitoramento que será utilizado na escola para acompanhar a execução das atividades planejadas. O monitoramento e a avaliação, como instrumentos de gestão de planos ou projetos, têm, enfim, por objetivo contribuir, durante a implementação destes, para determinar o ritmo da realização das atividades, avaliar seus resultados, corrigir rumos, assim como orientar possível redesenho dos planos ou projetos, de forma a dar-lhes maior efetividade em novos estágios de trabalho (Lück, 2009).

Quadro 12 - Instrumento de monitoramento e avaliação do PAE

Ações	Responsável pela ação	Período para início	Período de realização	Fragilidades da ação	Potencialidades da ação
1					
2					
3					
4					
5					

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

O processo de monitoramento aqui proposto não tem como objetivo vigiar ou intimidar o trabalho do professor, mas de acompanhar a execução das propostas, auxiliando-os em suas dificuldades. Ele deve servir como um norte para evitar que as ações se percam em meio à sobrecarga de atividades cotidianas. Deve servir para que o trabalho aconteça sempre em prol da qualidade do ensino-aprendizagem.

Dada a importância do monitoramento das ações, será elaborado um cronograma para acompanhamento das ações propostas. Bimestralmente, a gestão da escola e as especialistas se reunirão para avaliar o andamento das ações e, caso seja necessário, fazer um replanejamento das datas. No entanto, após cada reunião de planejamento, deve ser avaliada por cada participante, através de um formulário no *Google* criado para esse fim, com o objetivo de conseguir informações que propiciem à equipe gestora análise e direcionamento da pauta para as reuniões seguintes. O formulário, permite o *feedback* das ações e oferece informações para a construção de relatórios pelas especialistas, devendo ser posteriormente compartilhados, discutidos e utilizados pela equipe pedagógica ao finalizar cada projeto.

Para a implementação do PAE na escola, serão utilizados recursos próprios da caixa escolar, bem como materiais e equipamentos já existentes.

Em suma, considero extremamente importante a execução de todas as ações propostas neste Plano de Ação Educacional, para que as mudanças realmente aconteçam, no sentido de direcionar o trabalho da equipe gestora da escola com vistas

à melhoria do processo ensino-aprendizagem em sala de aula e, assim, contribuir para a melhoria do desempenho dos estudantes. É preciso que ele seja apropriado e implementado por todos na escola, na perspectiva de desenvolver um trabalho colaborativo.

A seguir, nas considerações finais, retomo o percurso desta pesquisa a partir da questão inicial levantada na introdução e da motivação para o desenvolvimento deste estudo. Para isso, considero a percepção dos atores entrevistados quanto aos fatores associados ao baixo desempenho dos alunos nas avaliações do Simave/Proeb, enquanto ferramenta diagnóstica e orientadora do trabalho, com o propósito de melhorar a qualidade do ensino-aprendizagem. Respondo com base na análise dos dados aos questionamentos e questões de pesquisa e ainda faço considerações, explicando as possibilidades de pesquisas futuras para ampliação das investigações sobre o tema.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação busquei, por meio da realização de pesquisas documentais, bibliográficas e de campo, analisar os fatores associados ao baixo desempenho dos alunos da E. E. Joaquim Santos Costa nas avaliações externas do Simave/Proeb. Tive como intuito identificar os principais desafios para a melhoria da qualidade do ensino oferecido à comunidade escolar, propor ações para a melhoria do desempenho dos alunos e, conseqüentemente, dos resultados da escola. Primeiramente, apresentei todo o contexto situacional da escola, seus resultados no recorte histórico de 2018 a 2023, além dos principais programas, projetos e ações ali desenvolvidas e seus respectivos impactos para a aprendizagem dos estudantes.

O tema escolhido está relacionado com a minha atividade profissional enquanto pesquisadora, pois atuo como especialista em educação básica, na escola em estudo, desde 2007. O desenvolvimento da pesquisa se deu através da busca pelos resultados da escola, disponíveis nos sites oficiais como o Simave e o Inep e da análise dos documentos internos como livros de atas e o projeto político pedagógico, buscando assim as evidências do problema apontado. Também foi necessário levantar hipóteses sobre o baixo desempenho dos alunos.

No estudo bibliográfico, analisei as obras de autores que são referência nas questões relacionadas aos fatores extraescolares, intraescolares e sobre apropriação de resultados, como Matos et al. (2017), Laros; Marciano; Andrade (2012), Soares (2004, 2007), Alves e Soares (2008), Palermo; Silva; Novellino (2014), Soligo (2010), Machado (2017), e Alavarse; Bravo; Machado (2013). Na etapa de pesquisa de campo, realizei entrevistas semiestruturadas com os professores de Matemática, professores de outros componentes curriculares, especialistas e o diretor, para verificar quais são os principais problemas que comprometem a aprendizagem dos estudantes, na percepção desses atores.

Em seguida, procurei fazer a análise dos dados coletados em campo, à luz do referencial teórico que dá suporte à pesquisa ora desenvolvida, na tentativa de compreender melhor a situação apresentada. Essa análise foi fundamental para levantar dados, subsidiar as estratégias propostas no sentido de melhorar a aprendizagem dos estudantes.

Considero uma boa escolha dos instrumentos para a coleta de dados, pois me permitiu levantar as impressões, conhecimentos e dificuldades enfrentadas pelos

entrevistados a respeito das avaliações externas, dos fatores associados ao desempenho dos alunos e de como acontece o trabalho na escola, percebendo que já há um trabalho sendo desenvolvido, mas que precisa ser aprimorado.

No decorrer da pesquisa, percebi que a escola realiza a análise dos dados do Simave/Proeb e que, a partir deles, é proposto trabalho de intervenção pelos professores de todos os componentes curriculares, mas a falta de monitoramento e avaliação das atividades desenvolvidas faz com que muitas ações iniciadas não sejam concluídas com o zelo necessário.

O maior desafio no trabalho de campo foi me manter imparcial diante das respostas, pois como especialista exerço um papel de liderança na apropriação dos resultados e na elaboração e acompanhamento das atividades a serem desenvolvidas na escola. Esses momentos me causaram inquietações e me permitiram refletir sobre a minha atuação profissional.

Todos os profissionais convidados aceitaram participar da pesquisa, o que mostra um sentido de colaboração e abertura para realizar as mudanças que se fazem necessárias no fazer pedagógico da escola. Não foi possível perceber grandes divergências nas respostas dos entrevistados, mostrando que o trabalho com os alunos que se encontram no baixo desempenho já foi iniciado, sendo necessárias uma sistematização e monitoramento das ações planejadas.

Como resposta ao questionamento em relação aos fatores associados ao baixo desempenho foram apontados a defasagem de aprendizagem dos alunos, em Matemática, desde os anos iniciais; dificuldade em leitura, escrita e interpretação; alunos que chegam à escola sem estarem alfabetizados ou em processo inicial de alfabetização; ensino de um currículo fora da realidade dos alunos; disparidade entre o trabalho em sala de aula, e o que realmente é cobrado nas avaliações externas; falhas no trabalho pedagógico da escola; má formação inicial dos professores; profissionais despreparados para trabalhar com alunos com dificuldades de aprendizagem e de adaptação ao ambiente escolar; desinteresse e desmotivação dos alunos e indisciplina escolar. Foi possível perceber que há um pensamento de responsabilização dos alunos pelos resultados insatisfatórios da escola nas avaliações externas.

Considereei de fundamental importância que a pesquisa fosse ampliada para ouvir as percepções dos pais e alunos, mas em virtude da limitação do tempo a que o mestrado está sujeito, não foi possível, ficando como recomendação para pesquisas

futuras. Como forma de ouvir os pais e alunos, está proposta no Plano de Ação Educacional (PAE) a realização de uma enquête onde os pais poderão opinar sobre as questões educacionais e apresentar sugestões de melhoria. Para os alunos, será realizada uma roda de conversa na qual estes terão a oportunidade de se posicionarem frente aos temas relacionados ao ensino-aprendizagem e referentes às avaliações externas. Dessa maneira, espero que a gestão escolar leve em consideração os apontamentos dos pais e alunos para novos direcionamentos na escola.

A partir desses fatores apontados, propus um plano de ação, a ser apresentado à equipe escolar e executado no corrente ano, cuja finalidade é resolver ou amenizar os efeitos dos problemas existentes na escola pesquisada, propondo a criação e implementação de ações com vistas à melhoria dos resultados do desempenho acadêmico, tanto relacionados com as famílias, buscando aproximá-las da instituição, dar oportunidade para os alunos se posicionarem sobre o fazer pedagógico da escola e também ações internas como a formação continuada para os professores, elaboração do planejamento a partir da análise dos dados das avaliações externas e internas da escola e a elaboração de planos de intervenção pedagógica para atender aos alunos que se encontram no baixo desempenho. Essas ações se fazem necessárias para que o trabalho seja executado com excelência, visando à melhoria da qualidade da educação ofertada nesta unidade escolar.

A pesquisa foi realizada não para apontar culpados, mas para encontrar caminhos de superação dos desafios que é oferecer uma educação de qualidade para todos e com equidade. Esse caminho será trilhado através do trabalho coletivo de todos os servidores da escola, sob a gestão do diretor. É necessário que os pais e alunos se percebam como parte essencial da escola e que tenham voz e vez. O diálogo entre todos os membros da comunidade escolar deve ser constante e produtivo.

É importante lembrar que a eficácia das ações propostas não depende apenas de um bom planejamento e formulação, mas, principalmente, da capacidade de implementação e monitoramento por parte da gestão escolar. Monitoramento esse que não poderá ser visto como fiscalização, mas como direcionamento e apoio às atividades a serem executadas.

Enquanto pesquisadora, considero que foi um período desafiador, mas de grande aprendizado e crescimento pessoal e profissional. Foi necessário muito estudo

e leitura de diversos autores e isso ampliou o meu conhecimento sobre as avaliações externas e sobre gestão escolar, fazendo com que eu tivesse um novo olhar para o cotidiano da escola.

É importante compreender que as avaliações externas, cada vez mais, se tornam um indicador a ser utilizado pelas escolas, subsidiando a equipe gestora na tomada de decisão e fomentando ações de melhoria da aprendizagem. A partir da análise das informações trazidas pelos dados educacionais, as escolas podem traçar estratégias pedagógicas mais assertivas para a melhoria do processo ensino-aprendizagem e para a elevação da proficiência dos alunos nas disciplinas avaliadas e, conseqüentemente, nas demais disciplinas estudadas, bem como na formação geral do educando.

Assim, acredito que, para que a instituição pesquisada melhore seus resultados educacionais, faz-se necessário que esses fatores que interferem no baixo desempenho sejam atenuados por todos os seus membros, que, cientes dos problemas existentes, somem suas forças na execução deste PAE. Destarte, ao concluir esta pesquisa, considero que a política de avaliação educacional ganha sentido quando as informações são utilizadas em favor do planejamento para superar as lacunas apresentadas no trabalho docente, envolvendo todos os componentes curriculares na busca por melhoria na aprendizagem dos alunos. No entanto, é importante ressaltar que o PAE é passível de aprimoramento e adequação das estratégias de implementação, visando sempre a superação do desafio de oferecer educação pública de qualidade e com equidade para todos.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, G. S. Avaliação como ferramenta de gestão: Reflexões sobre o uso e a apropriação de resultados. In: BORGES, E. M et al. (org.). **Casos de Gestão: Políticas e situações do cotidiano educacional**. Juiz de Fora: Projeto CAEd/Fadepe, 2018. p. 13 - 21. Disponível em: <http://mestrado.caedufjf.net/wp-content/uploads/2019/02/BOOK-CASOS-DE-GEST%C3%83O-V5-2018-com-capa.pdf>. Acesso em: 06 de mai. de 2023.
- ALAVARSE, Ocimar M.; BRAVO, Maria Helena; MACHADO, Cristiane. Avaliações externas e qualidade na educação básica: articulações e tendências. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 24, n. 54, p. 12, 30 abr. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.18222/eae245420131900>. Acesso em: 15 jun. 2023.
- ALVES, Alesandra Maia Lima; BETANIA DE ANDRADE MARTINS, Elita; RANGEL MIRANDA, Denise. A influência das avaliações externas no trabalho docente e na significação de qualidade. Instrumento - **Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**, v. 21, n. 2, 21 dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/1984-5499.2019.v21.27803>. Acesso em: 08 de abril de 2024.
- ALVES, Gislaine Aparecida Aguiar Silva. **Apropriação e uso de resultados do Simave/Proeb na Escola Estadual Fernando Melo Viana: um possível caminho na busca da qualidade da educação**. 2020. Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação/CAEd. Programa de Pós Graduação em Gestão e Avaliação da Educação Pública. 2020.
- ALVES, Maria Gilda de Oliveira. **A Apropriação dos Resultados do Programa de Avaliação da Educação Básica (Proeb) Em Uma Escola de Ensino Médio de São Sebastião da Vargem Alegre – Minas Gerais**. 2017. Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação/CAEd. Programa de Pós Graduação em Gestão e Avaliação da Educação Pública. 2017.
- ALVES, Maria Teresa Gonzaga; SOARES, José Francisco. O efeito das escolas no aprendizado dos alunos: um estudo com dados longitudinais no Ensino Fundamental. **Educação e Pesquisa**, v. 34, n. 3, p. 527-544, dez. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1517-97022008000300008>. Acesso em: 09 de jul. de 2024
- BONAMINO, Alicia; SOUSA, Sandra Zákia. Três gerações de avaliação da educação básica no Brasil: interfaces com o currículo da/na escola. **Educação e Pesquisa**, v. 38, n. 2, p. 373-388, 14 fev. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1517-97022012005000006>. Acesso em 20 de maio de 2023.
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Em Tese: **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política** da UFSC, v. 2, n. 1 (3), janeiro-julho, 2005, p. 68-80. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027> Acesso em: 05 de jul. 2024.

BRASIL | Cidades e Estados | IBGE. 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/comercinho>. Acesso em 09 de abril de 2023

BRASIL. IDEB_ **Índice de desenvolvimento da educação básica**. Dados disponíveis em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb/resultados>. Acesso em 24 de janeiro de 2023

BRASIL. INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Educacenso**. Disponível em: <https://censobasico.inep.gov.br/censobasico/#/>. Acesso em 19 de abr. de 2023

BRASIL INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira **Nível Socioeconômico** (Inse) — | (www.gov.br) Acesso em 26 de janeiro de 2023

BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 134, n. 248, p. 1-289, 23 dez. 1996.

BROOKE, Nigel; CUNHA, Maria Amália de A. A avaliação externa como instrumento da gestão educacional nos estados. **GAME/FAE/UFMG**. 2011. Disponível em: <http://www.fvc.org.br/pdf/livro2-01-avaliacao.pdf>. Acesso em: 25 dez. 2024.

CAED. PPGP. Leitura 2: **Colaboração para a gestão do currículo — anos escolares. Disciplina Currículo e Desenvolvimento Profissional**, 2024. Disponível em: <https://ppgp5.caedufjf.net/login/index.php>. Acesso em: 23 out. 2024.

CANDIAN, J. F; REZENDE, W. S. O contexto normativo do clima escolar e o desempenho dos alunos: implicações para o debate sobre gestão escolar. **Pesquisa e Debate em Educação**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 25–41, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/RPDE/article/view/32235>. Acesso em: 21 fev. 2024.

CARVALHO, Luis Claudio Rodrigues de. **A Apropriação de Resultados do Proeb e as Estratégias Utilizadas Por Duas Escolas de Ensino Fundamental da Rede Estadual de Ensino de Juiz de Fora**. 2015. Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação/CAEd. Programa de Pós Graduação em Gestão e Avaliação da Educação Pública. P. 122. 2015.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Escola como extensão da família ou família como extensão da escola? O dever de casa e as relações família-escola. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p. 94-104, abr. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413-24782004000100009>. Acesso em: 18 jan. 2025.

COSTA, Deodato Gomes. **Baixo desempenho em Matemática e práticas de ensino: inquietações necessárias, explicações possíveis**. 2019. Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de

Educação/CAEd. Programa de Pós Graduação em Gestão e Avaliação da Educação Pública. 2019.

ESCOLA ESTADUAL JOAQUIM SANTOS COSTA. **Livro de Ata de Conselho de Classe**, Comercinho (MG), 2022.

ESCOLA ESTADUAL JOAQUIM SANTOS COSTA. **Livro de Ata de Resultado Final**, Comercinho (MG), 2022.

ESCOLA ESTADUAL JOAQUIM SANTOS COSTA. **Projeto Político Pedagógico**, Comercinho (MG), 2022.

FERREIRA, Amanda Sena Valdivia. **Interpretação e apropriação dos resultados do Simave: Um estudo de caso do uso das informações da avaliação externa de Matemática como instrumento de gestão curricular**. 2019. Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação/CAEd. Programa de Pós Graduação em Gestão e Avaliação da Educação Pública. 2019.

FRANCO, Karla Oliveira; CALDERÓN, Adolfo Ignacio. O Simave à luz das três gerações de avaliação da educação básica. *Estudos em Avaliação Educacional*, v. 28, n. 67, p. 132, 28 abr. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.18222/eae.v0ix.3826>. Acesso em 03 de jun. 2023

INSTITUTO UNIBANCO. **Como funciona circuito de gestão**. São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.institutounibanco.org.br/iniciativas/jovem-de-futuro/como-funciona/> Acesso em: 29 de maio 2024.

INSTITUTO UNIBANCO, **Relatório de Atividades Jovem de Futuro 2020**, Minas Gerais: Instituto Unibanco, 2020. Disponível em https://cdnportaliuprd.portalinstitutounibanco.org.br/wp-content/uploads/2021/02/IU-Relatorio_atividades_MG_2020.pdf

KLEIN, Ruben. Utilização da Teoria de Resposta ao Item no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB). **Revista Meta: Avaliação**, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 125-140, sep. 2009. ISSN 2175-2753. Disponível em: <<https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/view/38>>. doi:<http://dx.doi.org/10.22347/2175-2753v1i2.38>. Acesso em: 17 mai. 2024.

LAROS, Jacob Arie; MARCIANO, João Luiz; ANDRADE, Josemberg Moura de. Fatores associados ao desempenho escolar em Português: um estudo multinível por regiões. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 20, n. 77, p. 623-646, dez. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-40362012000400002>. Acesso em: 03 abr. 2024.

LÜDKE, Menga; BOING, Luiz Alberto. Do trabalho à formação de professores. **Cadernos de Pesquisa**, v. 42, n. 146, p. 428-451, ago. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0100-15742012000200007>. Acesso em: 25 dez. 2024.

LÜCK, Heloísa. **Dimensões da gestão escolar e suas competências**. Curitiba. Positivo, 2009.

MACHADO, C. Avaliação externa e gestão escolar: reflexões sobre usos dos resultados. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 70–82, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.unicid.edu.br/ambienteeducacao/article/view/117>. Acesso em: 27 mar. 2024.

MARQUES, Maria Vanderli de Souza. **Apropriação de Resultados da Avaliação em Larga Escala em Uma Escola Mineira de Ensino Médio: Limites e Possibilidades de Ações Gestoras**. 2017. Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação/CAEd. Programa de Pós Graduação em Gestão e Avaliação da Educação Pública. P. 186. 2017.

MATOS, Daniel Abud Seabra et al. Impactos das práticas familiares sobre a proficiência em Língua Portuguesa e Matemática no Ensino Fundamental. **Pro-Posições**, v. 28, n. 1, p. 33-54, abr. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2015-0151>. Acesso em: 27 mar. 2024.

MINAS GERAIS. **Decreto 46125, DE 04/01/2013**. Regulamenta dispositivos da Lei nº 15.293, de 5 de agosto de 2004. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/mg/decreto-n-46125-2013-minas-gerais-regulamenta-dispositivos-da-lei-no-15-293-de-5-de-agosto-de-2004>. Acesso em 25 de março de 2023.

MINAS GERAIS. **Documento Orientador Conselho de classe 2022**. Disponível em: <https://mail.google.com/mail/u/3/?zx=ul60evh4awzl#search/documento+orientador+c onselho+de+classe/WhctKKXpNWJwRvnHHzXKwQCzqcLKRjXvGwsXNtvKkflXXbrkIWWCzSFkSkdpcstRPCqgvgG?projector=1.pdf> Acesso de 11 de março de 2023.

MINAS GERAIS. **Documento Orientador Conselho de representantes de turma 2024**. Disponível em: <https://mail.google.com/mail/u/3/#search/conselho+de+representantes/WhctKKZWkjQkZSvBXPqPSPzwbCPpKwMMkvlZZBMJWHgKbtjkVmXNVGWWhrTxnkPKXMzsvBnq> Acesso de 03 de maio de 2024.

MINAS GERAIS. **Documento Orientador Reforço Escolar Fortalecimento das Aprendizagens**. 2022 1 a 13. Disponível em: <https://www2.educacao.mg.gov.br/images/documentos/Anexo%203%20-%20Documento%20Orientador%20Refor%C3%A7o%20Escolar.pdf> Acesso de 09 de dezembro de 2022

MINAS GERAIS. **Portal das avaliações educacionais**. Disponível em: <https://avaliacoes.educacao.mg.gov.br/avalia%C3%A7%C3%B5es-educacionais/proalfa>. Acesso em 29 de abril de 2024.

MINAS GERAIS. **Resolução SEE nº 4310/2020**. Instituiu o regime especial de atividades não presenciais (Reanp). Disponível em: https://sindespemg.com.br/wp-content/uploads/2020/10/Boletim_14092075_Boletim_de_Legislacoes_e_Normas_n.01-1.pdf Acesso em: 4 maio 2024.

MINAS GERAIS. **Resolução SEE nº 4.468 de 20 de dezembro de 2020**. Estabelece regime de progressão continuada excepcionalmente para o ciclo 2020-2021, para todos os níveis e modalidades de ensino, nas escolas da rede pública estadual de ensino de Minas Gerais. Disponível em: https://www2.educacao.mg.gov.br/index.php?option=com_gmg&controller=document&id=25923-resolucao-see-n-4468-2020?layout=print. Acesso em: 27 de novembro de 2022.

MINAS GERAIS. **Resolução SEE nº 4.692, de 29 de dezembro de 2021**. Dispõe sobre a organização e o funcionamento do ensino nas escolas estaduais de educação básica de Minas Gerais e dá outras providências. Disponível em: <http://www.pesquisalegislativa.mg.gov.br/LegislacaoCompleta.aspx?cod=198723&m-arc=> Acesso em 11 de março de 2023.

MINAS GERAIS. **Resolução SEE Nº 4.948, de 25 de janeiro de 2024**. Dispõe sobre a organização e o funcionamento do ensino nas escolas estaduais de educação básica de Minas Gerais e dá outras providências. Belo Horizonte, 2024. Disponível em: <https://www.educacao.mg.gov.br/documentos-legislacao/resolucao-see-n-o-4-948-2024/>. Acesso em: 2 maio 2024.

MINAS GERAIS. **Resolução SEE Nº 4.968, de 23 de fevereiro de 2024**. Estabelece normas para o cumprimento da carga horária destinada às atividades extraclasse pelo professor de educação básica das escolas da rede estadual de ensino de Minas Gerais. 2024. Disponível em: <https://www.educacao.mg.gov.br/wp-content/uploads/2024/02/4968-24-r-Public.-24-02-24.pdf>. Acesso em: 26 de maio de 2024.

MINAS GERAIS. **Resolução SEE Nº 5065, de 18 de setembro de 2024**. Dispõe sobre a Assembleia Escolar e sobre a estrutura, o funcionamento e o processo de eleição dos membros do Colegiado Escolar na rede estadual de ensino de Minas Gerais. 2024. Disponível em: <https://www.educacao.mg.gov.br/wp-content/uploads/2024/09/5065-24-r-Public.-19-09-24.pdf> Acesso em: 01 de dez. de 2024.

PALERMO, Gabrielle A.; SILVA, Denise Britz do Nascimento; NOVELLINO, Maria Salet Ferreira. Fatores associados ao desempenho escolar: uma análise da proficiência em matemática dos alunos do 5º ano do ensino fundamental da rede municipal do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 31, n. 2, p. 367-394, dez. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-30982014000200007>. Acesso em: 08 de jul. 2024.

QEDU, 2022. Disponível em: <https://gedu.org.br/escola/31184641-ee-alphonsus-de-quimaraes/ideb>. Acesso em 09 de dezembro de 2022.

ROCHA, Creusa Coelho da Silva. **Análise do baixo desempenho em Matemática dos alunos do 6º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Getúlio Vargas (Belo Horizonte - MG)**. 2014. Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação/CAEd. Programa de Pós Graduação em Gestão e Avaliação da Educação Pública. 2014.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SANTOS, Vanda de Lourdes. **O baixo desempenho em Matemática no Ensino Médio: conhecendo uma realidade mineira**. 2017. Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação/CAEd. Programa de Pós Graduação em Gestão e Avaliação da Educação Pública. 2017.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. Sistema Mineiro de Avaliação e Equidade da Educação Pública (Simave). Disponível em: <https://www.simadeweb.educacao.mg.gov.br/SimadeWeb/inicio.faces#> Acesso em 19 de abr. de 2023.

SILVEIRA, José Antônio da. **Análise dos fatores relacionados ao baixo desempenho dos estudantes da escola de ensino médio Professora Marieta Santos no estado do Ceará**. 2019. Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação/CAEd. Programa de Pós Graduação em Gestão e Avaliação da Educação Pública. 2019.

SOARES, José Francisco. Melhoria do desempenho cognitivo dos alunos do ensino fundamental. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 130, p. 135-160, abr. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0100-15742007000100007>. Acesso em 25 de mar. de 2024.

SOARES, José Francisco. O efeito da escola no desempenho cognitivo dos seus alunos. REICE. **Revista Ibero-Americana de Qualidade, Eficiência e Mudança na Educação**, [S. l.], v. 2, não. 2, 2004. DOI: 10.15366/reice2004.2.2.006. Disponível em: <https://revistas.uam.es/reice/article/view/5550>. Acesso em: 27 de junho 2024.

SOLIGO, V. Possibilidades e desafios das avaliações em larga escala da educação básica na gestão escolar. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, n. 9, p. 1–15, 2010. DOI: 10.22633/rpge.v0i9.9275. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/9275>. Acesso em: 25 jun. 2024.

TEIXEIRA, Beatriz de Basto. Comunidade escolar. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade; DUARTE, Adriana Maria Cancelli; VIEIRA, Lívia Maria Fraga. (Org.). **Dicionário de Trabalho, Profissão e Condição Docente**. 1ed. Belo Horizonte, MG: Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, 2010, v. 1.

TIBURSKI, Raquel. **Enquetes escolares: um guia completo para escolas conectadas**. 2024. Diário escola superapp. Disponível em: <https://diarioescola.com.br/enquetes-escolares-um-guia-completo-para-escolas-conectadas/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista semiestruturada para os professores de Matemática da Escola Estadual Joaquim Santos Costa

Prezado (a) Professor (a),

As informações coletadas a partir desta entrevista serão utilizadas na minha pesquisa no Mestrado em Gestão e Avaliação da Educação Pública da Universidade Federal de Juiz de Fora, intitulada “Baixo desempenho em Matemática dos alunos de uma escola estadual do Vale do Jequitinhonha no Proeb: caminhos para superação”. O objetivo da pesquisa é analisar os fatores relacionados ao baixo desempenho dos alunos no 9º ano do ensino fundamental da E. E. Joaquim Santos Costa em Matemática nas avaliações do Simave/Proeb. A sua identidade será preservada.

Desde já agradeço a sua colaboração nesta pesquisa.

Bloco 1: Perfil do entrevistado

1. Faça um breve relato de sua vida profissional, incluindo formação, tempo de serviço e experiência profissional.
2. Qual a importância das avaliações externas para a escola? E para o seu trabalho?
3. Quais fatores, em sua opinião, interferem nos resultados dos alunos nessa avaliação externa do Proeb?

Bloco 2: Fatores extraescolares associados ao desempenho

4. Você conhece a realidade das famílias dos alunos dessa escola? Os pais dessa escola apoiam e incentivam a aprendizagem dos filhos? De que forma? Isso tem impactado, na sua opinião, o desempenho dos alunos? Em que medida?
5. Você passa e corrige lição de casa? Com que frequência? Os alunos as realizam? Em sua opinião quais são as dificuldades dos alunos na realização desses deveres?

Bloco 3: Fatores intraescolares associados ao desempenho

6. Quais são as maiores dificuldades que você encontra para o trabalho com seus alunos em sala de aula?
7. A que você atribui o desinteresse dos alunos pela Matemática escolar?
Observação: essa questão só deve ser colocada se o professor falar do desinteresse.

8. Como você tem motivado os seus estudantes a enfrentarem as dificuldades na aprendizagem de Matemática?
9. Que estratégias você utiliza para ensinar Matemática para seus alunos e como você trabalha com aqueles se encontram no baixo desempenho?
10. Há algum trabalho de Intervenção Pedagógica pela elevação dos resultados em Matemática na escola? Quais? Como funciona?
11. Quais ações podem ser realizadas pela equipe gestora da escola para a melhoria do desempenho do aluno no Simave na disciplina de Matemática?
12. De que maneira os professores das disciplinas não avaliadas podem contribuir para a melhoria dos resultados das avaliações do Proeb?

Bloco 4: Avaliação externa e apropriação de resultados

13. Como é feita a divulgação dos resultados das avaliações externas na escola? Quais são as orientações e as estratégias utilizadas pela gestão para que os professores façam a apropriação dos resultados?

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista semiestruturada para os professores de outros componentes curriculares da Escola Estadual Joaquim Santos Costa

Prezado (a) Professor (a),

As informações coletadas a partir desta entrevista serão utilizadas na minha pesquisa no Mestrado em Gestão e Avaliação da Educação Pública da Universidade Federal de Juiz de Fora, intitulada “Baixo desempenho em Matemática dos alunos de uma escola estadual do Vale do Jequitinhonha no Proeb: caminhos para superação”. O objetivo da pesquisa é analisar os fatores relacionados ao baixo desempenho dos alunos no 9º ano do ensino fundamental da E. E. Joaquim Santos Costa em Matemática nas avaliações do Simave/Proeb. A sua identidade será preservada.

Desde já agradeço a sua colaboração nesta pesquisa.

Bloco 1: Perfil do entrevistado

1. Faça um breve relato de sua vida profissional, incluindo formação, tempo de serviço e experiência profissional.
2. Qual a importância das avaliações externas para a escola? E para o seu trabalho?
3. Quais fatores, em sua opinião, interferem nos resultados dos alunos nas avaliações externas do Proeb?

Bloco 2: Fatores extraescolares associados ao desempenho

4. Você conhece a realidade das famílias dos alunos dessa escola? Os pais dessa escola apoiam e incentivam a aprendizagem dos filhos? De que forma? Isso tem impactado, na sua opinião, o desempenho dos alunos? Em que medida?
5. Você passa e corrige lição de casa? Com que frequência? Os alunos as realizam? Em sua opinião quais são as dificuldades dos alunos na realização desses deveres?

Bloco 3: Fatores intraescolares associados ao desempenho

6. Quais são as maiores dificuldades que você encontra para o trabalho com seus alunos em sala de aula?
7. A que você atribui o desinteresse dos alunos pelo seu componente curricular?
Observação: essa questão só deve ser colocada se o professor falar do desinteresse.

8. Como você tem motivado os seus estudantes a enfrentarem as dificuldades na aprendizagem?
9. Há algum trabalho de intervenção pedagógica pela elevação dos resultados em Matemática na escola? Quais? Como funciona?
10. Quais ações podem ser realizadas pela equipe gestora da escola para a melhoria do desempenho do aluno no Simave na disciplina de Matemática?
11. De que maneira, o seu trabalho com o seu componente curricular, pode contribuir para a melhoria dos resultados das avaliações do Proeb?

Bloco 4: Avaliação externa e apropriação de resultados

12. Como é feita a divulgação dos resultados das avaliações externas na escola? Quais são as orientações e as estratégias utilizadas pela gestão para que os professores façam a apropriação dos resultados?

APÊNDICE C – Roteiro de entrevista semiestruturada para especialista em educação básica / Diretor escolar da Escola Estadual Joaquim Santos Costa

Prezado (a) Diretor / Especialista em educação básica,

As informações coletadas a partir desta entrevista serão utilizadas na minha pesquisa no Mestrado em Gestão e Avaliação da Educação Pública da Universidade Federal de Juiz de Fora, intitulada “Baixo desempenho em Matemática dos alunos de uma escola estadual do Vale do Jequitinhonha no Proeb: caminhos para superação”. O objetivo da pesquisa é analisar os fatores relacionados ao baixo desempenho dos alunos no 9º ano do ensino fundamental da E. E. Joaquim Santos Costa em Matemática nas avaliações do Simave/Proeb. A sua identidade será preservada. Desde já agradeço a sua colaboração nesta pesquisa.

Bloco 1: Perfil do entrevistado

1. Faça um breve relato de sua vida profissional, incluindo formação, tempo de serviço e experiência profissional.
2. Qual a importância das avaliações externas para a escola? E para o seu trabalho?
3. Quais fatores, em sua opinião, interferem nos resultados dos alunos nas avaliações externas do Proeb?

Bloco 2: Fatores extraescolares associados ao desempenho

4. Você conhece a realidade das famílias dos alunos dessa escola? Os pais dessa escola apoiam e incentivam a aprendizagem dos filhos? De que forma? Isso tem impactado, na sua opinião, o desempenho dos alunos? Em que medida?

Bloco 3: Fatores intraescolares associados ao desempenho

5. Há algum trabalho de intervenção pedagógica pela elevação dos resultados em Matemática na escola? Qual? Como funciona?
6. Quais ações podem ser realizadas pela equipe gestora da escola para a melhoria do desempenho do aluno no Simave na disciplina de Matemática?
7. De que maneira o seu trabalho como diretor/especialista pode contribuir para a melhoria dos resultados das avaliações do Proeb?

Bloco 4: Avaliação externa e apropriação de resultados

8. Como é feita a divulgação dos resultados das avaliações externas na escola? Quais são as orientações e as estratégias você utiliza para que os professores façam a apropriação dos resultados?
9. Quais ações ou estratégias você acha que precisam ser implementadas para superar o baixo desempenho em Matemática dos alunos da escola?

APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “Baixo desempenho em Matemática dos alunos de uma escola estadual do Vale do Jequitinhonha no Proeb: caminhos para superação”. O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é investigar sobre os fatores que podem estar associados ao baixo desempenho dos alunos nas avaliações do Proeb em Matemática, buscar formas de superar essas dificuldades e contribuir para a criação de práticas pedagógicas mais eficazes.

Para esta pesquisa adotaremos o seguinte procedimento: entrevista semiestruturada de forma anônima, com perguntas relacionadas ao tema.

Para participar deste estudo o Sr. (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o Sr. (a) tem assegurado o direito a indenização. O Sr. (a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Sr. (a) é atendido (a) pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

O (A) Sr (a) não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira, utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, no Programa de Pós-graduação Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública do **Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora** e a outra será fornecida ao Sr. (a). Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados no mesmo local acima indicado.

O (A) Sr (a) concorda que o material coletado possa ser utilizado em outros projetos do Programa de Pós-graduação Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública do **Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação da Universidade Federal de Juiz**

de Fora, sendo assegurado que sua identidade será tratada com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira, utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos?

() Sim ou () Não

Caso sua manifestação seja positiva, esta autorização poderá ser retirada a qualquer momento sem qualquer prejuízo.

Eu, _____, portador do documento de Identidade _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa “Baixo desempenho em Matemática dos alunos de uma escola estadual do Vale do Jequitinhonha no Proeb: caminhos para superação”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Comercinho (MG), _____ de _____ de 2024.

Nome	Assinatura participante	Data
------	-------------------------	------

Nome	Assinatura pesquisador	Data
------	------------------------	------

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

Neirivone Marques Rezende do Amaral

Campus Universitário da UFJF

Faculdade de Educação/CAED

CEP: 39628-000

Fone: (33) 99958-6969

E-mail: neirivoneamaral.mestrado2022@caed.ufjf.br